Diário de Lisboa

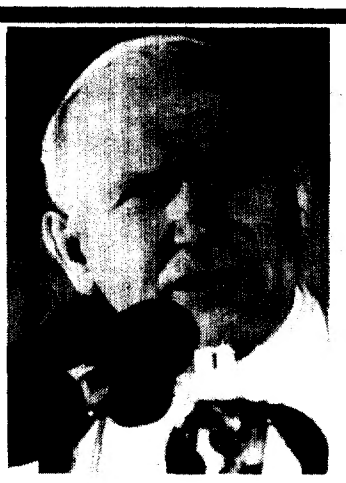
ANO 63 N.º 21 399
Março 1984
Segunda-feira

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Papa recebe Soares depois de ouvir bispos portugueses

Pág. 5



No Rio, os foliões não param. A foto foi tirada na madrugada de hoje

É Carnaval, lembra-se?

Houve tempos em que também os portugueses brincaram ao Carnaval. Agora, a crise resume a quadra a algumas comemorações sem brilho. Ficam-nos as imagemsn de além-Atlântico onde, mais que não seja para manter a tradição, se assume integralmente o ditado: «tristezas não pagam dívidas».

Págs. 8 e 20

Benfica para Liverpool

Enquanto a turma soviética do Shakhtior Donetsk já se encontra no Porto, para o jogo de 4.ª feira, com os azuis-brancos, a contar para a «Taça dos Vencedores de Taças», o bloco benfiquista viaja ao princípio da tarde de hoje para Liverpool, onde se confronta com o «onze» local para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus». Com toda a confiança dos adeptos portugueses, mais fortalecida após o banho de futebol dado aos bracarenses, na rodada 20 do campeonato.

Pág. 14

Rali de Portugal: o desfile antes da estrada

A Lancia-Martini apresentou hoje a sua equipa participante no Rallye de Portugal, durante uma recepção que teve lugar ao fim da manhã nas instalações da Casa da Imprensa.

Entretanto os carros foram patente ao público no Largo do Camões, depois de um trajecto em caravana, do Estoril até áquele Largo, com passagem pela Avenida da Liberdade e Chiado.

Pág. 12

A equipa «Lancia-Martini» esta manhã, no Camões

Hoje no Sete Ponto Sete

Construa nos telhados!

Dez Anos Depois

Textos concorrentes entregues só até ao fim do mês

Os textos concorrentes ao Dez Anos Depois, concurso com que o «DL» celebra o décimo aniversário do 25 de Abril, só nos podem ser entregues até ao final do corrente mês de Março. Em Paris, a secção portuguesa da Radio France Internationale associou-se à nossa iniciativa e está a receber, para nós, textos de jovens emigrantes.

Pág. 2

O "DL" no Rallye de Portugal com

MARTINI

CONCURSO DL Sábado Los Angeles 84

Envie as respostas até quarta-feira!

As respostas do primeiro teste deste mês do concurso «Los Angeles 84» deverão dar entrada no «Diário de Lisboa» até à próxima quarta-feira, dia 7. No próximo sábado anunciaremos o nome do vencedor desta semana. E no fim do corrente mês de Março será atribuído o primeiro televisor a cores! Todas as respostas deverão ser enviadas para «Diário de Lisboa» — Concurso «Los Angeles 84» — Rua Luz Soriano, 44 — 1200 — Lisboa.

FNAC

Somos o ar condicionado

Dez anos depois, que significa para si o 25 de Abril?

● *Os textos concorrentes só podem ser entregues até ao fim de Março*

Regulamento

Estamos a menos de um mes do fim do prazo de recebimento de textos concorrentes – o prazo caduca, sem apelo, no ultimo dia do corrente mes de Março. – E a altura de recordar as regras do concurso, e o modo de nele participar.

1 – Podem concorrer ao «Dez Anos Depois» todos quantos completam no maximo, 30 anos ate ao dia 25 de Abril de 1984, inclusive.

2 – Os textos concorrentes devem responder, num maximo de dez paginas dactilografadas (cada pagina contendo um maximo de 25 linhas) a pergunta seguinte: DEZ ANOS DEPOIS, O QUE SIGNIFICA PARA SI O 25 DE ABRIL?

3 – O «Diario de Lisboa» aceita como concorrentes ao «Dez anos Depois» todos os tipos de textos – menos poesia.

4 – Um juri, cuja composicao o «Diario de Lisboa» divulgara em breve, apreciara os textos concorrentes e das suas decisoes nao havera apelo.

5 – O «Diario de Lisboa» atribuira aos três primeiros classificados premios de 25 000$00, 15 000$00 e 10 000$00, respectivamente. Alem disso, publicara nas suas paginas os dez melhores textos concorrentes.

6 – Cada autor so pode concorrer com um texto, que enviara ao «Diario de Lisboa» – Concurso «Dez Anos Depois», Rua Luz Soriano, 44 – Lisboa. Pode entrega-lo em mao nesta morada, ou envia-lo pelo correio. Neste caso, so serao admitidos a concurso os textos em cujo envelope os correios tiverem aposto, NO MAXIMO, a data do ultimo dia do corrente mes de Marco.

7. – Os textos concorrentes tem de ser rigorosamente ineditos, e os seus autores não podem ter sido publicados EM LIVRO ate a data em que caduca a entrega de textos para o concurso.

8. – Cada texto concorrente tem obrigatoriamente de ser assinado com pseudonimo. A identidade verdadeira do autor deve ser-nos confiada em envelope fechado contendo, igualmente, o pseudonimo escolhido, a morada completa do autor, uma fotocopia do seu bilhete de identidade comprovativa da idade e uma sua fotografia tipo passe.

O nao cumprimento destas normas de identificação, no seu todo ou em parte, compromete sem apelo a admissao a concurso do texto enviado.

9. – So e necessario enviar UMA COPIA do texto concorrente.

10. – O «Diario de Lisboa» não devolvera os textos enviados ao concurso «Dez Anos Depois», devendo os seus autores guardar originais ou copias em seu poder.

No estrangeiro

Por acordo estabelecido entre o «Diario de Lisboa» e a secção portuguesa da Radio France Internationale, os concorrentes residentes fora de Portugal, (em França ou em outro pais europeu) podem, dentro do prazo estabelecido pelo «Diario de Lisboa», enviar os seus textos a esta estaçao emissora, que se encarregara de no-los fazer chegar. Neste caso, cada texto concorrente e a identificaçao do seu autor devem ser enderecados a Radio France Internationale, Secçao Portuguesa, Concurso «DL» «DEZ ANOS DEPOIS», Maison de la Radio, 75016 Paris

O gambito Lucas Pires

Beja Santos

HÁ por aí uns analistas simplórios, afanosos em explicitar, dissecar e ampliar as mensagens cabalisticamente rubicundas do dr. Lucas Pires. O periclitante líder do CDS, ateado pelo desespero de ver outrem, de diferente credo, a exercitar programaticamente os seus anseios doutrinais, moldou subtilmente e no maior segredo a variável estratégica do ano político de 1984. Desenganem-se todos os incautos que tomaram à letra o liminar desafio da apresentação formal, no próximo dia 12 de Março, de um projecto de revisão da parte económica da Constituição. Não estamos em tempo de histórias da carochinha. Em primeiro lugar, a revisão em si está em marcha sem quaisquer contrapartidas sociais ou eleitorais para o CDS. Em segundo lugar, ninguém de bom senso acredita numa subida de temperatura só porque na Constantinopla os teólogos possam discutir o sexo espúrio do monetarismo de centro-esquerda ou centro-direita.

Então qual o segredo do oitavo selo desta oposição que não o pode ser mas que tem um comandante com garra de apostador?

Deploro retirar todo o impacto ao vendaval que vai assolar o País da política, rarefeita em palavras cruzadas. Na manhã de 12 de Março, à saída de uma entrevista com o sr. Presidente da República, o dr. Lucas Pires, após precisar os objectivos que motivaram a audiência que demorou uma hora, pondo designadamente a ênfase nos primeiros saldos e promoções de carne nos talhos e na batata a 50$00, dirá para os atordoadores meios da comunição social:

— Esta tarde, o CDS proporá a revisão do n.º1 do art.º 126.º da Constituição. É só.

Paira o silêncio glacial. Os jornalistas não têm, com efeito, a Constituição decorada. O dr. Lucas Pires perorará, sibilino:

— Meus senhores, vamos propor a liberalização da reeleição presidencial. Deixou de ter sentido a não admissão de uma reeleição para terceiro mandato consecutivo. Estamos em crer que quatro quintos dos deputados nos acompanharão no semipresidencialismo social de mercado. Nada temos a opôr à concorrência em Belém. Nada mais há a acrescentar.

Estalará o pânico. Suceder-se-ão os «briefings», os conciliábulos, os areópagos de gerontes, as interpretações doutas do n.º 2 do art.º 286.º, pupulação as blasfémias, as apostasias e os anátemas. Será a anticrise.

Convenhamos que a balbúrdia a todos interessa. Veja-se o seguinte:

— Esquecem-se os aumentos, a carestia da vida, o desemprego, Vizela, o aborto;

— O PSD, em Braga, submeter-se-á às leis termodinâmicas do impasse:

O prof. Mota Pinto, que já foi eanista e mandatário nacional do general Soares Carneiro, nada tem a expor e a impor; o dr. Mota Amaral, que conhece a gestão de nove ilhas mas que desconhece as virtualidades teologais de um terceiro mandato, nada tem a opor ou a supor;

— O PCP não virá a terreiro discutir com os ideólogos burgueses a sua concepção de candidato democrático e nacional. Reservará para o hemiciclo a sua tomada de posição. Para depois de Abril, por certo;

— O CDS fusionará, pela negativa, a tensão adrianista e a impaciência barbosista;

— O PS, cônscio de que mais um ano com o FMI às costas não é factor despiciendo, argumentará que o PSD não pôs em causa a estabilidade governativa e não lhe compete provocar uma explosão emocional, visto que estão por aferir os propósitos sinistros do progenitor de tal revisão. Primeiro salvar a economia; depois salvar o presidencialismo civilista;

— A UDP fará a sua leitura científica do entrebuchar do regime. Ou seja, o lucaspirismo é igual ao eanismo, os reformistas estão com os bofes de fora, chegou a hora da almejada revolução.

Ganhar-se-á um mês em debates quesilentos e em facúndia intempestiva. Aguardar-se-á o discurso presidencial de 25 de Abril. Em austeridade, sem política económica, esmagados pelo peso do Mito.

Ademais, seja qual for a má-fé com que se queira desancar na habilidade deste gambito, especule-se sobre quem será o verdadeiro usufrutuário desta variável estratégica.

Haverá, porventura, surpresas. Só de pensar em quais, há que banzar com o engenho temível do dr. Lucas Pires. Depois de Capablanca, de tal, de Pachman, de Bobby Fisher, ei-lo, como formidável inovador.

Dispomos, felizmente, de génios à nossa volta. E quando um génio sacrifica torres, bispos e cavalos, em nome de uma solidariedade nacional, há que respeitá-lo.

Pelo menos até que se saiba quem vai perder a partida.

Grandes dificuldades para a energia nuclear nos EUA

Vicente Marinho

Nos Estados Unidos da América a utilização da energia nuclear para produção de electricidade atravessa uma crise de grandes proporções que pode pôr em risco o seu futuro.

Os custos dos reactores têm subido muito mais do que se esperava e muito mais do que a inflacção. As dicifuldades financeiras das empresas de electricidade não têm parado de crescer.

Os prazos de projecto, de licenciamento e de construção têm crescido perante o espanto dos mais ferrenhos nuclearistas. Por exemplo, o prazo de licenciamento de construção, que inicialmente andava à volta de um ano, cresceu para quatro anos, o prazo de construção cresceu de cerca de cinco anos para cerca de dez anos, havendo casos em que atingiu treze e mais anos.

O comportamento dos equipamentos tem sido muito pior do que o previsto. Esperava-se ser possível atingir disponibilidades médias de 80% e não se tem ido além de 60%. Primeiro com os reactores do tipo BWR (tubagens de pequeno diâmetro) e depois com os reactores do tipo PWR (tubagens do gerador de vapor), os materiais não suportam as condições a que estão sujeitos e deterioram-se rapidamente. Abrem fendas que dão origem a fugas de água, frequentemente do circuito primário, isto é, o circuito que engloba a zona mais delicada do reactor, o núcleo de combustível.

Mais recentemente, os geradores de vapor do tipo D3 da Westingouse na central sueca da Ringhals e na central espanhola de Almaraz revelaram, ao fim de poucos meses de funcionamento, um comportamento inesperado, abrindo fendas. Houve que substituir equipamentos em dezenas de reactores, do mesmo tipo, na Europa e nos EUA.

Os acontecimentos na central de Browns Ferry em 1975, o acidente de «Three Miles Island» em 1979 e os frequentes casos de incompetência e deficiente gestão na execução do projecto, na construção e na exploração de reactores nucleares lançou a desconfiança nas próprias empresas, nas autoridades regulamentadoras e fiscalizadoras, no aparelho de Estado, nos órgãos do poder e na opinião pública.

Em resultado dessa desconfiança a regulamentação e a fiscalização tornaram-se mais exigentes.

A Nuclear Regulatory Comission (NRC) produz diariamente novos requisitos, recusa licenças, obriga reactores a suspender a produção, multa empresas.

Nas primeiras semanas de 1984 uma série de acontecimentos vieram de novo chamar a atenção para a gravidade da situação.

A NRC recusou a licença de exploração para o reactor de Byron-1, pertence à maior empresa nucleo-eléctrica dos EUA, a Commonwealth Edison, de Chicago, proprietária de várias reactores. Byron-1 encontra-se quase completa e a empresa programava carregar o combustível em meados de Fevereiro, o que já não poderá fazer. Para justificação da sua atitude, a NRC invocou a sua falta de confiança nos processos de controlo de qualidade utilizados em diferentes fases da construção do reactor e na formação e qualificação do pessoal utilizado por uma das empresas construtoras, a Hatfield Electric Co, segundo a publicação «The Energy Daily», de 16 de Janeiro.

Uns dias depois a Public Service Co, de Indiana, anunciava a sua decisão de cancelar a realização de dois reactores na central de Marble Hill, num total de 2260 MW, que se encontrava a meio da construção, depois de dispender cerca de 2,9 mil milhões de dólares. Cem trabalhadores foram despedidos e 573 passaram a trabalhar apenas quatro dias por semana.

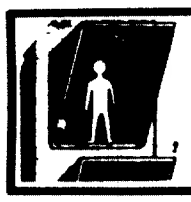
Uma outra empresa, a Cincinnati Gas & Electric, que, com outras duas empresas, construiu o reactor de 810 MW de Zimmer, no Ohio, anunciou que estava a travar a construção da parte nuclear da central. Este emprendimento, a cuja construção a NRC deu a certa altura ordem de paragem, encontrava-se concluído em 97%, tendo sido despendidos 1,7 mil milhões de dólares e estimando-se em 1,2 a 1,8 mil milhões o montante ainda a despender. Os proprietários da central têm estado a estudar duas alternativas: abandonar o projecto ou convertê-lo numa central a carvão, aproveitando a parte que pode ser comum às centrais dos dois tipos e abandonando a parte nuclear.

Ainda em Janeiro a construção dos dois reactores de Limerick foi suspensa por 18 meses, depois de um dispêndio de 3 mil milhões de dólares, por decisão de um conjunto de empresas de electricidade da Pensilvânia.

Na central de Hathc, da Georgia Power Co., foi descoberta uma grande rotura numa tubagem de vapor, o que levou a NRC a ordenar a suspensão desta e de outras cinco centais semelhantes, do tipo BWR, para que seja possível investigar a existência de idênticas roturas ou de sinais de que venham a aparecer a curto prazo.

À CLASSE MÉDICA
Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções
Av. João XXI, 5-D – 1000 (Metro Areeiro) – R. Infantaria 16, 55-C – 1300 LISBOA

Em OLHÃO o Diário de Lisboa vende-se na PAPELARIA FARRACHA



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

política de A a Z

O Estado e a Igreja – a Igreja e os trabalhadores

A visita do Primeiro-Ministro ao Vaticano, e a audiência que, por via diplomática portuguesa, foi solicitada ao Papa João Paulo II, não pode ser considerada no quadro político português como um golpe habilidoso para uso interno, mas é certo que ocorre numa fase delicada das relações entre a Igreja e o Estado. Numa fase em que a Igreja, a pretexto da iniciativa legislativa de despenalização do aborto, atacou rudemente partidos, pressionou instituições, e rudemente pretendeu interferir em debates legislativos que estavam a ter lugar no órgão de soberania competente: a Assembleia da República.

Entre Portugal e o Vaticano há problemas a discutir, a equacionar. E serão esses, e não justificações quanto à despenalização (muito relativa) do aborto, que serão objecto das conversações que Mário Soares irá ter em Roma. Reduzir a visita à dimensão da «questão da despenalização do aborto» é o reflexo da mediocratização da vida política nacional em que os políticos se empenham. Mas — não sejamos ingénuos — a visita do Primeiro-Ministro ao Papa, a poucos dias da visita ao presidente Reagan, terá que ser considerada num esforço promocional que, na corrida para Belém, se torna tanto mais necessário quanto é cada vez mais provável que pela mão de Mota Pinto, ou apesar de Mota Pinto, o PSD prepare a sua própria candidatura às eleições presidenciais de 1985.

Face a um Mota Pinto marcado irremediavelmente pelo provincianismo originário e pelo pretensiosismo catedrático; face a um insular virtuoso mas desprovido de experiência política continental; face a um general cujas competências são as do ofício castrense e de fugazes incursões governativas; Mário Soares surgiria como o homem de Estado e do Mundo, o que vai a Moscovo, o que vai a Roma, o que vai a Washington.

Todavia, a visita ao Vaticano, deverá ser considerada à luz de outras coordenadas. Nem as da estratégia para as presidenciais, nem só as da táctica para envolver e segurar o parceiro da coligação. A visita tem lugar quando a crise económica e social atinge proporções tais que a Igreja não cala a sua preocupação. Mário Soares pode contabilizar positivamente, as repercussões na opinião pública e nos meios católicos da sua visita ao Papa, mas o Governo a que preside não pode deixar de contabilizar, negativamente, como crítica aos seus actos e orientação em matéria de política social, as censuras claras de uma parte da Igreja, as expressões inequívocas da preocupação de alguns bispos.

Os bispos D. Manuel Martins, de Setúbal, e D. João Alves, de Coimbra, exprimiram já o que pensam de uma situação que suscita as mais sérias preocupações morais e sociais. A situação da diocese de Setúbal é gravíssima. São milhares e milhares de trabalhadores sem salário ou com os salários em atraso. São milhares e milhares de famílias a enfrentar dificuldades e carências. No distrito e diocese de Setúbal há fome. E a fome é má conselheira.

De Coimbra, é D. João Alves que reconhece numa carta pastoral: «Muitos portugueses sofrem já de carências dos bens mais indispensáveis, como a alimentação e o vestuário, a habitação, saúde e educação. Muitos já não têm o pão de cada dia e, ao faltar-lhes este pão, começa a faltar-lhes igualmente a esperança».

O bispo de Coimbra mostra-se preocupado com o aumento do desemprego, com a falta de perspectivas económicas e sociais para a solução da situação de crise, admite o agravamento desta situação de crise que, nalguns pontos do país, dada a inserção local e social das empresas, se configura já como de calamidade social.

Não se descortinam, da parte do Governo, empenhamento e projectos, planos vastos ou medidas pontuais enérgicas, para dar solução à situação económica e aos problemas laborais e sociais que vai constituindo, no tecido social, roturas sucessivas e da maior gravidade, como afirma D. João Alves: «as carências de muitos milhares de pessoas atingirão um ponto que pode classificar-se de extrema gravidade». Enquanto as condições de vida dos trabalhadores mal pagos ou não pagos, e as dos desempregados, se degradam de dia para dia, não cessam «os gastos supérfluos e de luxo — é o bispo de Coimbra que acusa — o excessivo desperdício em festas, mesmo religiosas, são tudo formas de desperdício incompatíveis com a situação que o país vive».

Esta tomada de posição de uma parte da hierarquia da Igreja Católica deverá ser meditada pelo Governo PS-PSD. A Igreja revela a sua sensibilidade social, não ignora os problemas dos trabalhadores, e não está disposta — é esse o exemplo dos padres da diocese de Setúbal e o significado da carta pastoral de D. João Alves — a cobrir com o seu silêncio os erros de uma política de irresponsabilidade social.

Para o bispo de Coimbra «só uma atitude verdadeiramente solidária pode permitir levar a bom porto a barca em que todos nos encontramos». Não se vê que o Governo esteja aberto à compreensão de que são necessárias medidas urgentes para dar solução aos problemas económicos e sociais que atingem já uma grande parte da população portuguesa. As explicações políticas, as justificações político-partidárias, viciam, no discurso dos governantes, o exame rigoroso da situação nacional de crise. E não falta, no Governo, quem pretenda reduzir a **crise social** *— e os seus naturais aspectos de protesto legítimo e de dramatismo exaltado — a um simples* **problema de ordem política.**

O equilíbrio da gestão empresarial e as exigências naturais de produtividade, não podem ser colocadas à frente, ou acima, do direito ao trabalho e à remuneração justa do trabalho prestado. A **situação nacional de crise** *terá que ser resolvida, com urgência e com energia, mas sem alargar e aprofundar a crise já existente.*

As palavras dos bispos, que traduzem preocupação e alarme, deverão ser escutadas, e meditadas, pelos governantes e pelos homens políticos.

Degradaram-se as condições de vida, perdeu-se a confiança, está-se a correr o risco de ver comprometida a esperança.

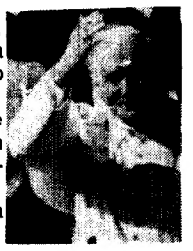
O Governo não pode esperar de ardis tácticos e de sucessos diplomáticos, a resposta aos problemas que afligem os portugueses. É em Portugal que é necessário encontrar as soluções.

De Setúbal vêm exemplos, de Coimbra chegam-nos palavras, que revelam estar a Igreja atenta às questões sociais, à vida real, às «pedras vivas». Quererá o Governo atentar nesses exemplos, ouvir essas vozes?

ponto a ponto

NA última reunião de trabalho realizada na «Obra do Ardina», sob a presidência de **Manuela Eanes,** foi anunciado que o Lar de Passagem e Acolhimento de Adolescentes e Jovens (iniciativa integrada naquela obra) dispõe já da verba necessária para se tornar uma realidade. Esta verba foi conseguida através do «Bazar Internacional de Natal», no qual teve papel relevante a «Associação das Mulheres dos Diplomatas», de cuja actividade noticiámos há dias a realização de um chá com a presença de Manuela Eanes e das mulheres dos embaixadores acreditados em Lisboa.

O Partido Socialista venceu as eleições para a Assembleia de Freguesia de Figueiredo, concelho de Braga, obtendo 208 dos 537 votos entrados nas urnas. Nos lugares seguintes ficaram o PPM, o CDS e a APU, respectivamente com 182, 76 e 59 votos.



O bispo de Leiria, D. Alberto Cosme do Amaral, partiu para Roma para se juntar à peregrinação da sua diocese, que seguiu sexta-feira em quatro autocarros.

A peregrinação de Leiria, composta por cerca de 200 pessoas, será recebida quarta-feira pelo **Papa João Paulo II,** a quem agradecerão a **visita efectuada a Fátima** em 13 de Maio de 1982.

D. Alberto Cosme do Amaral regressa a Leiria na quinta-feira.

O segundo congresso regional da União Democrática Popular da Madeira decorrerá no **Funchal** a 2 e 3 de Junho – soube a ANOP de fontes partidárias.

Acrescentaram que durante o dia de ontem realizou-se na capital madeirense uma reunião de quadros democratas-populares, que se destinou a «debater a aplicação das conclusões do sexto congresso nacional da organização».

Foi igualmente definida a «linha de orientação visando o reforço da UDP na Região Autónoma da Madeira, com vista à realização do segundo congresso regional».

A UDP mantém, desde 1976, dois deputados na Assembleia Regional e a presidência da Junta de Freguesia de Machico.

O ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, prometeu em **Gouveia** melhoramentos na rede viária do concelho e disse que as obras para a implantação de uma central de camionagem iriam arrancar em breve.

Desta forma, irá ser alargada a estrada 232, construindo, na estrada 330, um nó rodoviário, com variantes para Guarda e Manteigas.

Chile: aproximam-se graves conflitos

VATICÍNIOS locais e internacionais prevêem um Outono conturbado no Chile, após o termo do período de férias anuais e a anunciada ofensiva da oposição política e sindical contra o regime do general Augusto Pinochet, instalado no poder através de um golpe de Estado há mais de dez anos.

As Forças Armadas interromperam o processo democrático neste país a 11 de Setembro de 1973, depois de derrubarem o falecido presidente socialista Salvador Allende.

Nos últimos anos tornou-se evidente um reagrupamento da oposição e, a partir de Maio de 1983, forças políticas indo da direita republicana à extrema esquerda, associações de trabalhadores e sectores sociais, iniciaram as denominadas Jornadas Nacionais de Protesto contra o governo.

O regime reagiu com energia reprimindo duramente os dissidentes. Houve dezenas de mortos, centenas de feridos e milhares de prisões. Porém, os protestos persistiram.

Em 1983 surgiu a opositora Aliança Democrática (AD), integrada por direitistas republicanos, democratas-cristãos, sociais-democratas, radicais e um sector socialista.

Além disso, foi criado o Movimento Democrático Popular (MDP, esquerda), que aglutina comunistas, socialistas e independentes de esquerda.

Paralelamente o movimento sindical fortaleceu-se e emergiu a figura do líder mineiro, Rodolfo Seguel, hoje presidente do Comando Nacional de Trabalhadores (CNT) e da poderosa Confederação de Trabalhadores do Cobre (CTC).

A Aliança defendeu no ano passado em diversos documentos públicos a urgente restituição da democracia ao Chile «para evitar situações como as ocorridas na América Central», a imediata restituição dos direitos políticos e civis, respeito pelos direitos fundamentais, entre outros.

Especificamente, a AD propôs: a) a demissão do general Pinochet; b) Instalação de uma Assembleia Constituinte e; c) que esta normalize a institucionalização democrática no Chile num prazo máximo de 18 meses.

Estas posições foram apoiadas pelo MDP e organizações de trabalhadores.

Um diálogo político iniciado em Agosto passado entre a Aliança e o governo fracassou depois de o ministro do Interior, Sérgio Onofre Jarpa, ter respondido de uma forma que decepcionou a oposição e de Pinochet ter confirmado publicamente que tencionava manter-se no poder até 1989.

Houve dezenas de mortos, centenas de feridos e milhares de prisões: porém, os protestos persistiram

As autoridades afirmam que «este governo é legítimo pois foi ratificado pela Constituição de 1980, aprovada num plebiscito», efectuado em Setembro desse ano.

Segundo essa carta, Pinochet deve exercer a Presidência da República até 1989, altura em que poderá candidatar-se à reeleição.

A oposição rejeita o plebiscito e a Constituição de 1980, argumentando que os chilenos foram convocados sob duras condições restritivas das liberdades, sem partidos políticos, sem participação dissidente, sem registos eleitorais e sob as condições impostas pelo regime.

Depois do período de calma do feriado anual, em princípios de Fevereiro, mais de oitenta federações e confederações reuniram-se em Santiago presididas por Seguel, e acordaram efectuar uma nova Jornada Nacional de Protesto, a 27 de Março, e uma paralisação laboral em Maio.

A iniciativa teve posteriormente o apoio de sectores políticos e profissionais.

Numa reunião de dirigentes nacionais, o presidente do MDP, o médico socialista, Manuel Almeida, propôs a substituição do governo das Forças Armadas e anunciou o apoio do movimento ao protesto de Março, à paralisação de Maio.

Almeida foi encarcerado no passado dia 15 de Fevereiro em face de um requerimento do governo nesse sentido apresentado à justiça civil, situação que exacerbou os ânimos esquerdistas.

Enquanto as forças políticas reafirmam o seu anseio de regresso à democracia, classificando o regime de «ditadura militar», os assalariados apoiam essa aspiração e solicitam a entrada em vigor de um plano económico de emergência para fazer face ao desemprego, que, segundo os sindicatos, ultrapassa os 35 por cento da população activa, estimada em 3,5 milhões de trabalhadores.

Também solicitam a revogação do plano laboral vigente há cerca de quatro anos, por considerarem que ele apenas favorece os patrões, a restituição do poder aquisitivo real dos salários.

Por seu lado, um sector empresarial, fundamentalmente do Comércio e Transportes, estuda medidas de força que poderiam coincidir com a paralisação laboral de Maio.

Os empresários advertem que, se o Governo não solucionar o seu problema de endividamento e os efeitos da prolongada crise económica, não afastam a possibilidade de uma paralisação.

O dirigente sindical Federico Mujica indica que «a cadeia de falencia de empresas – com um recorde de 804 em 1982 – é um problema que afecta tanto os trabalhadores como os empresários».

Ambos os sectores criticam a política económica neoliberal vigente desde 1974, a qual culpam pela actual crise.

Entretanto, o ministro do Trabalho Hugo Galvez, advertiu que o governo «poderia endurecer» se persistirem as intenções de levar a cabo um novo protesto e uma paralisação laboral.

O ministro do Interior envida esforços para solucionar os problemas do sector empresarial mais afectado pela crise económica, com o objectivo de o neutralizar e permitir ao governo enfrentar em melhores condições a oposição política e laboral.

Segundo o semanário «Estratégia» que é editado por um sector empresarial, «Março será um mês noticioso» pois a oposição «estaria a preparar-se para uma arremetida».

Por seu lado, a revista independente «Hoy» recorda que em 1983 houve uma série esgotante de demonstrações de força «governo-oposição» que «custaram dezenas de vidas».

A radicalização das posições, acrescenta a «Hoy» faz com que «os observadores internacionais, desde os consultores económicos como Frost and Sullivan, de Nova Iorque, até ao departamento de Estado, em Washington, temam que em 1984 se registem no Chile novos e ainda mais graves confrontos».

(Alberto Java – IPS)

ao telefone com

Sacramento Marques

CAP, PS, Feira de Santarém — a história de uma demissão

Culminando um processo por muita gente considerado obscuro, tomou esta tarde posse, pelas 14 horas, em Santarém, a nova Comissão Executiva da Feira Nacional da Agricultura. Ladislau Botas, presidente da Câmara local, é, por inerência do cargo, o novo presidente da Feira. Um dos vice-presidentes passa a ser José Manuel Casqueiro, secretário-geral da CAP, *em representação da lavoura portuguesa*...

Entretanto, há dias, e na sequência de todo o processo que levou à tomada de posse desta Comissão Executiva da FNA, Sacramento Marques, reputado técnico agrícola e destacado membro do PS de Santarém, demitiu-se de director da Feira e de vereador da Câmara.

Ao telefone com Sacramento Marques, que desde 20 de Setembro de 74 até ao 1.º Governo da AD foi governador civil de Santarém quisemos saber das razões que o levaram a demitir-se daqueles cargos – demissão que tem causado grande polémica nos meios políticos e agrícolas da região.

«Isso é uma história que não começou agora...» – começou Sacramento Marques.

Não? Então quando é que foi?

«Está a ver: em 82, aquando das eleições autárquicas, fui convidado para dirigir a Feira Nacional de Agricultura durante três anos – o mandato 83-85 – no caso de o PS ganhar as eleições. Por isso mesmo tive que integrar as listas do PS, uma vez que só poderia ser director da FNA se, na Câmara, tivesse o pelouro de Feiras e Mercados».

Foi convidado por quem?

«Pelo PS, obviamente. No caso, pelo cabeça de lista e presidente da Câmara, sr. Ladislau Botas.

Dizia que integrou as listas do PS, partido a que pertence. E depois?

Depois ganhamos as eleições por maioria absoluta. Como estava combinado foi-me dado aquele pelouro e automaticamente passei a ser director da FNA.

O ano passado, em 83, portanto, a Feira Nacional já se realizou sob a sua orientação. Teve problemas?

Houve um grande boicote da CAP, mas a Feira realizou-se com grande êxito.

E a CAP boicotou porquê?

Porque me acusava de eu ter estado à frente das ocupações de terras na zona do Ribatejo – o que é mentira. A CAP dizia também que enquanto governador civil eu não respeitei a propriedade privada – o que é outra refinada mentira. Eu até sou proprietário... O que aconteceu é que, como governador, sempre respeitei a lei, que reconhece a propriedade colectiva privada e cooperativa da terra. Obviamente que nunca fui contra a lei nem contra a Reforma Agrária. Aliás é curioso que enquanto desempenhei aquelas funções nunca a CAP me atacou, organizando manifestações ou coisas do genero.

No entanto agora, parece que não o olha com bons olhos. E com êxito...

É verdade. Depois do êxito da Feira 83 pensei que em 84 essas escaramuças tinham acabado... Mas enganei-me: as movimentações contra a minha pessoa continuaram e já não foram apenas da parte da CAP. Outras forças se movimentaram...

Quais?

«Olhe, talvez quem possa responder seja o presidente da Câmara, Ladislau Botas...»

Porque é que diz isso?

«Cheguei a essa conclusão depois de começar a juntar as peças do «puzzle». Verifiquei que o que estava em marcha era uma campanha para que eu não estivesse à frente da Feira este ano.

Mas como é que chegou a essa conclusão?»

«Em Outubro passado, na minha ausência, houve uma reunião organizada pelo meu partido na qual se decidiu *institucionalizar* a direcção da Feira. E em duas reuniões posteriores, nas quais participei, vi que a preocupação fundamental era afastarem-me, embora sem mo dizerem expressamente».

A responsabilidade é do Presidente da Câmara? É isso que quer dizer? Mas não foi ele quem o convidou para esse cargo aquando das eleições em 82?

«Foi ele que me convidou. Disso não há dúvida. Agora se a responsabilidade para esta mudança de atitude é só dele, isso não sei. Se foi por pressões, bom, então isso ainda é pior. De qualquer modo, a verdade é que ele não me disse uma palavra, não me deu qualquer explicação para a falta de cumprimento daquilo a que comigo se havia comprometido e me levara a candidatar-me às autarquicas».

«E o PS a nível nacional não sabe de nada? Não tomou qualquer posição?

«Isso é que me dói. Já em 83, aquando da contestação da CAP, não tomou qualquer posição, não teve qualquer manifestação de apoio à minha pessoa – nem a nível local, nem a nível nacional. Mas não quero falar sobre isso, é uma questão que briga com a minha maneira de ser e de militante».

Ribeiro Cardoso

Ao fim da manhã falámos para a Câmara Municipal de Santarém. Queriamos ouvir o presidente da Câmara para saber o que se passava. Nomeadamente queriamos saber a composição da nova Comissão Executiva da Feira e quais os critérios que haviam levado à escolha dos respectivos membros.

Ladislau Botas, em reunião que não *podia* interromper, não apareceu do outro lado do fio. Falámos então com o secretário da Câmara, sr. Vieira Dias, que, apesar da sua simpatia, pouco adiantou quanto a critérios. Disse-nos apenas que a Comissão Executiva é provisória, confirmou que Casqueiro é vice-presidente em *representação da Lavoura*, mas não soube dizer como é que a Lavoura o tinha escolhido.

Foram consultadas as organizações da Lavoura? – perguntamos.

«Bom, a verdade é que eu não sei».

Então quem é que, aí na Câmara, sabe?

«O sr. presidente de certeza sabe».

Posso falar com ele?

«Não, está numa reunião e não pode vir ao telefone».

«E o senhor pode-lhe perguntar-lhe? Eu espero.

«Não. Ele não gosta de ser interrompido. Talvez possa e telefonar-lhe mais tarde».

OK. Fico à espera.

[illegible] ainda continuo.

Carlos Brito a propósito da política do Governo:

"Os cardos não produzem melancias..."

Tal como ninguém espera que os cardos produzam melancias, ninguém deve esperar que da política deste Governo, ao serviço do grande capital e dos agrários, resulte o bem-estar da população e salários em dia – sublinhou o líder parlamentar do PCP, Carlos Brito, no decorrer de um comício de solidariedade com os trabalhadores do Tramagal.

Citando a dramática situação dos trabalhadores da Metalúrgica Duarte Ferreira, localizada no Tramagal, aquele dirigente comunista considerou tratar-se de «um exemplo dos mais vivos de como o aparelho produtivo tem sido destruído às mãos do grande capital, com a conivência, a protecção e a inspiração dos sucessivos Governos de recuperação capitalista».

Carlos Brito disse, ainda, ser «crime inadmissível em regime democrático» o não-pagamento de salários que está a afectar cento e trinta mil trabalhadores. «Se há quem não cumpra a lei – disse a propósito – é preciso que o Governo a faça cumprir; se há milhares de portugueses que resvalam para a miséria é preciso que o Governo actue para impedir essa calamidade.

Trabalhadores «expulsos» de Lisboa

Entretanto, o *Encontro de Quadros do PCP sobre o Ordenamento Territorial e Urbano da Grande Lisboa*, que teve lugar sábado no Centro Vitória, reivindicou «a recuperação do parque habitacional de Lisboa, de modo a conter a expulsão dos trabalhadores da cidade e o lançamento de novas urbanizações para as camadas populares, pondo termo ao actual processo de construção especulativa para serviços ou habitação de alto nível».

O encontro concluiu, ainda, pela necessidade de os autarcas comunistas continuarem a exigir a «descentralização do planeamento territorial e urbano e de política de solos» e a «dotação das autarquias com os recursos financeiros para fazer face à presente situação», através da aplicação na integra da Lei das Finanças Locais, aprovada em 1978, por unanimidade.

Luís de Sá, suplente do CC, director da revista «Poder Local», destacou para os jornalistas o carácter «pioneiro» do encontro, quer pelo «tema em discussão, quer pela área geográfica» (uma área onde vive 30 por cento da população portuguesa).

Estiveram presentes no encontro, oitenta quadros do PCP, muitos deles autarcas da Grande Lisboa, onde os comunistas detêm a presidência de 15 das 20 câmaras da área.

Foram ainda analisados «os enormes problemas de transportes e trânsito e o alargamento da jornada de trabalho por várias horas a que tal situação dá origem; a destruição do património cultural e os loteamentos e construção ilegal que alastram – disse Luís de Sá – como «mancha de óleo» transformando o território num contínuo urbano, sem espaços verdes, sem zonas agrícolas, sem equipamento e equilíbrio interno».

Foi dito no encontro que o Plano Director de Lisboa, elaborado em 1966, acabou por ser aprovado em 1977. Em contraste, revelou-se que as autarquias APU elaboraram já 170 planos directores e têm 30 em fase de elaboração.

PCP faz 63 anos

Organizações do PCP vão assinalar, esta semana, o 63.º aniversário do partido com diversas iniciativas em diferentes pontos do País. Em Lisboa, no próximo dia 9, os sectores intelectual e da informação da ORL promovem, pelas 21 e 30, uma sessão-convívio com Blanqui Teixeira, membro da comissão política e do secretariado do CC.

O Comité Local da Figueira da Foz realizará, no dia 11, uma concentração no centro da cidade, seguida de romagem ao túmulo de Agostinho Saboga, operário vidreiro que viveu longos anos na clandestinidade, e de um jantar- convívio com Dias Lourenço, da comissão política e director do «Avante».

Também nas Caldas da Rainha, haverá, dia 11, um almoço-convívio com a presença de Margarida Tengarrinha, deputada e membro do CC.

Almeida e Costa à chegada a Lisboa

"Em Macau governa-se com consenso"

Almeida e Costa, governador de Macau, afirmou à sua chegada a Lisboa «que em Macau se governa com consenso». No entanto, comentando a dissolução da Assembleia Legislativa, Almeida e Costa considerou que a falta de diálogo com «a parte do grupo de deputados portugueses na Assembleia estava a criar dificuldades à estabilidade do território». Segundo o governador, a posição desse conjunto de deputados, que considerou «maioritários» na Assembleia, não coincidia «com a maioria dos sentimentos claramente expressos pela população, através dos seus órgãos próprios, da sua Imprensa, dos seus líderes».

Neste contexto, Almeida e Costa sublinhou que a proposta de dissolução era a única saída para «o conflito de competências entre o governador e a Assembleia».

Respondendo a uma pergunta sobre a posição de Pequim em relação à dissolução da Assembleia, o governador de Macau acentuou que «o governador não governa enquanto representante do Estado português, por ordem ou determinação da República Popular da China, mas governa sempre e em tudo, por consenso», com as autoridades chinesas, com os líderes da opinião chinesa, e «tendo em conta os sentimentos e a sensibilidade da população portuguesa».

O consenso, por diversas vezes apontado por Almeida e Costa como forma de governar, foi posto em causa por cerca de 1200 pessoas que assinaram no passado sábado uma petição dirigida a Ramalho Eanes, criticando o governador. Os signatários acusam Almeida e Costa de «se apoderar das instituições políticas e administrativas locais» e de querer «provocar tensões entre as comunidades portuguesa e chinesa de Macau».

A especificidade de Macau

Perante os jornalistas que o aguardavam no aeroporto da Portela, Almeida e Costa salientou que enquanto for governador, o Estado português não irá manter uma mentalidade colonial em Macau.

«Macau não é território ultramarino, não é colónia, não é território nacional», sublinhou o governador para depois dissecar a especificidade da situação daquele território. «É muito importante dizer e insistir que em Macau existem cerca de 350 000 chineses, que não falam o português, que desejam viver em progresso, em estabilidade e em prosperidade». Estas e outras razões levam o governador à seguinte conclusão «O Império colonial ou ultramarino, pese muito embora as nossas sensibilidades, terminou em definitivo e as razões pelas quais estamos neste momento em Macau, não são de modo algum, e em circunstâncias algumas, as que nos permitiam estar noutros territórios, que entretanto atingiram a independência».

Belém não está no «meu horizonte»

Sobre a possibilidade de se candidatar à Presidência da República, Almeida e Costa afirmou não estar no seu horizonte essa possibilidade.

O governador de Macau sublinhou nunca ter referido «nenhuma intenção» em se candidatar à Presidência. «Outras pessoas puseram-me nesse caminho e eu simplesmente não saí dele, ou entendi que não era oportuno sair dele. Mas nunca afirmei, nem por palavras, nem por actos, a intenção de me candidatar à Presidência da República», disse, notando a propósito que ninguém até agora afirmou a intenção de se candidatar.

Seria "a grande saída"...

Jardim apela ao veto de Eanes à despenalização do aborto

«A grande saída do Presidente da República é um grande marcar de pontos era o veto de Ramalho Eanes à despenalização do aborto», considerou Alberto João Jardim, no sábado, em entrevista ao programa «Cartas na Mesa» da Rádio Renascença.

O grande tema da intervenção do Presidente do Governo Regional da Madeira incidiu sobre as próximas eleições presidenciais, defendendo uma vez mais a «ruptura democrática do sistema». Nesta perspectiva, o líder social democrata madeirense afirmou, preto no branco, que não quer nem Mota Amaral nem Mota Pinto, porque, daqui até às eleições «tudo vai mudar muito». No entanto, Alberto João Jardim considerou possível que essa ruptura seja feita através do PSD, onde «existem várias pessoas que são capazes desse discurso agressivo» e afirmou apoiar Mota Pinto, mas não incondicionalmente. Ainda no campo das presidenciais, Jardim debruçou-se sobre a candidatura de Mário Soares, afirmando que a sua preparação vai ter reflexos no seio do executivo, condicionando com esse objectivo algumas decisões do Governo da República.

Por fim, o líder do Governo Regional defendeu, mais uma vez, a revisão drástica da Constituição, bem como o afastamento de todas as pessoas com responsabilidades na televisão.

PS-Madeira contra Jardim

A situação financeira na Madeira é o tema de um comunicado do secretário regional do PS da região, no qual os socialistas acusam o líder do Governo Regional de pôr em causa a autonomia da região. O PS-Madeira critica também a intervenção de Alberto João Jardim, «não se sabe em que qualidade», nos órgãos de informação, aproveitando essa oportunidade para lançar ataques de natureza partidária contra os socialista. O comunicado sublinha que esta situação «assume foros de verdadeiro escândalo, na medida em que Alberto João Jardim utiliza meios que não estão ao dispor do PS, para que, de uma forma democrática, se garanta aos socialistas a mesma abertura de possibilidades». Por fim, o texto do secretariado regional dos socialistas considera que as forças democráticas «têm a obrigação de informar e prestar esclarecimentos necessários à assunção plena dessa soberania».

CDS-Madeira: «Jardim favorece marxistas»

A comissão política regional do CDS/Madeira acusou o Governo Regional de esbanjar dinheiro e de se «orientar por posições que favorecem objectivamente, os partidos da área marxista e socialista».

Para os democratas cristãos madeirenses, este facto é visível no ênfase que foi dado «à recente visita do embaixador da URSS em Lisboa à região», e ao facto de João Jardim ter declarado que o PS era a «única alternativa possível, acabando por privilegiar os socialistas e as suas aspirações a ascenderem ao Governo».

«Esta estratégia – acrescenta o comunicado – e a orientação do PSD só podem significar que os sociais-democratas, através do Presidente da Comissão Política e do Governo, não encaram o PS como autêntico adversário, mas como a oposição preferível e mesmo desejada, viabilizando no futuro a formação na Madeira de um bloco central».

Para o CDS é também evidente que o Governo esbanjou dinheiro e realizou pouco para o muito dinheiro que teve à disposição, colocando a região numa situação precária «de contrair empréstimos para pagar empréstimos anteriores».

Soares com o Papa no Vaticano

Timor e aborto: temas em debate

O Primeiro-Ministro Mário Soares foi esta manhã recebido pelo Papa João Paulo II, no Vaticano.

Soares chegou ontem a Roma, 48 horas depois de o cardeal-patriarca de Lisboa e o bispo de Aveiro, que é também presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, se terem avistado com o Sumo Pontífice.

Estes dois prelados terão informado o Papa das divergências surgidas com o Estado português quando no mês passado o Parlamento, com o apoio do partido liderado por Mário Soares, decidiu despenalizar, em casos limitados, o aborto.

Este terá sido, por isso, um dos temas em discussão entre Mário Soares e João Paulo II.

O outro assunto debatido foi Timor-Leste. O Vaticano tem tido uma posição quanto à ocupação pela Indonésia daquela antiga colónia portuguesa que nem sempre foi compreendida pelas autoridades portuguesas. Notícias nunca desmentidas asseveram que o Vaticano, embora condenasse por princípio a ocupação, poderia aceitar de alguma forma a integração da Igreja de Timor na estrutura eclesial com sede em Jacarta, cedendo à necessidade de actuar com eficácia naquele espaço geográfico.

Depois do encontro com o Papa, Soares reuniu-se com monsenhor Agostinho Casaroli, secretário de Estado do Vaticano, cargo que corresponde a chefe do governo.

Ao fim da manhã, o Primeiro-Ministro almoçou com cardeais na Embaixada de Portugal junto da Santa Sé, actualmente dirigida pelo embaixador Hélder Mendonça.

Ainda hoje, Soares avista-se, provavelmente ao fim da tarde, com o primeiro-ministro italiano, o socialista Bettino Craxi.

Ontem à tarde, depois de chegar a Roma, o Primeiro-Ministro português recordou que esta é a sua segunda visita à Cidade do Vaticano e que ela resulta do desenvolvimento normal das relações entre Portugal «que é Nação Fidelíssima» e a Santa Sé.

Nos EUA

Entretanto, foram já divulgados alguns dos pormenores da deslocação aos Estados Unidos do chefe do Governo. A visita decorre entre 10 e 18 deste mês e realiza-se a convite do presidente americano, Ronald Reagan.

Mas os objectivos centrais desta viagem do Primeiro-Ministro deverão relacionar-se mais com um apelo aos capitalistas americanos, para voltar a investir em Portugal. Um jantar em casa do banqueiro Nelson Rockfeller com quatro dezenas de empresários americanos será o primeiro passo de Soares em direcção aos dólares. Mas a agenda do Primeiro-Ministro inclui outras diligências, como uma deslocação à Câmara de Comércio Luso-Americana e contactos privados com os meios empresariais e financeiros.

No domínio oficial, Mário Soares almoça no dia 14 com Reagan, avista-se por duas vezes com o vice-presidente George Bush e terá reuniões com membros da Administração americana.

O chefe do Governo terá o privilégio de visitar um centro de alta tecnologia de ponta no domínio da defesa, situado nas Montanhas Rochosas. Os jornalistas que acompanham o Primeiro-Ministro não poderão seguir esta parte da visita.

"Não quero negociar..."

Mota Pinto fecha a porta ao rival Mota Amaral

Ao «estou plenamente aberto ao diálogo» de Mota Amaral, o actual líder do PSD, Mota Pinto, acaba de dizer *nada*. Sábado, em Coimbra, convencido de que conta com o apoio de uma grande maioria no seio do PSD, afirmou a sua intenção de «não negociar em Braga com os proponentes de qualquer moção». Para ele, Mota Amaral tem que se vergar à ideia de que «é preciso clarificar para liderar».

A *tampa* de Mota Pinto a Mota Amaral foi dada, sábado, durante um encontro que reuniu, em Coimbra, presidentes das Comissões Políticas distritais do PSD apoiantes de Mota Pinto.

Convencido de que dispora em Braga do apoio de 62 por cento dos delegados ao Congresso, Mota Pinto recusou a negociação, afirmando que «a vontade dos militantes tem de se exprimir perante opções claras».

Comentando a moção de que é o primeiro subscritor, Mota Pinto observou que a mesma reflecte uma constante do seu pensamento político. «Estão-lhe subjacentes – disse –, a defesa dos valores nacionais, posição clara e não cinzenta, no sentido de que o PCP deve estar fora da área do poder, em oposição clara à tese do dr. Cunhal do chamado Governo de Salvação Nacional.»

Mota Pinto referiu ainda que o PSD deverá assumir uma posição autónoma quanto às eleições presidenciais de 1985, «definição a concretizar no fim deste ano».

62 por cento são «bluff»

Só na próxima quarta-feira serão conhecidos os resultados oficiais das eleições de delegados ao Congresso de Braga.

Segundo fonte dirigente do PSD digna de crédito, Mota Pinto deverá ter em Braga o apoio de 49 a 51 por cento dos delegados, e não de 62 por cento «conforme os seus apoiantes pretendem fazer crer».

Segundo a mesma estimativa, a moção de Mota Amaral deverá contar com o apoio de 39 a 42 por cento dos delegados e Marcelo Rebelo de Sousa com o de 7 a 8 por cento.

Sejam quais forem os resultados oficiais, dá-se como certo que o Carnaval que o PSD antecipou – *o Carnaval da contra-informação a nível de resultados...* –, irá continuar até Braga.

Cada tendência tentará influenciar *psicologicamente* os delegados de modo a fazer com que, até ao Congresso, alterem o seu voto inicial.

Pressão que não conseguirá anular uma *realidade*: pela primeira vez na história do PSD desde que foi criado, o líder do partido vê o seu apoio descer abaixo da casa dos 60 por cento.

Quinta-feira, em Cascais

Associação 25 de Abril evoca data decisiva do MFA

O descerramento de uma lápide e uma alocução de Vítor Alves, assinalarão, na próxima quinta-feira, dia 8, em Cascais, o décimo aniversário de uma das mais decisivas reuniões do Movimento dos Capitães.

A iniciativa, promovida pela Associação 25 de Abril, vai juntar, no atelier do arquitecto Braula Reis (por detrás do restaurante João Padeiro), muitos dos 194 oficiais que, faz exactamente hoje dez anos, ali se reuniram.

Conta Otelo, no seu livro sobre o 25 de Abril, que «a casa era pequena para tanta gente. chegamos a admitir a hipótese, preocupante, de o soalho abater sob o peso demasiado. O calor apertava, mas não podíam abrir as portadas das janelas, não só para que não fôssemos vistos do exterior, com também para que o vozear das intervenções, fatalmente em tom elevado, para serem ouvidas através das diversas salas, fosse, tanto quanto possível, abafado».

A maioria dos oficiais pertencia ao Exército e a Força Aérea. A Armada estava representada por Costa Correia, Almada Contreiras e Vidal Pinho. A primeira intervenção pertenceu a Vítor Alves que historiou o processo seguido até aquela altura pelos jovens capitães. Pinto Soares deu conta depois de aspectos organizativos e da estratégia a desenvolver no futuro.

Seguiram-se Vasco Lourenço (ligações do movimento), Otelo (calendário cronológico das acções a desencadear) e Melo Antunes, que apresentou o documento «O Movimento das Forças Armadas e a Nação». A referência, no seu texto, à necessidade de democratizar o País, levantou problemas por parte dos representantes da Força Aérea. Os membros da Armada, por seu turno, levantaram questões sobre o eventual aproveitamento político de forças exteriores ao Movimento.

A discussão aqueceu. Vítor Alves, que moderava a reunião, irritou-se e mandou os presentes — escreve Otelo — «a fava».

Destacou-se então Pinto Soares que, subindo para a mesa de trabalho (o estirador do arquitecto), gritou que o documento de Melo Antunes era apenas para reflexão crítica e que «o Movimento não estava vinculado a qualquer personalidade, agrupamento ou corrente de pensamento político».

Voltou então a calma e 111 oficiais assinaram a proposta-refleão.

Os dados estavam definitivamente lançados.

Melo Antunes ao "Ovo de Colombo"

"Toda a colonização é violenta"

«Toda a colonização é violenta», considerou o tenente-coronel Melo Antunes no debate sobre a descolonização portuguesa que ontem o opôs ao ex-ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar, Franco Nogueira.

As posições antagónicas dos dois intervenientes animaram o debate inserido no programa «Ovo de Colombo» da Rádio Comercial, da responsabilidade do jornalista Henrique Garcia.

Para o homem do antigo regime, a descolonização poderia ter aguardado por uma conjuntura internacional mais favorável, afirmando que o Estado Novo aguardava essa oportunidade. Por seu lado, Melo Antunes contrapôs responsabilizando o regime fascista por muitas das dificuldades dos actuais países africanos de expressão portuguesa, porque nunca se preparam elites negras capazes de assumirem responsabilidades administrativas e políticas. Esta situação obviamente tornava candente a resolução do problema colonial português agravado por uma guerra sem limite de tempo. Como sublinharia Melo Antunes, as «iniciativas» do Estado Novo para as colónias passaram, entre outros factos, pelo assassinato de Amílcar Cabral e Eduardo Mondlane, líderes do PAIGC e da FRELIMO, de que acusou concretamente a PIDE. A manutenção, a «ferro e fogo» do «Império Colonial» levou a que, entre outros casos, Melo Antunes se referisse a situação existente em Timor como «chaga viva na consciência nacional».

Quando Franco Nogueira se referiu «a descolonização exemplar», Melo Antunes retorquiu, de imediato, que nenhuma «descolonização é exemplar, todas são violentas porque violenta é a própria colonização».

S. Bento e Cascais: o discurso foi diferente

5 de Março de 1974

TERÇA-FEIRA. A Assembleia Nacional vestiu-se de gala, nessa manhã, para receber, com as honrarias da praxe, a visita do presidente do Conselho, Marcelo Caetano foi falar à Nação e consultar o oráculo.

No discurso que proferiu, o dirigente pediu um esforço suplementar para uma «nova reflexão» sobre política ultramarina e propôs-se «recapitular a orientação» levada avante pelo seu Ministério. Terminou com estas palavras: «E à Assembleia que compete dizer agora se o rumo que seguimos está certo. E disciplinadamente me submeterei depois ao veredicto de quem tem autoridade para o proferir».

Emocionados com o verbo, os deputados aplaudem demoradamente. O oráculo da assembleia dava assim a resposta: é claro que o rumo da Pátria é esse e não outro.

Marcelo Caetano dedicou a sua intervenção, exclusivamente, a questões sobre «política ultramarina». Falou para um hemiciclo vestido quase de luto, convencionalíssimo e beatífico. Entre os deputados houve mesmo quem se comovesse quando o presidente, do alto da tribuna, afirmou com a voz habitada pela dor: «Há doze anos que no Ultramar lutamos, e há doze anos que a flor da Juventude portuguesa passa pelas terras de África, lá serve a sua Pátria, sofre, combate e verte o seu sangue». Bonita frase, sem dúvida, proferida por quem tem por morada a rectaguarda da guerra. De resto, já Lucrécio dizia em admiráveis versos que escreveu há mais de dois mil anos: «É doce, quando no vasto mar os ventos levantam ondas, contemplar da terra firme os perigos a que outros se acham sujeitos».

★ ★ ★

Os vespertinos trazem nesse dia, e os matutinos ao outro, páginas carregadas com laudas do discurso proferido pelo chefe do Governo. Fazem manchete. E, todavia, perdido no regueirão noticioso das suas páginas, os jornais de 5 de Março publicam – estão sempre a publicar, os jornais – a notícia dolorosa e fria: «O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate os seguintes militares: em Moçambique ; em Angola . Por doença ; por acidente com arma de fogo .» Eram dez ao todo e todos tiveram nesse dia direito à publicação do nome a corpo 8 e às suas famílias ao indeclinável direito à prática do luto.

★ ★ ★

Mas Abril estava a chegar.

Nessa noite, em cinco de Março, ainda os ecos de S. Bento se não haviam sumido dos noticiários e já cerca de 200 oficiais das Forças Armadas se reuniam, clandestinamente, em Cascais, num atelier do arquitecto Braula Reis, amigo pessoal do major Sanches Osório.

Discutem um documento que dez militares haviam redigido, dois dias antes, em Alges, em casa do capitão Seabra. Vítor Alves e Pinto Soares dirigem a reunião e informam os seus camaradas de armas sobre o trabalho que a comissão coordenadora do movimento tem desenvolvido. Melo Antunes apresenta aos oficiais da Marinha, da Força Aérea e do Exército o documento que ele próprio ajudara a redigir em Alges. «O Movimento, as Forças Armadas e a Nação», assim se titulava, será mais tarde conhecido por «Documento de Cascais».

A discussão em torno desse texto não é pacífica. Há militares que têm outras ideias sobre o processo que conduzira, semanas mais tarde, à queda da ditadura. Mas tornava-se, todavia, urgente que os oficiais reunidos em Cascais apoiassem a comissão coordenadora, subscrevendo, por exemplo, esse texto –, no primeiro a ler-se a palavra Democracia.

Soube-se que a reunião de Cascais foi a última grande reunião antes de Abril – tão decisiva e importante como a de Évora. Para muitos militares perfilava-se já uma opção relativa ao fim da guerra do Ultramar e a urgência do fim de uma ditadura mais velha do que qualquer um dos jovens oficiais presentes na assembleia de Cascais.

Já de madrugada, 111 dos cerca de 200 militares assinam o documento que irá dar, em fotocópias, recolher pelos quarteis de todo o País novas adesões ao Movimento. Na primeira linha distingue-se a assinatura de um oficial de Cavalaria: Luís Francisco. Segue-se a do capitão Varela, e, depois, os nomes de mais 110 «capitães».

O Movimento estava em marcha. Abril aproximava-se.

JMS

Venda de livros em questão (2)

Centros comerciais ganham à concorrência

Da livraria «tradicional» à padiola da rua movimentada, vive o sector livreiro um tempo de mudança. Mudança na forma de chegar ao público, de vender. Num inquérito junto dos principais livreiros de Lisboa, tomámos o pulso ao sector. As pulsações são fracas nas livrarias «tradicionais». Nos centros comerciais batem ao som da música. Em confronto: duas épocas, dois estilos, duas formas de vender o livro. O resultado? Os centros comerciais ganham à concorrência.

«Este sempre foi um sector difícil, sobretudo se escolhermos a qualidade», confidencia um livreiro com décadas de experiência de um balcão do Chiado. Outros são menos optimistas e vêem no horizonte um futuro sombrio. Os tempos estão a mudar e, entre acompanhar a mudança e acertar o passo, ou aceitar o fatalismo e manter a tradição, debatem-se a maioria dos livreiros.

A sequela de uma tradição

Na opinião de Ferreira da Costa, da Sá da Costa, ainda hoje vigora em Portugal uma sequela da tradição cultural francesa. A de não encarar o livro como mercadoria, condicionante de que os próprios franceses já há muito se libertaram. **«Hoje, somos forçados a abandonar esta concepção se queremos sobreviver.»**

Opinião idêntica tem Chaves Ferreira, da Bertrand. **«A venda de livros, como acto comercial, está sujeita às mesmas regras comerciais e de concorrência dos outros produtos.»**

Esta linguagem, que ainda «agride» muitos dos habituais frequentadores das livrarias tem, no entanto, provado. Alguns dos melhores balcões de Lisboa situam-se em áreas de comércio integrado, onde o livro aparece a seguir à casa de móveis.

Para Rogério Ferreira, do Círculo de Leitores, o facto é perfeitamente normal. **«Nos últimos anos tem-se verificado que o livro não é só um objecto de cultura mas também de consumo.»**

Esta perspectiva, que presidiu à criação das colecções de bolso, em Portugal não tinha ainda ganho a acuidade que desfruta nos nossos dias. Os hábitos culturais e a especificidade do mercado determinaram que, um livro tecnicamente considerado de «consumo rápido», perdurasse a sua existência numa estante e formasse uma colecção a preço mais reduzido. Mesmo assim, com os novos tempos, os policiais de Simenon ou Agatha Christie, ocupam quase exclusivamente os escaparates nos quiosques de Santa Apolónia e da Portela.

A lombada «versus» capa

«O respeito por um objecto graficamente bem feito, apela a um certo prestígio das pessoas.» Na opinião de Rogério Ferreira passou o tempo em que um sorriso torcista nos iluminava o rosto quando, com a nova estante para a sala de jantar, vinham as espessas lombadas de cabedal.

A boa encadernação e, sobretudo, a boa capa são hoje factores não negligenciáveis pelo editor e pelo livreiro. Não se trata de um facto novo. Nos anos 40, Fred Kradolfer assinava bons trabalhos nas editoriais Inquérito e Portugália, nesta última com ilustrações de Manuel Pavia, que seriam continuados por Sebastião Rodrigues na Ulisseia.

Os novos espaços de venda nos centros comerciais, com superfícies de montra irrealizáveis nas livrarias «tradicionais», dão ao escaparate a sua função. **«A livraria do centro comercial vive da capa, enquanto que na livraria estruturada o livro mostra a lombada.»** Esta a síntese de António André, da Livraria Lácio.

Os números comprovam o sucesso comercial desta fórmula. No Centro Comercial Alvalade, numa área sociológica e economicamente específica, está situado o que hoje é considerado unanimemente como o melhor balcão de Lisboa. Nuno Fonseca, empregado de balcão confirma. **«No Natal fizemos quase 1000 contos por dia.»**

O escaparate também determina o «império da novidade». As novas edições, apoiadas por uma vasta campanha de promoção e publicidade, são expostas com grande destaque. A ligação à procura, às leis do mercado, fazem «best-sellers» à portuguesa.

As livrarias «arcas de Noé», onde o período de rotação de um livro chegava a atingir vários anos, apenas sobrevivem nalguns casos específicos. Também aqui o facto não é novo, mas agravou-se com o aparecimento do comércio integrado, como explica Ferreira da Costa. **«Até há 15 anos recebíamos os livros à consignação. No fntanto, os editores não puderam acompanhar essa situação e passaram a vender à 'conta firme'. As livrarias ficaram, então, mais sensíveis às leis da procura e diminuíram a sua stockagem.»**

A infidelidade ao livreiro

Construídos em espaços diminutos, os novos postos de venda vão cortando com uma tradição que, em Lisboa, assentava arraiais nas livrarias do Chiado e nos cafés contíguos: o contacto entre o leitor e o autor.

Nalguns casos, o corte é ainda mais radical. As pequenas áreas não favorecem a deambulação pelos corredores, olhos nas estantes, o abrir de um livro e o desfrutar de umas páginas de leitura. **O espaço de convívio nas livrarias está a deixar de existir, da mesma forma que as tertúlias,** lamenta Ferreira da Costa.

O ritmo de vida não favorece a visita demorada às livrarias tradicionais. Com um horário limitado não podem competir com as dos centros comerciais, abertas do meio da manhã até à meia noite.

Apesar disso há ainda as livrarias que resistem e continuam a propor espaços de convívio. Na Bucholz, a nova direcção de Karin Sousa Ferreira, aposta nesse sentido. Paredes forradas a madeira e lombadas e um amplo espaço favorecem o convívio. Sofás estrategicamente colocados, vão sendo «desenterrados» sob uma pilha de livros. **Os clientes que vêem habitualmente são em número reduzido. Aqui falam e convivem.**

A fidelidade ao livreiro é ainda, neste caso, a norma. Uma norma que, tornada indispensável pela censura – só um livreiro conhecido guardava as edições que escapavam às malhas dos censores –, hoje se perdeu.

Os novos tempos atingem também a qualidade do atendimento nas livrarias. **Considero dramático o nível de atendimento nas livrarias portuguesas** afirma Chaves Ferreira. António André retoma a questão em termos comparativos. **Em Portugal não existem condições, como na Alemanha em que o acesso à profissão de livreiro implica habilitações e um curso sujeito a estágio.**

Compartilhando destas críticas, a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) tem vindo a promover cursos e colóquios. No entanto, segundo um dos seus dirigentes Silvério Amado, **vender livros passa por uma perspectiva comercial e por um amor ao livro.**

Enquanto se definem os princípios, só nalguns escassos casos o leitor tem um ficheiro das obras disponíveis e uma orientação especializada. De resto, é deixado ao seu engenho, perseverança e tempo a procua de uma obra.

Corredores estreitos condicionam o convívio com o livro

Espaço cultural integrado

Herdeira de uma herança cultural de resistência, reabriu a «Opinião». Por lá passaram «fornadas» de escritores, poetas, pintores e jornalistas amordaçados. Estudantes universitários ali iam buscar «os proíbidos», habilmente escondidos em tudo o que podia albergar um livro, uma brochura, um panfleto. No bar, a 25 de Abril de 74, abriaram-se garrafas de cerveja com espuma de esperança.

Após uma existência contraditória e difícil, depois de terem sido pagas as dívidas de três mil contos – o espaço abriu-se, os andares voltaram-se a animar. É a «Nova Opinião». Nova em tudo, até nos projectos.

O projecto é explorar o edifício no seu conjunto, utilizando o bar e galeria para o lançamento de livros, sessões culturais, e outras iniciativas. Fernando Torres dá o mote. Trata-se de um espaço cultural integrado, onde o livro convive com a exposição e esta com o disco. É também um espaço de convívio. O bar, no último andar, domina. Quem lá quiser chegar, vai passando pelas novidades expostas no rés-do-chão, pelas obras especializadas em temas portugueses, e finalmente, pela galeria.

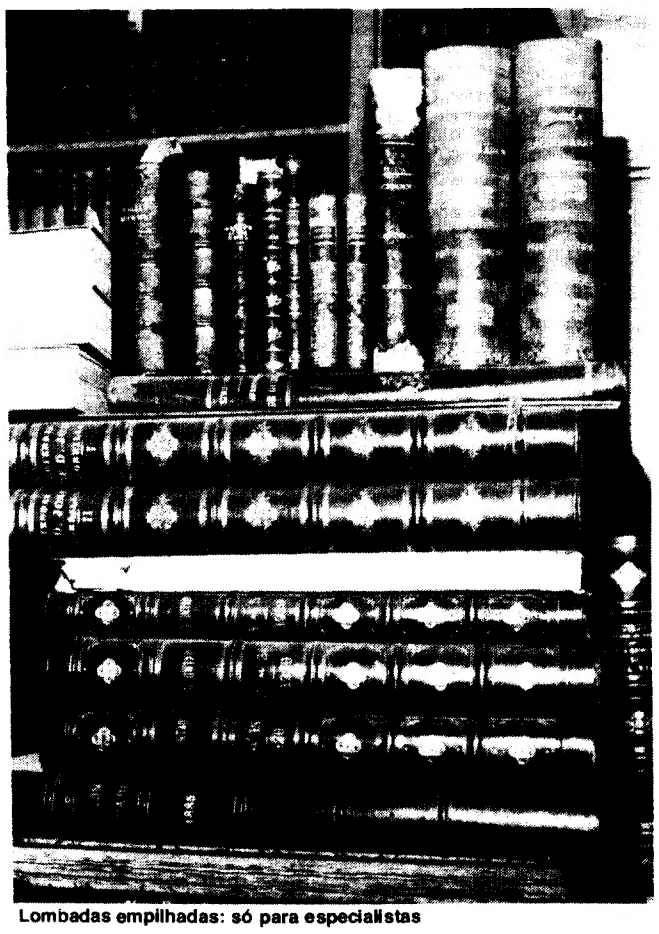
Os horários de funcionamento permitem uma opção em relação aos centros comerciais. Um conjunto de iniciativas, como a quinzena do livro policial, diferenciam a Nova Opinião de qualquer outro espaço de venda de livros. Propõe-se uma compra seleccionada. No caso dos discos só «jazz» e «blues», com uma promoção mensal acompanhada de uma crítica.

Longe do boliço dos centros comerciais, esta é outra forma de vender livros nas horas proíbidas às livrarias «tradicionais».

Nuno Ribeiro

Quarta-feira

Tradição e crise no Chiado



Lombadas empilhadas: só para especialistas

Centros comerciais: um grande espaço de capa

Alugadas por mendigos profissionais espanhóis

Crianças portuguesas vão pedir durante as "Fallas" de Valência

Várias centenas de crianças portuguesas, dos três meses aos catorze anos, serão alugadas este ano, durante as célebres «Fallas» de Valência, as também chamadas Festas de São José, naquela cidade espanhola, entre 11 e 19 de Março, para a venda ambulante e a mendicidade.

A notícia foi veiculada pelo diário valenciano «Notícias» que acrescenta que o aluguer dessas crianças rondará os 900 escudos. Diz o matutino de Valência: «por pouco mais de mil pesetas (perto de novecentos escudos), as famílis pobres portuguesas alugam os seus filhos para serem utilizados por mendigos profissionais nas esquinas do centro de Valência».

Acrescenta o «Notícias» que esta exploração tem dois principais ramos «de actividade», incrementados sobretudo durante as festas de São José, em 19 de Março: um deles – explica – é o aluguer de crianças com poucos meses de idade e até cinco anos a mendigos profissionais que as drogam e mantêm adormecidas; a outra modalidade de exploração – adianta o jornal – consiste em vendedores ambulantes que contratam os servios de crianças entre os dez e os 15 anos.

«Mais de 80 por cento dos mendigos que pedem no centro de Valência com cartões em que contam a sua vida e se queixam do desemprego, são autênticos mendigos profissionais que alugaram as crianças que têm à sua volta» – denuncia aquele jornal espanhol.

Quadro idêntico vê-se diariamente em Lisboa, quer nas estações e percurso do «Metro» quer nas principais ruas da capital, nomeadamente nas zonas comerciais.

Voltemos ao «Notícias» de Valência, o qual adianta que as crianças que dormem sujas nos braços do suposto desempregado são, na sua maioria, filhos de mulheres portuguesas que habitam em barracas de bairros degradados nos subúrbios da cidade de Valência.

Segundo a polícia espanhola, a maciça presença de mendigos portugueses em Valência está actualmente em nível ascendente, situação que ocorre também no resto de Espanha. Para as autoridades, esse facto deve-se aos convénios assinados pelos governos espanhol e português, segundo os quais os cidadãos dos dois países podem circular apenas com o Bilhete de Identidade, pelo que – afirma – muitos dos portugueses de zonas degradadas entram livremente em Espanha para mendigar.

Seabra recebeu Fenprof

A carreira dos docentes do Ensino não Superior foi abordada entre o ministro da Educação, a sua secretária de Estado Adjunta e a Federação Nacional dos Professores.

A reunião, há muito solicitada pela Fenprof, foi finalmente concretizada no passado dia 2.

O ministro apresentou um despacho seu que cria um grupo de trabalho com o objectivo de elaborar um projecto sobre o estatuto da carreira docente não universitária.

Os representantes dos professores reafirmaram a proposta já apresentada à secretária adjunta do ministro, que engloba a definição dum calendário de negociação que tenha em conta a concessão de tempo para que os professores possam debater amplamente a matéria e a fixação, como data-limite para a negociação do essencial ou das partes mais importantes do diploma, o dia 31 de Maio próximo.

Da proposta da Fenprof faz ainda parte a exigência da inclusão no projecto da revalorização material das carreiras docentes e a implementação faseada das matérias negociadas.

O ministro reconheceu a importância da calendarização das negociações que possibilite a participação efectiva dos professores e dos sindicatos em todas as fases do processo.

A forma de revalorização material da carreira docente está a ser debatida pelos professores com base num documento que apresenta quatro hipóteses.

A discussão da carreira docente não universitária e outras questões do ensino continuarão a ser debatidas pela Fenprof e o ME em reuniões marcadas para os próximos dias 8 e 14 com os secretários de Estado do Ensino Básico e secundário e adjunta do ministro da Educação.

Regionalização do Ensino Básico

«Ensino Básico, que regionalização?» é o tema do encontro que o Sindicato dos Professores da Zona Sul promove em Beja, nos próximos dias 16 e 17.

Participam no encontro autarquias do Alentejo e de várias regiões do País, professores do Ensino Básico do continente e das regiões autónomas e outras entidades ligadas à questão.

A necessidade de debater este assunto surgiu da tentativa governamental de transferir para as autarquias encargos relativos ao Ensino Básico.

Por despedimento sem justa causa de um sindicalista

TAP mais uma vez no tribunal de Bruxelas

A TAP Air Portugal vai voltar a estar em causa no Tribunal do Trabalho de Bruxelas no próximo dia 7, em consequência de um processo que lhe foi movido por um delegado sindical da sua sua delagação na capital belga, despedido em Dezembro de 1980. Num primeiro julgamento realizado em Outubro de 1982, aquele tribunal reconheceu a validade da argumentação de António Almeida de Eça e Costa, o sindicalista despedido, considerando a rescisão do seu contrato como um despedimento sem justa causa, ao contrário do que defendiam os representantes da transportadora aérea nacional.

Por esta razão, a justiça belga condenou a TAP ao pagamento de uma indemenização provisória de cerca de 4 mil contos ao antigo funcionário, que para ela trabalhou quase 10 anos. O carácter provisório da condenação explica-se pelo facto de ter ficado pendente a análise da aplicabilidade da legislação portuguesa ao caso em questão.

O julgamento da próxima quarta-feira deverá pronunciar-se exactamente sobre esta matéria. Caso a sentença venha a ser favorável a Eça e Costa, a TAP será obrigada a reintegrá-lo nos seus quadros com todos os seus direitos e com o pagamento de todos os salários em atraso, ou então terá que lhe pagar o dobro desses salários e da indemnização prevista pela lei portuguesa conforme ele optar.

Durante todo o período que decorreu desde o despedimento, o antigo delegado sindical e representante da Comissão de Trabalhadores da TAP em Bruxelas fez múltiplas tentativas, apoiado pelo seu sindicato e pelo próprio tribunal, no sentido de obter uma solução amigável para o diferendo.

Conciliação recusada

Em carta de 17 de Janeiro do ano passado, renovou essa proposta junto do então director-geral da TAP para o Benelux, sublinhando que, se fosse reintegrado na empresa com salvaguarda de «todas as regalias e direitos», «abdicaria do prosseguimento do processo em curso». Nessa proposta, formulada já depois de o tribunal ter condenado a TAP ao pagamento da indemnização provisória, devida por despedimento sem justa causa. Eça e Costa comprometia-se igualmente a abdicar de «todas e quaisquer indemenizações ou reparações (...) que porventura se viessem a proporcionar.»

A vontade de conciliação expressa na carta em questão levou-o mesmo a escrever que, «em relação aos montantes relacionados com o primeiro julgamento, uma vez apurados os encargos (por ele) suportados e ainda a suportar (...) estaria na disposição de reembolsar à empresa o excedente».

Posteriormente, e já depois da nomeação de Morbey Rodrigues para a presidência da companhia, solicitou mais uma vez ao presidente do Conselho de Gerência que o recebesse, a fim de lhe poder expor pessoalmente uma série de aspectos extremamente delicados relacionados com a sua demissão. Morbey Rodrigues, tal como os seus predecessores, não ouviu Eça e Costa considerando que «não se encontram razões que levem à revisão da decisão oportunamente tomada».

As questões que Eça e Costa afirma que desejava abordar junto do presidente relacionam-se com aquelas que, segundo ele, são as verdadeiras causas que estiveram por detrás do despedimento. De acordo com Eça e Costa, os responsáveis da TAP em Bruxelas tê-lo-iam despedido apenas porque era um activo sindicalista, e porque no próprio dia do seu despedimento a companhia tinha sido derrotada no seio de uma comissão de conciliação. Em questão estava o pagamento suplementar por trabalho em domingos e dias feriados e a TAP viu-se obrigada a aceitar a posição dos sindicatos na Comissão de Conciliação.

No entanto – pensa Eça e Costa – tudo indica que o seu despedimento esteva há muito preparado e a direcção local da TAP aguardava apenas um pretexto para o concretizar. De facto, logo após o afastamento de Eça e Costa o seu lugar de contabilista foi ocupado por Luísa Vodraka, uma funcionária que ocupava um lugar muito inferior.

Muitas outras questões, que Eça e Costa aponta como relacionadas com nepotismo e outras situações pouco transparentes, estariam assim, segundo aquele sindicalista, por detrás do despedimento.

Entretanto, convencido de que certos aspectos relacionados com o seu caso não deixam margem para dúvidas quanto à existência de tráfico de influências, de nepotismo e mesmo de corrupção, e tendo em conta o prejuízo que tudo isso está a causar a uma empresa pública, Eça e Costa está a desenvolver várias diligências para que o seu assuntos seja rapidamente apresentado a Alta Autoridade contra a Corrupção.

J.A.C.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

MOÇÃO

GOVERNO NÃO TEM PODERES PARA ALTERAR LEI 79/77

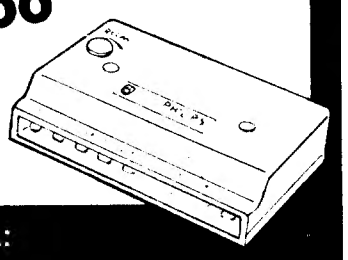
A Assembleia Municipal reunida em Bucelas no dia 23/2/84, manifesta a sua indignação pelo facto de o Governo Central querer alterar a lei 79/77 sem que a Constituição lhe dê poderes para tal e sem prévia audição das Assembleias Municipais e solicita que o prazo dado às Câmaras seja alargado e que as Assembleias Municipais e de Freguesia sejam também ouvidas.

Bucelas, 23 de Fevereiro de 1984

APROVADA POR UNANIMIDADE

O AVANÇO DA ELECTRÓNICA NOS NOVOS AUTO-RÁDIOS E ANTI-ROUBO PHILIPS

Compre um Auto-Rádio Philips com leitor. OFERECEMOS-lhe* um Anti-Roubo electrónico Philips de 7.000$00



PHILIPS

* Esta oferta é limitada.

AGENTE OFICIAL:

FERNANDUS

RUA ARTILHARIA UM, 44 · 1200 LISBOA · TEL. 65 10 21

Grupo A maiores 6 anos

CAMPO PEQUENO

DOMINGO, 4 E TERÇA-FEIRA 6 DE MARÇO ÀS 16 HORAS

TORONTO COM ANÕES FORCADOS E MACACOS TOUREIROS

o CARNAVAL mais alegre de LISBOA

4 · BRAVÍSSIMOS GARRAIOS · 4

CAVALEIROS · ESPADAS · FORCADOS

MÚSICA · ANÕES TOUREIROS

O SEU FILHO NÃO PAGA NADA ATÉ AOS 8 ANOS DE IDADE

CONTINUAM ABERTAS AS ASSINATURAS E MARCAÇÕES PARA A TEMPORADA DE 1984

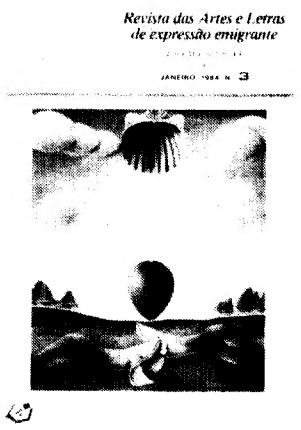
de ontem para hoje

Explosão numa carpintaria provoca dois mortos em Aveiro

A explosão de uma caldeira, ocorrida numa carpintaria da firma Póvoa e Irmão, Lda., em Eirol, Aveiro, morreram os dois sócios da empresa e ficou ferido um operário. As vítimas mortais são Celestino Dias, de 74 anos, e Emílio Diamantino Mota, de 85. Quanto ao ferido, Daniel Diamantino Mota, de 30 anos, teve de ser internado no hospital de Aveiro. Os três homens estavam a inspeccionar a caldeira, que rebentou, por uma válvula de pressão não ter disparado a tempo.

A «Peregrinação» dos emigrantes

«Peregrinação», revista trimestral das artes e letras de expressão emigrante, com sede em Baden, na Suiça, acaba de publicar mais um número, em que merece especial destaque um artigo de Daniel Lacerda, correspondente em Paris, sob o título «Emigrantes, Eleições e Inserção». «Em França – escreve Daniel Lacerda – as populações originárias da emigração estão a ser vítimas dos insucessos eleitorais a nível do poder local da maioria socialista. Medidas governamentais foram adoptadas nos finais do ano passado, com a aplicação dum vasto controlo e condução à fronteira dos estrangeiros encontrados sem documentos. Ao mesmo tempo, a política de inserção,



de reconhecimento dos seus direitos sociopolíticos e de luta contra o nacionalismo e o racismo marcam passo».

Garoto atropelado em Matosinhos

Quando observava com o pai os resultados de um acidente de viação ocorrido na estrada de Perafita, nos arredores de Matosinhos, um garoto de dois anos, David Ângelo Faria, foi colhido mortalmente por um automóvel. A mesma viatura atropelou ainda mais três pessoas que tiveram de receber tratamento no Hospital de S. João, no Porto.

Dois arrastões apresados pela Armada

O navio da Armada «Zambeze» apresou o arrastão «Gala», ao largo da Figueira da Foz, que se encontrava a pescar com malhagem ilegal de 25 milímetros. O barco foi obrigado a voltar ao porto da Figueira onde descarregou 25 caixas de peixe diverso e ficou às ordens das autoridades marítimas, que irão agora elaborar o respectivo auto de transgressão. O mesmo navio da Armada também apresou o arrastão «Príncipe do Vouga», que pescava, na costa de Aveiro com rede de malhagem ilegal e transportava a bordo catorze caixas de carapau e uma de peixe diverso.

Faleceu o dr. Bélard da Fonseca

Vítima de doença prolongada faleceu em Beja o advogado dr. António Joaquim Meneses Bélard da Fonseca que se distinguiu na pesquisa arqueológica, tendo dirigido o Museu Regional e publicado diversas obras. Destacou-se especialmente pelo estudo que dedicou aos painéis de Nuno Gonçalves, sobre os quais editou três volumes. O extinto era pai do jornalista do «Expresso», Bélard da Fonseca.

Ovelheiros associam-se em Gouveia

Uma associação de pastores e proprietários de ovelhas da região da serra da Estrela foi ontem criada, em Gouveia, por deliberação de cerca de uma centena de interessados. Na sequência da Feira-Concurso do Queijo, os produtores reuniram na Câmara Municipal de Gouveia onde apreciaram uma proposta do vereador António Pinto, no sentido do lançamento da associação. Representantes de alguns estabelecimentos bancários que estiveram presentes, garantiram apoio financeiro aos criadores de ovelhas que se organizassem nos moldes preconizados e logo 65 de entre eles se inscreveram como sócios fundadores. Os proprietários de rebanhos voltarão a reunir-se em assembleia geral, para formalizar os estatutos da associação.

Pastor morto em Alfragide

Numa vacaria localizada na Quinta do Melo, em Alfragide, foi assassinado, enquanto dormia, o pastor António Nunes da Costa, de 39 anos, por alcunha o «António Pastor», solteiro e natural de Lisboa. A vítima apresentava vários golpes no peito e no pescoço, tendo a Polícia Judiciária levado uma forquilha para análise. O vaqueiro foi encontrado na posse de todos os seus valores pessoais.

Assassinou a mulher em Paris

Um emigrante, Raimundo Duarte Jorge, de 38 anos, matou a mulher a tiros de caçadeira, em Issy les Moullineaux, nos arredores de Paris. Raimundo Duarte, que andava frequentemente em aventuras amorosas, disse que já não suportava as críticas da esposa, e após mais uma discussão no local de trabalho de Fátima, de 38 anos, que era funcionária da limpeza, foi a casa buscar a arma e disparou sobre ela atingindo-a no peito. Raimundo Jorge foi detido pouco depois.

Trucidada pelo comboio em Valongo

Ao atravessar inadvertidamente a passagem de nível de Cabeda, Valongo, uma mulher de 56 anos, Aurora Teixeira, foi colhida mortalmente por um comboio. Um neto e a nora de Aurora Teixeira, que a acompanhavam, conseguiram escapar ilesos ao aperceberem-se da aproximação da composição.

Lisboa quase se alheou do Carnaval

Crise só se mascarou em Ovar, Mealhada e Loulé

O Carnaval na área da capital ressentiu-se da crise que o País vive e foi, praticamente, apenas festejado nas colectividades e sociedades de cultura e recreio, onde os populares brincaram e dançaram. A zona de Cascais e Estoril, onde o corso carnavalesco se enraizara nos últimos anos, foi ontem uma sombra de um passado recente, se bem que o Rei Momo tenha, apesar de tudo, despertado alguma afluência de foliões, momentaneamente esquecidos não apenas da crise do País, mas também das cheias de 19 de Novembro último, que deixaram marcas visíveis no comércio da primeira vila.

Loulé e Mealhada, sem poderem mascarar a crise que o País atravessa, comemoraram o Carnaval, uma tradição que se impôs nas suas vidas, mas sem a afluência de foliões de outros anos. O mesmo aconteceu em Ovar e em Tomar, muito embora a organização do corso nabantino tudo tenha feito por corresponder às tradições carnavalescas da cidade, a ponto de ter contratado o actor brasileiro da telenovela «Pai Herói», Jorge Fernando, que na RTP se nos apresenta como «Cirilo Baldaracci». E se em Tomar esteve «Cirilo», o «irmão», na telenovela, «Padre Romão» (Fernando Eiras), abrilhantou o Carnaval da Mealhada – vila aveirense que prima, todos os anos, por trazer a Portugal figuras das telenovelas que no momento entram implacavelmente em nossas casas.

O corso de ontem em Loulé não teve a moldura humana, entre os assistentes, a que nos acostumou nos últimos anos. Foi alegremente festejado, contudo, com carros alegóricos e dísticos apropriados ao momento que se vive em Portugal, emergindo a figura do «Zé Povinho» num gigantesco corso a que não faltou «a batalha das flores».

Em Lisboa, e noutros pontos do País, a juventude viveu um outro Carnaval, ou satirizando a actualidade nacional, ou proliferando vestida de «travesti», pela baixa e artérias da capital. Muitos desses jovens passaram pelos «Alunos de Apolo», que nos reservou seis bailes para esta quadra.

O Rei Momo não brilhou este ano. Assoberbados pela crise, foi pálido o sorriso que os portugueses fizeram ao Carnaval

«Junta-te a nós e esquece a crise»

Em Ovar, os cartazes das brincadeiras incitaram os populares a «beber a vitamina da alegria» que, ainda segundo um dos cartazes apresentados, tanta falta está a fazer aos portugueses.

Grandioso o cortejo que atravessou as suas principais ruas durante várias horas, nele pontificando marjoretes francesas de Saint Pierre d'Irube e a Escola de Samba da Costa da Praia, além dos famosos grupos vareiros que todos os anos galvanizam a enorme multidão de forasteiros da zona aveirense que aí se deslocam.

Mais de duas dezenas de milhares de foliões animaram o corso de ontem da Mealhada, em que a principal figura foi o «Padre Romão». Fernando Eira cobrou bem – cerca de 2500 contos –, mas o investimento rendeu, segundo a organização, porque a meio da tarde tinham entrado nos cofres mais de três mil contos. Nove carros e vários grupos apeados desfilaram neste cortejo que «tratou» da legalização do aborto, do FMI, dos salários em atraso e do «lay-off».

«Junta-te a nós e esquece a crise» era o convite feito, ontem à tarde, pela cabeça do monumental corso de Tomar, no Estádio Municipal da cidade, por onde passaram grupos de samba, de marjoretes, bandas de música e a Banda Infantil de Gafate.

Sesimbra e Torres Vedras também foram palco de festejos carnavalescos, muito embora a vida nesta cidade do Oeste ainda se ressinta dos largos prejuízos provocados pelas cheias de 19 de Novembro do ano passado.

Buarcos e Tábua

O corso carnavalesco que ontem desfilou em Buarcos teve a participação de vinte e quatro agrupamentos, parte dos quais se apresentou com carros alegóricos e trajos inovados. O cortejo voltará a sair amanhã naquela freguesia do litoral da Figueira da Foz.

«Muito melhor que no ano passado», foi como algumas fontes classificaram o cortejo que desfilou desde a Ponte do Galante à Avenida.

Na área do distrito de Coimbra também a vila de Tábua repetiu, pelo terceiro ano consecutivo, um desfile de ranchos e carros ornamentados pelas freguesias e colectividades do concelho. «O desfile despertou menos interesse este ano, talvez devido a um certo cansaço» – segundo comentário obtido pela ANOP.

Em Montemor-o-Velho, onde há três anos também se realizam festejos de entrudo, não houve, agora qualquer manifestação organizada.

No resto do distrito, o Carnaval está a ser apenas lembrado com bailes nos clubes e outras associações recreativas e com algumas crianças travestidas, que os familiares passeiam pelas ruas.

Rivalidade em Canas de Senhorim

As localidades do distrito de Viseu onde mais se enraizou a tradição dos festejos carnavalescos repetiram os cortejos a que foram habituando o público ao longo dos anos. Foi o que aconteceu agora uma vez mais, continuando os festejos amanhã em Cabanas de Viriato, Canas de Senhorim, Nelas e Carregal do Sal foram as quatro vilas onde ontem as ruas se encheram de mascarados e forasteiros.

Em Nelas e Carregal do Sal os corsos tiveram um cunho marcado pela influência brasileira, enquanto nas duas outras localidades conservaram características mais tradicionais.

Cabanas de Viriato repetiu a «Marcha dos Cuses» que ali se usa há três séculos e na qual os pares desfilam de costas viradas, em trejeitos de poucos amigos. Despique grande foi o que se travou em Canas de Senhorim entre a Marcha do Paço e a Marcha do Rossio, cuja rivalidade persiste desde o século XVII.

Esses dois grupos, integrando cada um cerca de mil pares, desfilaram pelas ruas, procurando evitar um encontro que reservam para amanhã quando, reveladas as últimas surpresas, se juntarem no Rossio para um confronto final.

A pretensão de Canas de Senhorim em sair de Nelas e tornar-se sede de concelho foi lembrada em dísticos apresentados pelos carros alegóricos, aos quais não faltaram remoques de sentido político.

Mau tempo já passou

Autarcas madeirenses pedem apoio face a prejuízos dos temporais

Passado o mau tempo sobre a Madeira, as entidades autárquicas procedem já à inventariação dos prejuízos materiais com o objectivo último de pedirem apoio ao Governo Regional.

O executivo de Alberto João Jardim, por sua vez, reunira-se de emergência, quando o temporal se fazia sentir em pleno, para concluir que «a situação está sob controlo».

A origem de todos estes males foi uma depressão localizada a sudeste dos Açores que começou a fazer sentir os seus efeitos no primeiro dia do mês. O resultado foram as chuvas intensas e os ventos fortes que em Santa Cruz chegaram a atingir os 88 quilómetros/hora.

Os resultados no terreno foram um morto (desaparecido), uma habitação destruída no Funchal, grandes prejuízos na agricultura, estradas interrompidas e uma ponte importante aluída.

O desaparecido, que terá caído na enxurrada verificada na Ribeira dos Socorridos, era natural do Continente e a sua identidade está agora confirmada. Trata-se de Augusto Amadeu Dinis do Nascimento de 31 anos, nascido em Seixo da Baixa, Oliveira do Hospital. O seu desaparecimento faz supor que o corpo terá sido arrastado para o mar.

Um casal e cinco filhos ficavam, entretanto, sem habitação no Funchal. A casa que habitavam foi destruída por uma derrocada e só por acaso não houve vítimas, uma vez que o edifício ficou totalmente destruído. O nosso correspondente dava-nos conta, pela sua parte, de que ainda ontem foi necessário demolir um clandestino, em Santo António, porque ameaçava ruir.

Muitas estradas ficavam, por outro lado, intransitáveis, em consequência de aluimentos de terras sobre os pavimentos. A actuação dos serviços municipais foi, ao longo dos três dias que o temporal durou, no sentido de ir restabelecendo as ligações onde e logo que se tornava possível.

Um caso diferente é o que se passa com o aluimento da ponte das «Sete Bocas», de certa importância nas ligações pela costa Norte da ilha da Madeira. A sua reconstrução terá agora de ser pensada com carácter de urgência, uma vez que a própria freguesia do Faial está agora isolada.

Uma nota para as razões da queda desta ponte: a extracção de areias que vinha sendo feita junto dos seus pilares, o que lhes tirou consistência.

Os transportes, por fim, com particular relevo para o facto de o movimento aéreo não ter sido muito afectado, mesmo com os ventos fortes que se registaram. O movimento marítimo foi afectado no caso do navio panamiano «Julian Lillian», que transportava cimento para a Madeira e teve de abrigar-se na baía da Praia de Santa Cruz, em parte devido ao estado do mar, em parte porque não tinha cais para aportar no Funchal.

As marcações de pesca no Norte da ilha, onde o temporal mais intensamente se fez sentir, ficaram durante estes dias em terra. «A situação não permite que os pescadores se aventurem, sobretudo considerando que muitos dos barcos pesqueiros não dispõem do necessário material de comunicações» – nos termos de uma declaração obtida pela ANOP junto de «entidades piscatórias».

Jornalista moçambicano assassinado

O jornalista moçambicano Pedro Tivane, subchefe de Redacção do jornal «Notícias», foi assassinado com a mulher e o filho por um grupo armado quando viajava de carro próximo de Manhiça, segundo foio ontem anunciado em Maputo. Testemunhas afirmam que Pedro Tivane, de 32 anos, foi morto no dia 26 de Fevereiro último a golpes de machado depois de a viatura em que seguia ter sido interceptada por um grupo perante o qual o jornalista se identificou por julgar tratar-se de um controlo militar.

Depois de matarem o jornalista os autores do crime, atribuído em Maputo a elementos antigovernamentais colocaram o cadáver dentro da viatura onde se encontrava sua mulher Rita Mucavele e um dos filhos do casal e lançaram fogo ao veículo. Rita Mucavele e o filho, um bebé de 20 meses, morreram carbonizados. Naquele dia, o mesmo grupo que actuava a menos de 100 km de Maputo emboscou ao todo quatro viaturas civis, matando cinco pessoas e ferindo outras duas.

Portugal vai vender mais máquinas para trabalhar madeiras

Pelo menos 40 importadores estrangeiros de máquinas para trabalhar madeira virão ao certame português da especialidade (a FIMAP/84) que principia no dia 8, quinta-feira, e estará aberto aos interessados até ao dia 14 do corrente.

A feira realiza-se nos pavilhões do Palácio de Cristal, no Porto, ocupando uma área de quatro mil metros quadrados e conta com a participação de 60 empresas do sector entre as quais os principais fabricantes e importadores nacionais.

Segundo o presidente da União dos Industriais de Máquinas para trabalhar Madeira (UNIMAP), José Manuel Fernandes, as exportações do sector vêm aumentando significativamente nos últimos anos e o compradores estrangeiros esperados procedem, designadamente, da França, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Jugoslávia, Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Angola, Moçambique e Arábia Saudita.

As exportações de máquinas portuguesas para trabalhar madeira elevaram-se no ano transacto a cerca de 133 milhões de escudos e as previsões para 1984 apontam para 250 mil contos disse, também, José Manuel Fernandes.

Estas previsões – acrescentou – admitem uma recessão no volume de vendas no mercado interno, «mas este resultado será compensado por um aumento das exportações na ordem dos 100 por cento».

Sublinhou que «o sector não exporta mais, porque não está apetrechado para maior produção» e acrescentou: «Temos capacidade tecnológica, mas falta às nossas unidades de produção dimensionamento e estruturas para acrescerem».

Os industriais portugueses têm largas tradições de participação, desde há muitos anos, nas exposições internacionais da especialidade e os seus produtos gozam de grande prestígio internacional.

José Manuel Fernandes garantiu na conferência de imprensa que «há máquinas portuguesas para trabalhar madeira em todos os países do mundo».

Indicadores divulgados pela Associação Industrial Portuense revelam que os fabricantes portugueses do sector vêm alargando nos últimos anos a sua experiência no mercado internacional.

«Não obstante esta tendência – acrescenta a mesma fonte – ainda hoje é muito maior a importação de máquinas próprias para trabalhar madeira do que a exportação de máquinas de fabrico nacional».

Na FIMAP/84, serão apresentadas algumas novidades, ou seja, protótipos de máquinas para substituição das importações.

Os fabricantes nacionais do sector são cerca de três dezenas e proporcionam, aproximadamente, dois mil postos de trabalho.

Optimismo nas discussões da agricultura europeia

A quinze dias da cimeira europeia, os «Dez» tratarão hoje e amanhã em Bruxelas de analisar uma fase decisiva das suas negociações sobre preços agrícolas relativamente à campanha 84/85 e tentarão encontrar a solução da reforma da política agrícola comum, num clima caracterizado por um acréscimo de optimismo.

Ora, durante o último Conselho Agrícola, a RFA deu um passo importante em direcção das posições francesas ao propor uma eliminação em 3/4 anos dos seus MCM positivos, actualmente em 9,8 por cento, o que favorecia as exportações alemãs em desvantagem para os agricultores franceses, evitando ao mesmo tempo uma baixa de preços para os agricultores oeste-alemães.

A fórmula alemã não foi formalmente aceite mas tem fortes possibilidades de servir de base às negociações entre os ministros.

A solução finalmente adoptada deveria, em todo o caso, arrastar com ela custos suplementares para o orçamento europeu

Alto Minho vai ter Sociedade de Desenvolvimento Regional

A constituição da Sociedade de Desenvolvimento Regional do Alto Minho será formalizada no último trimestre de 1985, informou um dos seus promotores.

Esta sociedade visa orientação para aplicações produtivas na região e elaborar estudos e projectos de empreendimentos de manifesto interesse ragional.

A Sociedade de Desenvolvimento Regional do Alto Minho será uma sociedade de economia mista, com capital social inicial de 500 mil contos, comparticipado pela autarquias do distrito de Viana do Castelo, em cerca de 16 por cento. O Estado, através da Banca, com 24 por cento, é outro dos accionistas e os restantes 60 por cento através de empresas privadas serão subscritos por empresas de emigrantes desta região.

Moçambique quer investimentos britânicos

O presidente Samora Machel solicitou aos membros da Câmara de Comércio Britânica que invistam no país, especialmente no desenvolvimento da agricultura. A solicitação foi feita pelo presidente moçambicano ao receber Lorde Jellicoe, presidente da empresa Tate and Lyle (agro-indústria) e presidente da Câmara de Comércio Britânica.

Companhia de pescas luso-guineense oficializada esta semana

A companhia luso-guineense de pescas «Guipeixe» deverá ser oficializada esta semana pelo Governo de Bissau – indicou à ANOP o secretário de Estado gineense das Pescas, Luís Sanca.

A sociedade mista, que é presidida pelo tenente-coronel Canto e Castro, tem já dois navios, de 180 toneladas cada, a operarem nas águas guineenses.

Cinco navios camaroeiros estão, actualmente, a ser construídos pelos Estaleiros de S. Jacinto, em Aveiro, para virem a constituir a frota definitiva, propriedade da «Guipeixe».

trabalho

Influência da CGTP reforçada no seio das CT's

— revela um estudo da central sindical

As listas afectas à CGTP recolheram 65,8 por cento dos votos e 75,7 por cento dos mandatos em eleições para comissões de trabalhadores de 40 empresas, realizadas em Janeiro e Fevereiro – anunciou a central sindical.

Em comunicado, a CGTP assinala que um estudo do seu departamento de organização revela que nas eleições para as CT's de 40 empresas que empregam cerca de 140 mil trabalhadores, as listas com ela identificadas, se reforçaram ao mesmo tempo que «as identificadas, com a UGT e ou partidos da coligação e do CDS» sofreram «derrotas retumbantes».

A central sindical afirma que, de um total de 84 396 votantes nas 40 eleições mencionadas, 55 609 votaram em listas afectas à CGTP, com um aumento de 2,8 por cento no sector da indústria e 5,4 no sector de serviços, em relação a votações anteriores, tendo as suas listas obtido 281 mandatos (mais 23 do que anteriormente) num total de 371 mandatos.

A CGTP considera que apesar de ser significativa a diminuição do número total de eleitores para as CT's «é indesmentível o reforço da influência da CGTP», sublinhando que a percentagem de votantes aumentou relativamente a eleições anteriores.

Afirma que se «assiste à derrota sistemática das posições anti-CGTP», o que atribui ao «alargamento ainda maior da base social de contestação à actual política e ao actual Governo.

A CGTP afirma que «as listas apoiadas pela direita e pelo aparelho do PS só não perderam mais mandatos porque desta vez se coligaram e dessa forma «retiraram nalguns casos mandatos a listas unitárias».

Entre as empresas analisadas pela CGTP inclui-se a CP, a TAP, a Carris, quatro bancos, a Petrogal, TLP, Lisnave, Setenave, Siderurgia, Rodoviária, Portucel e Cometna.

O Governo "ou dialoga ou terá a sorte que tiveram os outros"

— advertia Torres Couto em Coimbra

O secretário-geral da UGT, Torres Couto, afirmou em Coimbra que a revisão económica da Constituição é a nova bandeira da direita portuguesa, na sua pretensão de rever a democracia.

Em conferência de Imprensa, no final de uma visita de dois dias ao distrito, acrescentou que «o grande cancro da economia portuguesa é a inexistência de uma verdadeira classe empresarial, dinâmica e não especulativa».

Torres Couto considerou que «a política económica do actual Governo é, nos útlimos meses, conjuntural sem uma perspectiva de médio prazo, sem alternativas e sem difinição dos vectores rendimentos, salários e preços».

É uma política de monetarismo vesgo — prosseguiu — que pretende sanear a economia à custa da degradação dos salários e do encerramento de empresas.

«A corrupção assume dimensões cada vez maiores, com falsos empresários, descapitalização fictícia das empresas e a transferência ilegal de divisas» — disse Torres Couto.

Nestas condições — salientou — é intolerável continuar a exigir sacrifícios aos trabalhadores, sem contrapartidas.

Referindo-se ao Conselho de Concertação Social, o responsável da UGT disse: «Reconhecemos a sua importância, mas se ele se revelar uma pura operação de cosmética do Governo, estamos na disposição de nele não participar».

«Não apostamos na queda do Governo, mas **ou ele dialoga com os trabalhadores ou então terá a sorte que tiveram os outros** — precisou.

Torres Couto anunciou que «existem actualmente no distrito cerca de quatro mil desempregados, sendo o valor dos salários em atraso superior a 500 milhões de escudos».

Depois de analisar a repercussão da crise económica no distrito, criticou as posições dos sucessivos ministros da Agricultura quanto ao Plano Agrícola do Vale do Mondego.

Corre-se o risco — adiantou — de 9 mil pequenos agricultores ficarem despojados das suas terras e sem a possibilidade de continuarem a cultivar o arroz na região.

Defendeu também «a abertura ao tráfego aéreo civil da Base de Monte Real, a utilização do aeródromo de Cernache, nomeadamente as oficinas que ali funcionam, e o desenvolvimento das vias rápidas de comunicação com o interior».

Torres Couto, durante a sua visita, reuniu-se com o bispo da diocese, governador civil, presidentes da Câmara Municipal e da comissão de coordenação da região Centro, delegados e activistas sindicais.

Estoril-Sol: luta afectará o Rallye de Portugal

Os 547 trabalhadores do Hotel Estoril-Sol, que acusam os representantes do patronato de tentar restaurar a lei da escravatura, responsabilizam a administração e a direcção daquele estabelecimento pelos prejuízos que da sua luta poderão resultar para o Rallye de Portugal – afirmou ao «DL» um elemento da CT.

Até ao fecho da nossa edição, a administração, segundo a mesma fonte, não se havia manifestado relativamente a um pedido de reunião que lhe foi feito para esta manhã. Entretanto foi marcado para esta tarde um plenário de trabalhadores, durante o qual poderão ser decididas acções concretas de luta, no caso de a administração continuar a recusar a devolução de declarações assinadas por trabalhadores «sob coacção».

As declarações que alguns dos trabalhadores, chamados individualmente, foram obrigados a assinar, de acordo com o informador sindical, «anulam todos os principais direitos leais e contratuais, nomeadamente a abdicação dos horários de trabalho, das férias e dos próprios dias de descanso, para além de estabelecer um regime de polivalência ilimitada ou seja, **cada trabalhador é obrigado a desempenhar todas as funções que lhe sejam ordenadas, para além das que lhe cabem na sua categoria profissional.**

O elemento da CT disse ao «DL» que «os trabalhadores não impedirão a partida do Rally de Portugal, mas este será seriamente afectado se a luta for por diante, uma vez que o secretariado e toda a estrutura de apoio daquela prova estão instalados no hotel».

A mesma fonte, que referiu estar prevista uma greve para a próxima quarta-feira (no caso de o diferendo se manter) acrescentou que os trabalhadores estão firmemente dispostos a lutar por todos os meios para impedir a aplicação das medidas que a administração pretende impor», medidas essas que considera «uma autêntica escravatura».

Breves

● Os trabalhadores da Companhia Editora do Minho, em greve há 13 dias, decidiram prosseguir a luta hoje, quarta, quinta e sexta-feira, a fim de obrigarem o patronato a recuar na sua posição de «recusa de qualquer plataforma de entendimento». Com uma adesão de 75 por cento (desde o primeiro dia) esta luta, segundo uma fonte sindical, prende-se com a revisão salarial e o respeito de direitos contratuais.

● O pessoal da extinta Gelmar decidiu permanecer nas instalações da empresa até ao próximo dia 8, a fim de reclamar o pagamento das indemnizações, salários em atraso e subsídios de desemprego. Os trabalhadores, que acusam o Governo de falta ao compromisso de pagar o que lhes é devido, reúnem-se em plenário na próxima sexta-feira, a fim de decidir as acções a adoptar junto dos órgãos do poder.

● Na Equimetal, os trabalhadores vão efectuar paralisações de duas horas diárias a 7, 8 e 9 do corrente mês, em luta pelo início das negociações do caderno reivindicativo. Exigem ainda o cumprimento da lei 46/79, no que se refere a projectos de reordenamento do subsector da metalomecânica pesada.

● Os operadores de computador do Centro de Informática do Centro Nacional de Pensões paralisam nos próximos dias 7, 8, 12, 13, 14 e 15. Reivindicando a actualização do subsídio de turno desde Abril de 1983, estes técnicos acusam a Secretaria de Estado da Segurança Social de «continuar a recusar o diálogo» com vista à solução do conflito.

24 horas

Ustinov na Índia

O ministro soviético da Defesa, Dmitri Ustinov, chegou hoje a Nova Deli acompanhado por uma comitiva de 55 pessoas, entre elas diversos chefes do estado-maior dos três ramos das Forças Armadas. A visita do marechal Ustinov prolongar-se-á por cinco dias, e inclui um encontro com a primeira-ministra, Indira Gandi, e visitirá as fábricas dos MIG 23 e 27 e dos tanques T-72. A delegação soviética visitará ainda as instalações navais Vishakpatnam e a Escola Militar de Dera.

Encontros secretos

As conversações que acabam de decorrer durante três dias em Praga entre um emissário do Papa João Paulo II e responsáveis checos vão prosseguir, anunciou um comunicado oficial publicado sábado em Praga.

As duas partes «apresentaram as suas posições sobre as questões de interesse comum», indica o comunicado, que não precisa estas questões e não anuncia nem a data, nem o local do reatamento das discussões. O Vaticano era representado por mons. Luigi Poggi, núncio itinerante para a Europa Oriental, e a Checoslováquia, por Vladimir Janku, chefe do Secretariado para os Assuntos Religiosos, que depende do gabinete do primeiro-ministro.

Glemp desmente

O primaz da Polónia, monsenhor Josef Glemp, desmentiu, no sábado, em Buenos Aires, ter criticado Lech Walesa em declarações à Imprensa brasileira, e afirmou que, pelo contrário, «sempre tinha defendido» o dirigente do sindicato dissolvido «Solidariedade». Segundo a edição de sexta-feira do jornal «O Estado de São Paulo», mons. Glemp, que efectua, actualmente, uma visita pastoral ao Brasil e à Argentina, teria declarado que Lech Walesa perdeu o controlo do **Solidariedade**, foi eleito com muitas dificuldades e cometeu erros, inúmeros erros!.

«Peregrinação espiritual»

João Paulo II afirmou a unidade e a solidariedade da Igreja Católica universal com a Igreja da Lituânia, evocando ao mesmo tempo as dificuldades que à mesma se deparam.

«Toda a Igreja universal e o bispo de Roma, sucessor de Pedro, se deslocam em peregrinação espiritual ao Santuário de Vilnius onde repousa o Santo Padroeiro da Lituânia, disse o Papa na missa solene que concelebrou na Basílica Vaticana com os representantes das Conferências Episcopais europeias, ao passar o 5.º centenário da morte de São Casimiro, príncipe polaco escolhido como patrono da Lituânia.

As eleições dos EUA

O escritor uruguaio Mário Benedetti sugeriu em artigo hoje publicado por «El País», de Madrid, que o Terceiro Mundo participe nas eleições presidenciais dos Estados Unidos. «Talvez ainda não saibamos em quem depositar o nosso voto desfavorecido e mestiço», diz Benedetti, «mas em troca estamos de acordo quanto a contra quem».

Atentado do IRA

O IRA reivindicou sábado à tarde o atentado que custou a vida nessa mesma manhã a um civil protestante, de uma empresa de serviços fúnebres em Armagh (Sul do Ulster). Trata-se do segundo atentado mortal perpetrado em dois dias pelo IRA nesta província. A vítima, Herbert Burrows, patrão da empresa foi morto pela explosão de uma bomba quando abria a porta de uma garagem, no centro da cidade. O IRA declarou num comunicado que esta acção, executada pelo seu «Segundo Batalhão» visava de facto as forças de segurança da província.

Massera libertado

O matemático uruguaio José Luís Massera, que já cumpriu nove dos 20 anos de prisão a que foi condenado foi libertado sábado à noite soube-se domingo. Massera, de 69 anos foi líder e deputado pelo Partido Comunista professor de várias Universidades e fundador do Instituto Matemático do Uruguai. É conhecido nos meios científicos pelas suas teorias sobre equações diferenciais.

Ainda as Malvinas

O navio argentino «General Belgrano» foi afundado duas horas e meia antes da assinatura do acordo de paz entre a Grã-Bretanha e a Argentina – revela um livro que será posto à venda hoje em Londres. Desmond Rice e Arthur Gavshon, autores da obra intitulada «O Afundamento do Belgrano», afirmam também que o submarino nuclear britânico «Conqueror», depois de detectar o navio argentino, o seguiu, submerso, durante 25 horas, antes de receber a ordem de o afundar.

Escândalo Thatcher

O marido de Margaret Thatcher estará implicado, como co-titular de uma conta bancária, no escândalo-negócio do seu filho Marlo, no Omã, divulgado há dois meses pela Imprensa – afirma o semanário «Sunday Times». Denis Thatcher compartilha com o filho Mark e com uma terceira pessoa a assinatura bancária de um grupo acusado de obter para uma construtora britânica um contrato exclusivo com o Omã, graças a influências da própria chefe do Governo – segundo o jornal. O contrato para a construção da nova Universidade do Omã, tem um valor aproximado de 450 milhões de dólares (mais de 58 milhões de contos).

Ensino privado (católico) em questão

Direita francesa "liberta-se" nas ruas de Versalhes

Mais de 500 000 pessoas, segundo a polícia, (800 000 segundo os organizadores), desfilaram domingo nas ruas de Versalhes, perto de Paris, a fim de defender a liberdade do ensino privado (90 por cento católico), ameaçado, segundo os manifestantes, pelos projectos de reforma do governo de esquerda, escreve Nicholas Shachahani, da A.F.P.).

Chegados à antiga Cidade Real, em 3000 autocarros e dezenas de comboios especiais, enquadrados por um serviço de ordem voluntário assegurado por milhares de pais, os manifestantes foram-se reunindo sob um sol de Primavera na maior manifestação jamais registada em França desde Maio de 68.

Aos gritos de «A Escola Viverá», Libertemos a Escola», formaram-se quatro cortejos nas diferentes entradas da cidade que foram progressivamente convergindo para o célebre Palácio de Versalhes, vindo a ocupar completamente a grande Avenida em frente, com 128 metros de largura, a fim de ouvir o discurso de encerramento da manifestação proferido pelo cardeal-arcebispo de Paris, monsenhor Jean-Marie Lustriger.

Nas fileiras, caminhando sob os cartazes com as figuras de numerosos santos que dão os nomes a vários dos 800 estabelecimentos de ensino «livres» (privados) da região parisiense, uma multidão disciplinada incluia elementos das classes médias aparentemente em grande maioria.

Manifestação política? Os dirigentes do ensino católico, tal como a maioria dos manifestantes interrogados, recusavam categoricamente esta expressão.

Mas a presença, mesmo em silêncio, no cortejo de numerosas personalidades da oposição, como o conservador e presidente da Câmara de Paris, Jacques Chirac, a mulher do antigo presidente Valery Giscard d'Estaing ou o chefe de fila da extrema-direita, Jean-Marie Le Pen, provavam à evidência a vontade de tirar vantagens de uma manifestação onde, por definição, não estava a esquerda.

O antigo primeiro-ministro gaulista, Michel Debre, igualmente presente, dizia que foi ali defender «A Lei Debré», um texto votado em 1959, em vigor, que define o estatuto da escola privada e lhe assegura o direito a importantes subsídios estatais.

A manifestação de Versalhes constituiu o caldeirão da impressionante mobilização dos últimos meses feita pelos partidários da escola privada (um aluno em cada seis), após manifestações análogas que reuniram há tempos de 80 000 a 300 000 pessoas nas quatro cidades de província. Perante uma tal campanha, os socialistas, partidários tradicionais (com os comunistas) da escola laica, tinham feito saber antes desta monumental manifestação de Versalhes que desejavam um «apaziguamento» neste despertar da «Guerra das Escolas» e que divide a França há um século.

O presidente François Mitterrand interveio directamente no caso na noite de quinta-feira, ao afirmar que o Governo não quer pôr em causa o «valor insubstituível da liberdade do ensino» mas «corrigir um certo número de situações anormais» do sector privado.

O seu primeiro-ministro, Pierre Mauroy, tinha dito no domingo que, agora é necessário que «cada um dê um passo em direcção ao outro» a fim de se encontrar «um ponto de equilíbrio».

A hierarquia católica, que rejeita as principais orientações do projecto do ministro da Educação Nacional, Alain Savary, visando harmonizar os dois tipos de organização de ensino, sem jamais pôr em causa a existência do sector privado, deseja visivelmente acalmar as hostes.

Vários bispos decidiram demarcar-se da oposição que denuncia, à maneira de Jacques Chirac, «a mão pesada social-comunista sobre a educação».

O objectivo procurado pela Igreja é o de negociar para conseguir (segundo as declarações de monsenhor Lustiger) pôr um ponto final nesta guerra das escolas.

Faltavam domingo dez dias para se encontrar um compromisso antes que o ministro Savary torne públicas, em 14 de Março, as suas propostas finais.

El Salvador

"Esquadrões da Morte" ligados ao poder político e militar

Um ex-oficial salvadorenho de alta patente revelou a existência de ligações de destacados funcionários do actual Governo do seu país e do major Roberto D'Abuisson com os esquadrões da morte — noticiou sábado o New York Times, citado pela AFP.

A fonte do jornal norte-americano — cujo nome não é revelado por razões de segurança — relacionou com os «Esquadrões da Morte», o ex-ministro da Defesa José Guillermo Garcia, o actual Eugénio Vides Casanova, o comandante da Polícia, coronel Nicolas Carranza, e atribuiu o financiamento das actividades repressivas a grupos de salvadorenhos radicados na Guatemala e em Miami (FLorida).

Descreveu o candidato presidencial de extrema-direita, D'Abuissson, como um «»psicopata anárquico» que fomentou o aumento em espiral da violência e do terror nos últimos quatro anos.

O jornal norte-americano recorda que em 1980 os «Esquadrões da Morte» assassinaram o arcebispo Arnulfo Romero e o político Mário Zamora em obediência a ordens dos seus patrocinadores na Guatemala.

O entrevistado facultou também ao influente senador democrata Paul Tsongas, e ao representante democrata James Shaannon dados inéditos sobre a origem desenvolvimento e actividades dos grupos de assassinos ultradireitistas salvadorenhos.

Estas revelações coincidiram com a presença nos Estados Unidos do presidente salvadorenho, Álvaro Magana, que se encontra de visita a San Antonio (Texas), e com a véspera da viagem de D'Abuisson ao mesmo país.

Tanto os congressistas como o jornal consideram sólidas e verídicas as informações do ex-oficial que pertenceu à hierarquia da Polícia de segurança de El Salvador.

De acordo com os dados divulgados, os «Esquadrões» foram organizados após o golpe de estado militar de Outubro de 1979, por ordem do general Jose Guilhermo Garcia e do coronel Carranza.

A tarefa foi atribuída ao major D'Abuisson que, paralelmente deveria formar uma Frente Nacionalista de Oposisção ao regime de abertura política, prossegue o jornal.

Nas fileiras dos grupos páramilitares da extrema-direita salvadorenha participam — refere o New York Times — ex-guardas somozistas seleccionados por D'Abuisson em Março de 1980 para assassinar o arcebispo Romero.

A fonte do jornal nova-iorquino salienta que D'Abuisson, Garcia e Carranca escolheram pessoalmente as vítimas dos «Esquadrões», entre estudantes, sindicalistas, políticos e oposicionistas à extrema-direita.

Refere ainda o jornal que tanto as actividades dos «Esquadrões» como da organização política ARENA, pela qual D'Abuisson se apresenta às eleições, são financiadas pelos poderosos grupos de salvadorenhos que vivem na Guatemala e em Miami.

Durante 1979 e 1980, D'Abuisson viajou com muita frequência para a Guatemala, onde os seus contactos eram Mário Saldoval Alarcon e Leonel Sisniega Otero, dois dirigentes de extrema-direita do Movimento de Libertação Nacionalista formado em 1950 pela CIA para derrubar Jacobo Arbenz, disse o ex-oficial.

D'Abuisson ligou-se à extrema-direita guatemalteca devido à experiência que tinha nas operações dos «Esquadrões da Morte» e à protecção que lhe era facultada a si e aos seus pistoleiros depois dos assassínios cometidos no seu país, afirmou.

Esta denúncia vem ao encontro do antigo embaixador norte-americano Robert White que acusou D'Abuisson de dirigir os «Esquadrões da Morte» e de estar directamente ligado ao assassínio de monsenhor Romero.

Gonzalez apela à luta contra o terrorismo

O primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, apelou à opinião pública europeia, através da radiotelevisão belga, para que enfrente com valentia a luta contra o terrorismo.

Gonzalez pediu a todos os governos europeus que coordenem seriamente a luta anti-terrorista, que – disse – não um fenómeno isolado que afecta só a Espanha.

A televisão belga difundiu o apelo do chefe do Governo espanhol poucos minutos depois de ele ter chegado a Bruxelas para uma visita oficial de três dias a este país.

Felipe Gonzalez dirigiu-se especialmente à opinião pública e ao povo belga para que compreendam que em Espanha não há necessidade de refugiados políticos.

O primeiro-ministro referiu-se implicitamente aos Etarras detidos em Antuérpia que serão julgados no próximo dia 14 e cujo pedido de extradição foi oficialmente solicitado pelo governo espanhol em Novembro último.

Em declarações publicadas sábado pelo diário «La Libre Belgique», Gonzalez afirmou que a ETA é a única sombra entre Bruxelas e Madrid adiantando pensar colocar o problema das extradições nos seus contactos com o primeiro-ministro belga, Wilfried Martens.

Os dois pedidos de extradição referem-se a Joseba Arteche Gonzalez (23 anos) e Josu Ormaza Corral (28), detidos pela polícia belga em 30 de Outubro último, juntamente com Carlos Lopez (27), este de nacionalidade francesa.

Os três foram detidos à saída de Antuérpia num automóvel de matrícula francesa, em que foram encontrados dois mil cartuchos de bala.

Polémica

As propostas de um dos principais dirigentes do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE, governamental) para o País Basco, que tinha considerado, 5.ª feira, «inevitável» a proclamação do estado de excepção nesta região, provocaram uma forte polémica e um profundo mal estar nos meios políticos.

Ricardo Garcia Damborenea, secretário-geral do Partido Socialista Euskadi (PSE, ramo bacol do PSOE), para a província de Biscaia, foi não apenas violentamente criticado pelos outros partidos bascos, mas igualmente desautorizado pelo governo socialista de Felipe Gonzalez e pela Direcção Nacional do seu Partido.

«O Governo considera que nenhuma medida de excepção é necessária para o País Basco», comentou o porta-voz do governo, Eduardo Sotillos, que recordou a existência de um projecto de «lei antiterrorista» actualmente em debate nas cortes (Parlamento). «Por agora, isso é suficiente», disse ele.

«A questão não será mesmo colocada» no seio da direcção do PSOE, afirmou um porta-voz do partido governamental, Guilhermo Galeote, segundo o qual «não existem condições» para a proclamação do estado de excepção.

Mais combates Irão-Iraque

Um comunicado do Alto Comando do Iraque afirmou ontem que várias embarcações iranianas foram destruidas na região dos pântanos, a nordeste de Bassora.

A notícia não foi, no entanto, confirmada.

Por outro lado, a Imprensa norte-americana noticiou que o Irão prepara uma ofensiva de grande envergadura, na qual intervirao cerca de meio milhão de soldados.

Os combates na linha da frente Sul, onde desde quarta-feira se regista uma relativa calma, recomeçaram no sábado à tarde.

Fontes militares iraquianas informaram que a cidade de Bassora foi no sábado bombardeada pelos iranianos, tendo-se registado um civil morto, vários feridos e alguns edifícios danificados.

O Irão lançou contra Bassora a sexta fase da ofensiva «Aurora», com o objectivo de cortar as linhas de comunicação que unem o único porto iraquiano à capital, mas, segundo a agência de notícias do Iraque «INA», 50 000 soldados iraquianos repeliram o ataque.

Enquanto isto, o Ministério britânico dos Negócios Estrangeiros desmentiu que tenha vendido armamento químico ao Iraque.

Este desmentido surge na sequência de uma denuncia feita no sábado pela Rádio Teerão, segundo a qual a Grã-Bretanha vendeu ao Iraque, não só, armamento químico como também aviões-tanque e outro material bélico, avaliado em vários milhões de dólares.

Franceses estão de abalada

Israelitas bombardeiam a estrada Beirute-Damasco

A Força Aérea Israelita bombardeou hoje de manhã uma base palestina em Alley, a Leste de Beirute, em represália pelos ataques de domingo contra Sindon e Baalul em que ficaram feridos soldados israelitas. Um porta-voz militar anunciou que os aviões regressaram à base e que o edifício bombardeado, na estrada Beirute-Damasco, era de onde saíam os terroristas para cumprir missões contra as forças israelitas no Líbano. Entretanto, o Porto de Sidon continua hoje fechado depois da explosão no domingo de três cargas por controlo remoto, que provocaram um morto libanês e 14 feridos, onze deles israelitas. Mais quatro israelitas foram feridos no sábado, na explosão de uma mina.

Segundo a emissora militar israelita Galey Tsahal, efectivos do contingente norueguês da UNIFIL no Sul do Líbano desactivaram durante o fim-de-semana três cargas explosivas na aldeia cristã de Marjajun.

Entretanto, em Telavive, os meios políticos israelitas debatem-se com a dúvida sobre se o seu governo deve ou não aceitar negociar acordos de segurança com o presidente libanês, Amin Gemayel, que hoje ainda poderá anunciar a revogação do acordo israelo-libanês de Maio do ano passado.

Segundo o jornal independente Maariv, o primeiro-ministro israelita Yitzhak, recusou uma proposta que os governos sírio e saudita lhes remeteram por canais diplomáticos.

Alguns meios de Imprensa referem que Gemayel ofereceu a troca do acordo de Maio de 1983 por outro de âmbito militar, que protegeria a Galileia de futuros ataques da artilharia israelita.

Segundo algumas fontes, se Gemayel revogar de facto o acordo, Televive não aceitará negociar novamente com o Líbano e Rádio Israel disse que o gabinete Shamir está a fazer debates urgentes sobre as eventuais propostas de Gemayel.

O jornal «Yedioth Ahronoth» diz que Gemayel poderá sugerir que o Líbano Meridional fique sob o controlo de forças da ONU mas Israel não confia nos «capacetes azuis».

Enquanto isto, um oficial americano foi ferido esta manhã junto ao mar em Beirute por tiros de elementos armados não identificados, soube-se junto da embaixada americana em Beirute.

A mesma fonte precisou que o estado do oficial, ferido num braço e no abdómen, «não inspira cuidados».

Uma unidade de 100 «marines» encontra-se ainda em Beirute, recorde-se, a fim de assegurar a protecção da embaixada americana que se situa junto ao mar.

«Au revoir»

O ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Claude Cheysson, que está de visita ao Líbano, informou oficialmente os seus interlocutores libaneses sobre a decisão da França retirar proximamente o seu contingente militar de Beirute, soube-se de fonte informada.

Nenhuma data precisa para esta retirada foi avançada por Cheysson durante as conversações que manteve em Beirute, soube-se da mesma fonte.

A partida dos 1250 soldados franceses poderia entretanto registar-se de um momento para o outro, dado que a França não deseja ver-se metida numa situação que obrigue a retirar os seus homens «em pânico», indicou uma fonte informada.

Chegado domingo de manhã a Beirute, Cheysson teve encontros nomeadamente com o presidente Amin Gemayel e com os dirigentes do movimento político-militar chiita «Amal» que controla a parte ocidental de Beirute desde 6 de Fevereiro.

O problema da retirada do contingente francês, presente em Beirute desde Setembro de 1982 no quadro da Força Multinacional, constitui por agora apenas um aspecto militar e já não político, declarou a mesma fonte.

Segundo esta, as posições abandonadas pelos franceses poderiam vir a ser ocupadas pelas «Forças Interiores de Segurança» (FSI, Polícia libanesa).

As posições francesas estão instaladas sobre uma parte da Linha de demarcação, a cavalo nos dois sectores de Beirute, o de Leste, de maioria cristã, e o de Oeste, de maioria muçulmana.

Agora no Maine

Outra vitória de Gary Hart

O senador do Colorado, Gary Hart, proclamou ontem à noite a sua vitória nas pequenas assembleias «cancus» do Maine, sem esperar que hajam sido contados todos os votos.

«Houve novo milagre político no Maine – declarou ele num jantar do partido democrata em Boston (Massachusetts) afirmando que os seus apoiantes do Maine podem muito bem ter posto um gigante de joelhos».

Mondale, que já tinha sido derrotado na terça-feira passada, no Novo Hanpshire, tomou em seguida a palavra sem contestar a vitória do senador do Colorado.

Quando eram conhecidos os resultados de 276 dias das 412 assembleias do Maine, Gary Hart tinha obtido 50,5 por cento dos votos e Walter Mondale, 43,5 por cento.

Os outros candidatos ficaram bastante longe atrás dos dois principais.

Nenhum destes três candidatos conta com uma campanha organizada no Maine para estas eleições primárias.

As cadeias de televisão não avançaram nenhuma previsão quanto ao vencedor mas a NBC considerou que Gary Hart tinha muitas possibilidades de derrotar Mondale.

Os votos de Hart provêm das zonas rurais deste Estado e os de Mondale – que tem uma maior organização – das grandes cidades.

O senador Gary Hart está quase em igualdade com o antigo vice-presidente Walter Mondale na corrida à investidura do Partido Democrático para a eleição presidencial de Novembro, de acordo com uma sondagem publicada pelo semanário «Newsweek» e citado pela AFP.

Este estudo do Instituto Gallup revela, por outro lado, que no caso de eleições presidenciais imediatas, o senador do Colorado recolheria mais votos do que qualquer outro candidato do seu partido, em competição directa com o presidente Reagan. O actual inquilino da Casa Branca sairia, no entanto, vencedor.

A sondagem, realizada junto de 980 eleitores em todo o país após o surpreendente resultado alcançado pelo senador nas primárias do New Hampshire, mostra que, no caso de uma confrontação Reagan-Hart, 46 por cento das pessoas interrogadas votariam no candidato do partido democrático e 49 por cento no presidente cessante.

Numa competição Mondale-Reagan, o antigo vice-presidente de Jimmy Carter recolheria apenas 42 por cento dos sufrágios contra 54 por cento do actual chefe do Executivo.

Segundo os resultados da consulta, o antigo astronauta John Glenn mereceu a preferência de apenas 8 por cento das pessoas interrogadas.

A China aplicará o sistema métrico daqui a seis anos

As normas do sistema métrico internacional deverão ser aplicadas em toda a China em 1990, anunciou, domingo, a Agência China Nova, que noticiou uma decisão do Conselho de Estado de 27 de Fevereiro passado e tornada pública no sábado.

A China, recorda a Agência, utiliza o seu próprio sistema tradicional de pesos e medidas, como a Grã-Bretanha.

«O desenvolvimento da construção económica, da ciência, da tecnologia, da cultura e da educação, bem como o crescimento das trocas da China, exigem o estabelecimento e a adopção de medidas unificadas», declarou um porta-voz do Bureau de Estado de Metrologia, citado pela Agência.

As novas unidades de medida serão utilizadas por todos os jo-

A adopção das unidades de medidas internacionais foi recomendada pelo Conselho de Estado em 1977. Já são utilizadas pelos serviços de Educação, Informação e de Metrologia. Os manuais de ensino das escolas secundárias e dos colégios também já as adoptaram.

Satélite europeu lançado com êxito

O oitavo exemplar do foguetão europeu «Ariane», transportando um satélite de telecomunicações «Intersalt V», foi lançado, ontem, às 00.50 tmG do Centro Espacial de Kuru, na Guiana.

Este satélite é o segundo do mesmo tipo lançado por «Ariane». O primeiro foi em 19 de Outubro último.

Este lançamento tem especial importância devido ao que representa do ponto de vista comercial. Com efeito, é o último da série de promoção antes do início da carreira puramente mercantil do lançador europeu.

O nono voo está marcado para Maio próximo. Dele será responsável, como de todos os seguintes, a Arisnespace, sociedade provada, de que fazem parte grandes bancos e a maioria dos industriais europeus no domínio espacial. Marcará, sublinha-se, uma data histórica na medida em que, pela primeira vez no Mundo, uma empresa privada assegurará um transporte espacial para outra sociedade privada, a firma americana de comunicações por satélite «Gate Spacenet».

Defendendo cimeira EUA-URSS

Kohl recebido hoje por Reagan

O chanceler alemão federal, Helmut Kohl, chegado hoje de madrugada a Washington, tentará persuadir Ronald Reagan a encontrar-se com o dirigente soviético Constantin Tchernenko, escrevem as agências.

Kohl, um dos mais fiéis aliados dos Estados Unidos na Europa, inicia hoje uma visita oficial de três dias durante a qual se reunirá com os mais altos responsáveis da Administração americana.

A agenda do primeiro-ministro alemão abarca desde a questão das relações entre os Estados Unidos e a União Soviética e os seus reflexos na Europa, até às relações económicas bilaterais com os EUA.

Observadores diplomáticos em Washington não acreditam numa próxima cimeira Reagan-Tchernenko por razões conjunturais.

Kohl foi recebido, no sábado, pelo secretário de Estado norte-americano, George Shultz, nas proximidades do Monumento a Washington, pouco depois de um helicóptero ter levado o chanceler alemão da Base Aérea Andrew, nos arredores da capital americana.

Helmut Kohl é, hoje, recebido por Reagan na Casa Branca e, à noite, ceia com o vice-presidente George Bush, estabelecendo também contactos com os dirigentes da comunidade judia nos EUA para conversações sobre os planos da República Federal da Alemanha de vender armamento à Arábia Saudita.

Terça-feira toma o pequeno-almoço com o secretário de Estado Geroge Shultz, reúne-se com um grupo de congressistas e avista-se com os secretários de Estado da Defesa, Caspar Weinberger, e do Tesouro, Donald Reagan.

Kohl considera que uma reunião entre Reagan e Tchernenko contribuirá para o desanuviamento mundial, principalmente na Europa, além de contribuir para as conversações entre a NATO e o Pacto de Varsóvia.

Na agenda económica, Kohl abordará as consequências para a Europa da política proteccionista dos Estados Unidos, da manutenção das altas taxas de juro bancárias e da volorização do dólar.

Críticas a Reagan

O director do Centro de Informação de Washington sobre Problemas Militares, almirante Gene Larocque, afirmou haver «contradições flagrantes da Administração dos EUA, entre o que diz e o que faz, sobretudo quanto às suas relações com a URSS» – escreve a TASS/Novosti, em telegrama de Washington.

Entrevistado pelo correspondente da TASS na capital norte-americana, Gene Larocque sublinhou ser «indispensável que os EUA dêem passos concretos visando o saneamento da situação internacional extremamente tensa», adiantando, porém, que «tudo leva a crer que o 'pacifismo' da Administração de Washington não irá além das palavras».

«Com efeito», disse, «ela continua a instalar os novos mísseis nucleares de médio alcance na Europa, e os testes de armas anti-satélite foram já iniciados, enquanto, por outro lado, não responde às propostas de elevada importância apresentadas na ONU pela URSS com vista à prevenção da militarização do espaço e ao desenvolvimento de um campo de cooperação pacífica entre as nações».

«As múltiplas iniciativas soviéticas de paz», acentuou o almirante Gene Larocque, «indicam claramente que a URSS preconiza a procura de soluções práticas mutuamente aceitáveis para os problemas internacionais mais urgentes».

«A Administração dos EUA deve promover medidas concretas e razoáveis para o reatamento do diálogo soviético-americano», concluiu o director do Centro de Informação de Washington sobre Problemas Militares.

Enquanto isto, o senador norte-americano, Edward Kennedy escreve na última edição do magazine «Rolling Stones» que «a política externa da Administração Reagan deve ser claramente denunciada» – informa a Novosti.

«Certos representantes da Casa Branca», refere, «falam da paz como se a sua garantia constituísse um objectivo político de Reagan».

Depois de condenar a ingerência militar no Líbano, Edward Kennedy acentua que «a partir de 1985 poder-se-á alargar a ingerência militar na América Latina, apesar do risco de se repetir o erro fatal cometido há vinte anos na Indochina».

Eleições ontem na URSS

Os soviéticos votaram ontem os nomes dos 1500 deputados que irão constituir nos próximos cinco anos o Soviete Supremo.

As ruas encontram-se embandeiradas e os apelos oficiais ao voto vêm registando uma intensidade crescente em todos os meios de Comunicação Social.

Os actos de campanha eleitoral dos candidatos registaram este ano, por toda a União Soviética, uma tónica original derivada da substituição recente do falecido Andropov por Tchernenko no topo da hierarquia do PCUS.

Os resultados das eleições serão conhecidos a partir de hoje segunda-feira.

É tradicional os resultados oficiais traduzirem uma participação maciça de 98 a 99 por cento dos eleitores inscritos, com uma percentagem sempre inferior a um por cento dos votos brancos ou nulos.

Nos seus editoriais de ontem, a Imprensa soviética não se limitava ao apelo a participação eleitoral

Grandes espaços eram dedicados ao elogio do sistema de eleições da União Soviética, destacando os articulistas o que consideram as vantagens relativamente aos sistemas ocidentais.

Para o jornal da Organização de Juventude do PCUS, os sistemas ocidentais derivam do facto de, no Ocidente, «em vez de poder do povo, democracia quer dizer poder sobre o povo».

É porem o sistema eleitoral americano aquele que merece mais acusações dos editorialistas da Imprensa oficial, sobretudo pela «nula representatividade das minorias étnicas e das classes sociais mais modestas no Congresso».

A participação eleitoral no escrutínio de Domingo era de 99,59 por cento às 18 h 00 locais (15 h de Lisboa), quatro horas antes do encerramento das assembleias de voto, anunciou a Comissão Eleitoral Central em Moscovo.

Nas últimas eleições para o Soviete Supremo (Parlamento), em 1979, a participação foi de 99,99 por cento, ou seja mais 0,01 por cento que cinco anos antes

CRUZEIRO DA PÁSCOA

De LISBOA a LISBOA

A bordo do moderno paquete "FUNCHAL"

Classe única • Serviço de 1ª cl.

MADEIRA E CANÁRIAS

FUNCHAL e portos francos de LAS PALMAS E TENERIFE

De 14 a 21 Abril 1984

Preços excepcionais desde 46.500$

DESCONTOS ESPECIAIS PARA FAMÍLIAS — CONSULTE-NOS!

PEÇA NOS PROGRAMAS DETALHADOS

abreu desde 1840

BRAGA COIMBRA FARO PORTIMÃO FUNCHAL

Rallye de Portugal

Nini Russo:

Precisamos de chegar à Póvoa com um avanço de 2m 30s

Numa prova com as caracteríticas do Rallye de Portugal, em que a maior parte das classificativas é constituída por pisos de terra, em alguns pontos de piso francamente mau, ninguém ignora que as quatro rodas motrizes dos Audi são uma vantagem que se traduz num favoritismo lógico. Mas a Lancia tem alguns argumentos importantes a seu favorem, teoricamente, tem igualmente condições para ganhar a prova.

Nini Russo, responsável por um número importante de tarefas na equipa, designadamente a logística, declarou ao «DL» que, se a Lancia conseguir chegar à Póvoa de Varzim com um mínimo de dois minutos e meio de vantagem, e se não chover, têm possibilidades de vencer.

Pelas contas de Nini Russo os seus carros podem ganhar aos Audi cerca de 1.5 segundos por quilómetros no asfalto o que, ao longo da centena e tal de quilómetros de classificativas que se disputam até à Póvoa de Varzim em asfalto permite ganhar esse avanço. Mas a sorte é um factor importante a juntar a todos os outros

As novas «chances» são muitas e poucas

Nini Russo acha que as «chances» da Lancia, são muitas e são poucas ao mesmo tempo, e tudo dependerá de duas coisas principalmente: primeiro que não chova e depois que tenham um pouco de sorte.

«Acho que podemos fazer uma boa corrida e só a última classificativa dará o resultado final!

Estão frente a frente dois carros diferentes, dois conceitos diferentes. Até onde vai de facto a vantagem dos Audi?

«E claro que o nosso carro é um carro mais sofisticado e que neste momento, no alcatrão, acho que não tem adversários que possam aguentar com ele. Mas por outro lado é claro que os Audi na terra, nos terrenos molhados, na neve, são carros que não dão nada para ninguém.

As duas coisas estariam equilibradas se os quilómetros de alcatrão e os quilómetros em terra fossem os mesmos. Mas não é o caso do Rallye de Portugal em que, para cento e tal quilómetros de alcatrao há cerca de 500 em terra.

Mas o nosso carro já no ano passado na terra mostrou a sua grande fiabilidade e mostrou que poderia andar muito perto dos Audi E como dizia antes, se não chover, talvez seja bastante, ou suficiente, os 100 km de alcatrão para não perdermos muito na terra»

Melhores condições para os Lancias

Este ano, sem considerar mesmo a circunstância de no ano passado terem sido anuladas as classificativas da zona da Marinha Grande e Figueira da Foz, encurtando o número de quilómetros em alcatrão, a prova tem classificativas novas, todas elas em estradas deste tipo, o que é, em princípio, uma vantagem para os Lancias, reconhecidamente mais rápidos.

Que pensa disso Nini Russo?

«Há um pouco mais de quilómetros em alcatrão. É claro que no ano passado esses quilómetros foram menos que o previsto por causa das classificativas que foram anuladas devido àquele caso dos vidreiros.

O ano passado, sem fazermos tudo, já chegámos à Póvoa de Varzim com 1.40s, o que não era muito.

Depois, lá em cima, começou a chover. O terreno estava molhado e enlameado. Dois minutos ou dois minutos e meio já não nos chegavam.

Desta vez penso que poderemos chegar à Póvoa de Varzim com uma vantagem de cerca de dois minutos e meio. Calculo que poderemos ganhar aos Audi cerca de 1,5 segundos por quilómetro no alcatrão, o que significa que em 100 quilómetros dá 135 segundos, ou seja, dois minutos e meio.

Se o terreno lá estiver seco e a sorte ajudar um pouco penso que também no final da etapa Póvoa de Varzim - Póvoa de Varzim, um dos nossos carros poderá estar à frente».

No Monte Carlo tudo correu mal

A Lancia encarou este rally com todo o cuidado ou é mais uma prova simplesmente?

«É um rally muito importante para nós depois do Monte Carlo, em que não tivémos sorte nenhuma».

O que se passou afinal em Monte Carlo?

«O que se passou é que tiveos condições atmosféricas que não se verificavam há 20 anos e que foi nevar mesmo na altura da passagem. A cada classificativa do rally que chegávamos começava logo a nevar.

Digamos que era o terreno favorável para as quatro rodas motrizes

No ano passado, em conversa com César Fiorio, quando alguns jornalistas punham em dúvida a capacidade do Lancia Rally nos pisos de terra, este afirmou que o carro era ainda muito jovem e tinha muito por onde evoluir. De então para cá foram realizados progressos nesse campo?

«Sim. A 'miseaupoint' foi feita no ano passado e a demonstração é que em toda a época de ralies que fizemos temos só uma desistência, que foi o Andruet, na Córsega, por causa de uma peça que se estragou que não vale nem mil escudos, e o Vudafieri, na Argentina, que saiu da estrada.

Isto demonstra que o carro chegou ao fim da época com uma viabilidade bastante notável».

Digamos que aguenta os maus pisos. E quanto a «performances»? Está agora mais rápido na terra?

«Agora há um outro problema. Temos uma nova evolução a partir do primeiro de Janeiro. É uma evolução que se traduz em mais 25 HP. O resto é o mesmo. Temos agora mais 25 HP que na época passada.

A questão que se coloca é ver se estes 25 HP a mais dão uma vantagem ou dão problemas. Temos que acertar a interacção destas forças. O resto não mudámos nada. É tudo o mesmo.

Trata-se portanto de saber se será uma vantagem ter mais cavalos ou não.

Novos pneus para este rally

Para Nini Russo o Rally de Portugal reveste-se de grande importância e pode mesmo considerar-se uma prova decisiva.

«É uma contra-prova já que em Monte Carlo nunca fomos na luta. Correu mal desde o princípio. Aqui é verdadeiramente o primeiro rally em que podemos ver as possibilidades dos nossos carros em relação aos Audi».

Quanto a pneus há alguma coisa de novo?

«Pirelli fez um pneu que é um bocadinho mais alto. Foi experimentado no Buçaco pelo Pianta, que ficou convencido e diz que as «performances» dos carros são boas em comparação com o ano passado.

Cada piloto experimentou também um jogo destes pneus e gostaram muito. Digamos que todos estamos a fazer o máximo possível para ver se aguentamos estas quatro rodas motrizes».

Como habitualmente a assistência da Lancia será espectacular. Não propriamente pelo número de fectivos, mas pela sua mobilidade e eficácia. No total são 24 mecânicos e um técnico da Magnetti Marelli, Nini Russo, Giorgio Pianta, Cesar Fiorio e um médico.

Na Póvoa de Varzim, à chegada da primeira etapa verificar-se-á a primeira grande intervenção da equipa. Trata-se, entre outras coisas, de mudar toda a suspensão dos carros, cuja geometria tem que ser alterada para enfrentar os difíceis pisos de terra nas estradas do Alto Minho.

Os nossos enviados especiais viajam com lubrificantes GALP

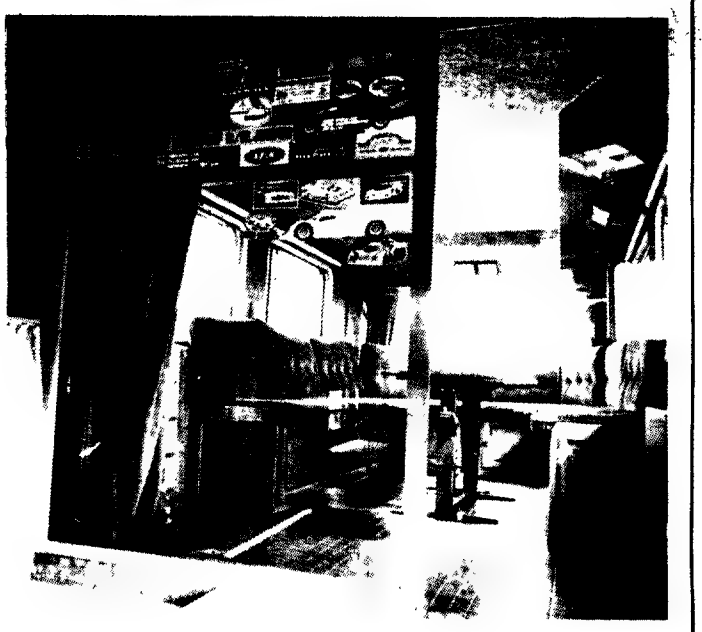
Conference vehicle da Ford em Portugal

A FORD LUSITANA no seu constante empenhamento e crescente envolvimento na competição automóvel em Portugal fez deslocar ao nosso país o seu (Conference Vehicle» que colocou à disposição da Organização do Rally do Vinho do Porto.

Este veículo de características invulgares insere-se na linha Cargo da Ford e destina-se a apoiar equipas em prova. Possui um espaçoso «living» equipado com TV e vídeo além de quarto de dormir, casa de banho e cozinha.

O «Conference Vehicle» da Ford que servirá de quartel-general à Organização do Rally do Vinho do Porto percorrerá o itinerário da prova mais importante do calendário desportivo automóvel em Portugal.

O «Conference Vehicle» estará estacionado junto ao Pavilhão dos Desportos de Cascais, amanhã, entre as 11 e as 13 horas onde a FORD LUSITANA receberá os órgãos de Comunicação Social.



MARTINI RACING

DESPORTO

ponta esquerda

Portimonenses foram roubados

Depois do jogo Salgueiros-Portimonense, má nova para os algarvios: o autocarro em que se tinham transportado fora assaltado. Documentos, dinheiro e roupas tudo voou.

Olivais e Moscavide: árbitro agredido

O árbitro portuense Joaquim Gonçalves afirmou, em relatório, que foi agredido com pedras durante o jogo Olivais e Moscavide - Marítimo. **Trata-se de um adepto local que já está preso** – declarou o juiz.

José Moniz na corda bamba

José Moniz em situação precária no União da Madeira: dentro do clube da sua terra, o técnico está a sofrer tremenda contestação, expressa já através de uma carta de associados transcrita por um jornal madeirense.

Reciclagem de linguagem

- Não há «jogos contra»: acontecem jogos **com**
- Não há **cartões amarelos**: um apenas está à disposição do árbitro
- Não há **cartões vermelhos**: o juíz dispõe apenas de um
- Não há **contenda**: há, apenas e só, duelos de futebol.

"Dão pelo nome de..."

Os fiscais de linha dão pelos nomes de... e... (informação de Jaime Lopes, ontem, aos microfones da Rádio Comercial, antes do Estrela da Amadora - Belenenses, em futebol).

Artur Correia: comentador radiofónico

O antigo «internacional» Artur Correia (Académica de Coimbra, Benfica e Sporting) surge agora como comentador futebolístico aos microfones da Rádio Comercial.

Patinagem faz um favorzinho

Pode ler-se num comunicado da direcção do Conselho Central de Arbitragem de Hóquei em Patins que este organismo resolveu conceder aos Órgãos da Comunicação Social a faculdade de obterem, por consulta naquela Secretaria, os nomes dos árbitros nomeados para as provas nacionais. Esta decisão reveste-se de um carácter experimental, que poderá eventualmente sofrer alterações. Solicita-se, entretanto, que a consulta referida seja feita à quinta-feira, tendo em conta as possíveis alterações de jogos e inibições dos árbitros.

Luto no futebol brasileiro

O almirante Heleno Nunes, que durante quase 15 anos foi o dirigente máximo do futebol brasileiro, morreu no Rio de Janeiro, de edema pulmonar. Heleno Nunes (67 anos) foi director de futebol da antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD), então dirigida pelo actual presidente da FIFA, João Havelange, com quem teve um frente a frente em 1967, depois do fracasso do Brasil no mundial de Inglaterra, tendo inclusivamente perdido com Portugal.

No contrato da transferência de Manniche para o Benfica uma cláusula especificava que o seu antigo clube (Hvidovre) jogaria na Luz. Aconteceu ontem, perante um Benfica de recurso, batido pelo grupo dinamarquês por 5-0. A partida foi arbitrada por Carlos Esteves, auxiliado por João Queiroga (3.º, anel) e José Padinha, equipa de Lisboa. Formações apresentadas pelo BENFICA: Delgado; Pedro Miguel (Pinto, 85 m). Alberto Bastos Lopes (Paulo Lourenço, 2.º tempo), Carlos Pereira e Ventura; Mendes (Prata, 2.ª parte), Filipovic e Hernâni; Ciro (Gilmar, 2.ª parte) Padinha e Jorge Marques. HVIDOVRE: Peter Schmeikel (Lars Jensen, 2.ª parte), finn Johanson (Yan Hansen, 2.ª parte), Michel Kristensen, Sten Hansen e Karsten Halsen (Klaus Mestrup, 60 m); Pierre Larsen, Boo Wilk e Henriqch Jensen (Jens Petersen, 72 m); Mogens Klidsen, Lars Brits e Bjarne Vinskiv. Marcadores: Mogens (2 e 18 m), Bo Wilk (31 m), Henrich Jensen (59 m) e Jens Pedersen (88 m)

Voleibol: Portugal no pódio

A selecção nacional de seniores masculinos de voleibol obteve um significativo êxito no «Torneio das Nações», disputado no fim-de-semana, no Luxemburgo. Sob o comando técnico dos professores Fernando Luís e Rios da Fonseca, a turma das quinas controlou sempre os três jogos em que participou, nos quais evidenciou superior capacidade às restantes formações. Foi, não há dúvida, uma excelente manifestação de valor do «set» lusitano que, ao vencer o tradicional Torneio das Nações prestigiou o voleibol nacional.

Jogadores utilizados nos três encontros:

Ilídio Ramos (Benfica), Jorge Infante (Sporting), Pedro Cardoso, Humberto e Nélson Puga (Leixões), José Vilarinho e Manuel Rosa (FC Porto), Hélder Teixeira (Académica de S. Mamede), José Moreira e José Adelino (Esmoriz)e Filipe Bitó (Sp. Espinho). Resultados da formação portuguesa: com o Luxemburgo, 3-1, com a Inglaterra, 3-0, com a Escócia, 3-0. A comitiva nacional regressa hoje às Pedras Rubras, onde chegará cerca das 22,30.

Nacional de futebol

Minho nas covas

O Benfica, ao vencer o Braga por 7-0, conseguiu marcar tantos golos quantos os obtidos nos restantes sete jogos da 20.ª jornada do campeonato de futebol da 1.ª divisão. Numa jornada em que os êxitos do Setúbal (no Estádio do Bessa) por 1-0, e do Águeda (em Faro) também por 1-0, constituíram as grandes surpresas, embora a dilatada vitória do Benfica sobre o Braga não deixe de espantar os adeptos do futebol. Com efeito, o Benfica parece ter especial propensão para efectuar boas exibições frente a equipas candidatas a provas europeias na próxima época. Perante o Vitória de Guimarães (na 13.ª jornada) os artilheiros benfiquistas obrigaram Silvino a ir buscar a bola ao fundo das suas balizas oito vezes. Nesta 20.ª ronda, foi Valter, o guarda-redes bracarense, a ter que fazer a mesma viagem ao fundo das suas redes por sete vezes.

O Benfica, com 56 golos marcados, a mostrar que continua a ter um ataque temível, principalmente se atendermos a que Nené, apenas em dois encontros marcou cinco golos apesar de ter sido, ao longo deste campeonato, um jogador em «part-time» na maioria dos jogos.

O FC Porto, tem neste momento apenas dois golos sofridos (um face ao Benfica, outro frente ao Rio Ave) o que constitui um «palmarés» invejável para qualquer defesa no futebol mundial e constitui, de momento, a melhor marca europeia.

O Sporting, por outro lado, tem demonstrado uma grande fragilidade defensiva, sobretudo nos jogos no seu terreno. Ao cabo de dois terços do campeonato já cumprido, o Sporting sofreu nove golos nos jogos que disputou em Alvalade, número apenas ultrapassado pelo Águeda, com 11 golos permitidos no seu campo.

Outra curiosidade reside no facto de Guimarães e Braga continuarem a par na luta por um lugar nas competições europeias, duelo para o qual Boavista e Setúbal poderão ainda ter uma palavra a dizer e de que parece ter-se definitivamente afastado o Rio Ave. Os vila-condenses sofreram duas derrotas nas duas últimas jornadas do campeonato e, se a de ontem, no terreno do Varzim (por 0-1, golo de José Maria, aos 45 minutos) não possa considerar-se surpreendente, o mesmo não poderá dizer-se da sofrida há uma semana, em Vila do Conde, perante o Penafiel (1-3).

Resultados inesperados nesta jornada, foram obtidos pelo Setúbal, no Estádio do Bessa, frente ao Boavista (1-0, golo de Jorge Plácido, aos 85 minutos) e do Águeda, em Faro, perante o Farense (também por 1-0, golo de Nogueira, aos seis minutos).

O Setúbal continua, assim, a ser capaz do melhor e do pior em curtos espaços de tempo, enquanto o Águeda, depois de ter sido durante numerosas jornadas o último classificado, parece agora apostado em manter-se na 1.ª divisão.

Salgueiros e Portimonense foram protagonistas do único jogo desta ronda em que não se marcaram golos, enquanto o Penafiel bateu o Estoril, por 2-0 (golos de Joaquim Rocha e de Sena) num jogo marcado pela expulsão, simultânea, de três jogadores estorilistas: Luís Fernando, José Pedro e Amílcar.

Registo.

Nomes e números da ronda 20 do campeoonato maior: Vit. Guimarães-F.C. Porto, 0-1; Sp. Espinho-Sporting, 0-1; Boavista-Vit Setúbal, 0-1; Varzim-Rio Ave, 1-0; Salgueiros-Portimonense, 0-0; Sp. Farense-Rec. Águeda, 0-1; Penafiel-Estoril, 2-0 e Benfica-Sp. Braga, 7-0

Guimarães: o homem das vitórias (Vermelhinho) domina a bola

Este sucesso do Benfica, apesar de ter constituído a segunda maior goleada deste campeonato, não trouxe consigo mais que os dois pontos para a classificação, uma vez que o FC Porto (2.º classificado) foi a Guimarães obter uma preciosa vitória, por 1-0, golo de Vermelhinho, aos 83 minutos. Este resultado mantém os portistas a três pontos de distância do Benfica, o que aumenta a expectativa para o embate entre ambos, na próxima jornada, no Estádio das Antas.

O Sporting, 3.º na tabela classificativa a nove pontos do Benfica e a seis do FC Porto, conseguiu um bom sucesso, por 1-0, no terreno do Espinho (último classificado, apenas com nove pontos), golo de Manuel Fernandes, aos 79 minutos.

As carreiras do Benfica,do FC Porto e do Sporting têm (aliás) curiosidades de salientar: o Benfica, ao vencer o Braga por 7-0, conseguiu marcar tantos golos quantos os obtidos nos restantes sete jogos da 20.ª jornada do campeonato de futebol da 1.ª divisão. Numa jornada em que os êxitos do Setúbal (no Estádio do Bessa) por 1-0, e do Águeda (em Faro) também por 1-0, constituíram as grandes surpresas, embora a dilatada vitória do Benfica sobre o Braga não deixe de espantar os adeptos do futebol. Com efeito, o Benfica parece ter especial propensão para efectuar boas exibições frente a equipas candidatas a provas europeias na próxima época. Perante o Vitória de Guimarães (na 13.ª jornada) os artilheiros benfiquistas obrigaram Silvino a ir buscar a bola ao fundo das suas balizas oito vezes. Nesta 20.ª ronda, foi Valter, o guarda-redes bracarense, a ter que fazer a mesma viagem ao fundo das suas redes por sete vezes.

O Sporting, por outro lado, tem demonstrado uma grande fragilidade defensiva, sobretudo nos jogos no seu terreno. Ao cabo de dois terços do campeonato já cumprido, o Sporting sofreu nove golos nos jogos que disputou em Alvalade, número apenas ultrapassado pelo Águeda, com 11 golos permitidos no seu campo.

Outra curiosidade reside no facto de Guimarães e Braga continuarem a par na luta por um lugar nas competições europeias, duelo para o qual Boavista e Setúbal poderão ainda ter uma palavra a dizer e de que parece ter-se definitivamente afastado o Rio Ave. Os vila-condenses sofreram duas derrotas nas duas últimas jornadas do campeonato e, se a de ontem, no terreno do Varzim (por 0-1, golo de José Maria, aos 45 minutos) não possa considerar-se surpreendente, o mesmo não poderá dizer-se da sofrida há uma semana, em Vila do Conde, perante o Penafiel (1-3).

Resultados inesperados nesta jornada, foram obtidos pelo Setúbal, no Estádio do Bessa, frente ao Boavista (1-0, golo de Jorge Plácido, aos 85 minutos) e do Águeda, em Faro, perante o Farense (também por 1-0, golo de Nogueira, aos seis minutos).

Classificações

		J	V	E	D	G	P
1.º	**Benfica**	**20**	**18**	**2**	–	**56-11**	**38**
2.º	F. C. Porto	20	16	3	1	33- 2	35
3.º	Sporting	20	13	3	4	38-17	29
4.º	Vit. Guimarães	20	10	2	8	27-27	22
5.º	Sp. Braga	20	8	6	6	22-22	22
6.º	Vit. Setúbal	20	7	6	7	27-20	20
7.º	Boavista	20	7	6	7	26-25	20
8.º	Varzim	20	6	6	8	18-22	18
9.º	Rio Ave	20	7	3	10	22-27	17
10.º	Portimonense	20	6	5	9	18-21	17
11.º	Sp. Farense	20	4	8	8	21-25	16
12.º	Penafiel	20	6	4	10	14-32	16
13.º	Rec. Águeda	20	6	3	11	20-37	15
14.º	Salgueiros	20	4	6	10	15-28	14
15.º	Estoril	20	2	8	10	10-31	12
16.º	Sp. Espinho	20	2	5	12	7-27	9

Próxima jornada: FC Porto-Benfica (0-1); Sp. Braga-Sp. Farense (1-1); Rec. Águeda-Penafiel (0-1); Estoril-Varzim (0-1); Rio Ave-Boavista (0-1); Vit. Setúbal-Salgueiros (3-3); Portimonense-Sp. Espinho (1-0); Sporting-Vit. Guimarães (1-2).

Marcadores

Diamantino, com um dos sete golos da «goleada» (7-0) imposta pelo Benfica ao Braga, manteve a liderança dos melhores marcadores do campeonato. Manuel Fernandes, ao marcar o tento com que o Sporting derrotou o Espinho (1-0) isolou-se na 2.ª posição, com 12 tentos.

O melhor marcador desta 2.ª jornada, que rendeu 14 golos (menos dois que a anterior), foi o benfiquista Nené que, com três tentos, passou à 3.ª posição juntamente com o farense José Rafael e o sportinguista Jordão. Estres três futebolistas têm 11 golos cada um. Seguem-se: 6.º Gomes (FC Porto), 10; 7.º N'Habola (Rio Ave) e Jorge Silva (Boavista), 9; 9.º César (Águeda), Folha (Varzim) e Eldon (Guimarães), 7; 12.º Filipovic (Benfica), Manniche (Benfica) e Nascimento (V. Setúbal) 6. Nas vinte jornadas já disputadas foram marcados 374 tentos.

Estoril Praia protesta

O Estoril Praia fez declaração de protesto do jogo realizado com o Penafiel, por alegados erros de arbitragem – revelou o presidente daquele clube, Júlio Graça. O jogo, efectuado em Penafiel, deu a vitória à equipa da casa por 2-0 e foi arbitrado por Pimenta Alves, de Braga. Júlio Graça diz que o protesto baseia-se designadamente na marcação de uma grande penalidade ao Estoril Praia na sequência de um choque entre dois jogadores do Penafiel. Outra irregularidade apontada pelo presidente do Estoril Praia foi o facto de o árbitro não ter marcado falta ao Peanafiel depois de Garcês (jogador do Estoril Praia) **ter sido pontapeado na cara dentro da grande área, ficando a sangrar abundantemente.**. Por último, Júlio Graça referiu a expulsão de três jogadores do seu clube **quando se encontravam a pedir esclarecimentos ao árbitro.**

2.ª Divisão

Resultados dos jogos da 20.ª jornada do «Nacional» da 2.ª Divisão na **Zona Norte:** Fafe - Vizela, 1-3; Famalicão - Feirense, 0-0; Ac. Viseu - Tirsense, 0-0; Lixa - Leixões, 3-1; Valonguense - S. Martinho; 1-0; Valdevez -Riopele, 0-1; Sanjoanense - G. Vicente, 1-1; e Chaves - Paços de Ferreira, 1-0. Classificação: 1.º **Vizela,** 27 pontos; 2.º, Leixões, 26; 3.º, Chaves, 25; 4.º, Sanjoanense, 24; 5.º, P. Ferreira, 23; 6.º Famalicão, 21; 7.ºs, Tirsense e Riopele, 19; 9.ºs Fafe, G. Vicente, Feirense e Lixa, 18; 13.ºs, Ac. Viseu e Valonguense, 17; 15.º, Valdevez, 16; e 16.º, S. Martinho, 14.

Continua na pág 14

Carlos Lopes: títulos são mato

Nacionais de corta-mato

Lopes e Rosa campeões

Carlos Lopes e o Sporting tornaram-se em Viseu, campeões de Portugal de corta-mato. O campeonato feminino foi ganho por Rosa Mota e pelo Sporting de Braga.

Lopes, alardeand grande forma, venceu destacao a corrida masculina, cobrindo os 12 mil metros do percurso em 34 minutos e 25 segundos Na 2.ª posição, ficou Fernando Mamede (Sporting) com 35 minutos e 04 segundos na 3.ª João Campos, Benfica 35.21) na 4.ª João Lopes Silva, Sporting (35.24) e na 5.ª, António Leitão, Benfica (35,30). Depois: Izequiel Canário (Sporting), Fernando Couto (Benfica), Joaquim Pinheiro (Sporting) e Fernando Miguel (Benfica) todos apurados para o Mundial, a realizar em Nova Iorque.

O Sporting somou 21 pontos, contra 35 do Benfica e 163 do Salgueiros.

Rosa Mota (Centro de Atletismo do Porto) cobriu os 5000 metros do campeonato feminino em 16 minutos e 31 segundos seguida de Aurora Cunha, FC Porto (16.48), Albertina Machado, Braga (16.56), Alice Silva, ICA (16,59) e Lucília Soares, Benfica (17.15). O Braga ganhou colectivamente (68 pontos), seguido do Benfica (Também com 68 pontos) e do ICA (120).

Carlos Lopes, em breve declaração no final da prova, considerou o seu triunfo uma dupla vitória, para si e para o seu distrito, pois é natural de Vildeolnhos Acrescentou que não teve dificuldade em triunfar, apesar do traçado quase plano em que a corrida foi disputada (menos adequado às suas caracteristicas) mais parecer uma pista do que terreno próprio para corta-mato.

Placard

Medalhas

A Checoslováquia conquistou o maior número de medalhas de ouro nos campeonatos europeus de atletismo em pista coberta, que se desenrolaram em Gotemburgo (Suécia) O quadro final de distribuição de medalhas foi o seguinte:

	Ou.	Pr.	Br.	T.
Chec.	6	2	2	10
URSS	4	2	3	9
RFA	4	2	2	8
Grá-Bret.	2	1	1	4
Polónia	2	0	1	3
Itália	1	4	3	8
França	1	4	1	6
Suiça	1	3	1	5
Roménia	1	1	1	3
Bulgária	0	1	2	3
Hungria	0	1	1	2
Holanda	0	1	1	2
RDA	0	1	1	2
Bélgica	0	0	1	1

Râguebi: 5 Nações

A França venceu a Inglaterra, por 32-18, em jogo do Torneio das Cinco Nações em râguebi, disputado em Paris. A França disputará a final do torneio, no dia 17, em Edimburgo, com a Escócia.

DESPORTO

Nené: arranque para três golos

Na Luz: 7-0 ao Braga

Benfica: futebol-delícia

De há muito anos a esta parte que não nos passava pelo estreito jogada semelhante àquela que, aos 28 minutos, sete homens do Benfica rubricaram em toques de primeira e, à boca da baliza, sem que qualquer bracarense fosse chamado a tocar na bolinha, por um triz não deu mais um golo para o impávido e sereno Nené que, depois de Eusébio (e até ver) é melhor e mais directo atirador de todo o futebol português.

Mas, para além desse clarão de génio, tudo o que o Benfica apresentou no derradeiro teste antes da viagem a Liverpool foi um regalo para a vista, um livro apresentado por esse extraordinário jogador profissional e homem íntegro que é Minervino Pietra que, condignamente, ao abrir o activo com um golo antológico, comemorou brilhantemente os seus 30 anos, que só não darão festa rija se a lesão que contraiu ao lavar dos cestos o impedir de participar, ao lado dos companheiros, no salto europeu de 4.ª-feira.

Foi, nos 90 minutos, um regalo para o olhar céptico ou mais avaro: um prodigioso espectáculo de futebol corrido, veloz, vivido e espremido ao primeiro toque, saltando com tal galopada da defensiva lisboeta para a sua vanguarda que dificilmente seria possível encontrar antídoto para essa máquina de primorosamente jogar futebol que é (actualmente) a turma de Eriksson, que nem sequer treme com a ausência desse grande senhor do futebol que se chama Humberto Coelho.

Falar detalhadamente da golada aplicada pelo Benfica aos honestos e pundonorosos representantes bracarenses, seria construir uma ode ao comandante do campeonato: e não deve colocar-se o carro à frente de quem o conduz, pelo menos até terminar campeonato que promete, para domingo, chispas e corações em ânsias.

Braga foi, infelizmente, apenas um treino para os donos da Luz: talvez porque Quinito (engripado) preferiu resguardar-se na bancada a tomar lugar na lateral, à frente do seu exército, a verdade é que a exibição dos momentâneos pupilos de Palmeira foi de tal modo frouxa e inquietante que Lisboa ficou atónita e siderada com a fraca, pauperrima, inacreditável falta de força e de ambição numa equipa com sonhos de Europa. Sem menosprezo para a correcção com que todos actuaram, deverá salientar-se que, não fora a bela presença de Valter, aqui e além (em meros lampejos) secundado por Vando e Vítor Santos, Serra e Zinho e teríamos um caixote de outros tantos golos no fundo das malhas do segundo parceiro minhoto que chega ao parque da águia e leva que contar para os netos.

Por seu lado, ainda que Pietra e Carlos Manuel, Chalana e Álvaro, Oliveira e Diamantino, Stromberg e José Luís o acutilante Nené mereçam 20 valores, é impossível deixar de concordar que o Braga nunca obrigou a um Benfica super-super, limitando-se a ver aquela louca cavalgada lisboeta carregar sobre Valter e ir amealhando ovações e golos.

Pode ser que o golo (magistral) de Pietra tenha feito ruir pela base as esperanças e a táctica dos viajantes: porém, isso não desculpa que, de uma semana para a outra, o Braga roce o zénite e, num instante, resvale para o KO mais absoluto. Foi mau de mais para ser verdadeiro: no esqueleto, sem cabeça, salvava-se quem atirava a bola para mais longe ou, em derradeira análise, as mãos e a atenção de Valter. Caso contrário, estaria à vista um máximo de tentos que ficaria como ferrete na carreira dos arsenalistas cá do nosso burgo.

Quanto ao Benfica, nem uma réstea de crítica: mesmo com o jogo completamente dominado, com o «placard» ganhando volume intocável, todos os atletas da Luz continuavam labutando de fato-macaco. Um belo e nobre exemplo que bem pode ser entendido (e perfilhado) entre os demais pares deste reino futebolístico.

Neves de Sousa

Magnifica arbitragem do excelente juiz Raul Nazaré (Setúbal) que foi optimamente acompanhado por Lopes Galrinho e António Jorge. As equipas:

Benfica: Bento; Pietra, António Bastos Lopes (Alberto Bastos Lopes, aos 70 minutos), Oliveira e Álvaro; José Luís (Veloso, 63), Carlos Manuel e Stromberg; Diamantino, Nené e Chalana.

Braga: Valter; Artur, Dito, Nelito, João Cardoso e Guedes; Serra, Zinho, Vítor Santos (Spencer, 64) e Malheiro (Fontes, 64); Vando.

Cartão amarelo para Zinho, Cardoso e Vando. Golos por Pietra (5 m.), José Luís (22), Nene (36), Diamantino (44), Nené (54 e 71) e Chalana (75).

Nacional de futebol

Frente progride

Continuação da pag 13

Zona Centro: Covilhã - Naval, 3-0; Peniche - U. Tomar, 2-1; Alcobaça - Guarda, 1-2; Elvas -Rio Maior, 7-0; U. Coimbra - U. Leiria, 2-1; Anadia - Caldas, 3-0; Beira-Mar - Benf. Castelo Branco, 2-1; e Torriense - Académico, 0-0. Classificação: 1.°, **Académico,** 31 pontos; 2.°, Alcobaça, 27; 3.°s, Covilhã, Peniche e U. Coimbra, 24; 6.°, Elvas, 23; 7.°, Guarda, 22; 8.°, Torriense, 21; 9.°, Benf. Castelo Branco, 20; 10.°s, U. Leiria e Beira-Mar, 17; 12.°. Caldas, 16; 13.°, U. Tomar, 15; 14.°, Naval, 13; e 15.°s, Rio Maior e Anadia, 12.

Zona Sul: Esp. Lagos - Barreirense, 1-0; Silves - Sacavenense, 1-1; Nacional -União, 4-3; Amora - C. Piedade, 6-2; Sesimbra - Odivelas, 2-1; Lusitano - Olhanense, 0-2; Ol. e Moscavide - Marítimo, 1-0; e E. Amadora - Belenenses, 0-0. Classificação: 1.°, **Belenenses,** 29 pontos; 2.°, Nacional, 28; 3.°, Marítimo, 27; 4.°, Olhanense, 26; 5.°, União, 24; 6.°, E. Amadora, 22; 7.°, Sesimbra, 21; 8.°, Amora, 19; 9.°s, Lusitano e Barreirense, 17; 11.°, Silves e Ol. Moscavide, 16; 13.°s, C. Piedade, Odivelas e Esp. Lagos, 15; e 16.°, Sacavenense, 13.

3.ª Divisão

Resultados dos jogos da 20.ª jornada do «Nacional» da 3.ª Divisão na **Série A:** Limianos - Taipas, 2-0; Mrandela - Prado, 0-0; Valenciano - Ponte da Barca, 1-1; Freamunde - Felgueiras, 0-0; Aves - Cerveira, 5-1; Mogadourense - Bragança, 1-1; Moreirense - Vianense, 1-1; e Merelinense - Monção, 2-0. Líder; Aves, 30 pontos. **Série D:** Régua - Cesarense, 3-0; Vilanovense -Esmoriz, 1-0; Ermesinde - U. Lamas, 0-0; Leça - Marco, 2-3; Amarante - José Alves, 1-1; Lourosa - Paivense, 2-0; Valadares -U. Lamas, 2-1; e Ovarense - Paredes, 3-0. Líder: Esmoriz, 26 pontos. **Série C:** Marialvas - S. Romão, 3-2; Oliveirense - O. Bairro, 1-1; Poiares - Mangualde, 1-2; Santacombadense -Viseu e Benfica, 1-1; Mealhada -Vildemoinhos, 3-0; Gouveia -Tortosendo, 2-0; e Sourense -Tondela, 2-1. Líder: Estarreja e Gouveia, 26 pontos. **Série D:** Alcains - Alferrarede, 2-1; Marinhais - Nisa e Benfica, 1-0; Marrazes - E. Portalegre, 0-4; Marinhense - Marinha, 1-1; U. Santarém - Nazarenos, 1-0; Portalegrense - Atouguiense, 2-0; Alpalhoense - S. Bernardino, 2-0; e Bombarralense - Almeirim, 2-1. Líder: Portalegrense, 33 pontos. **Série E:** Cacém - Lusitânia, 1-0; Casa Pia-Olivais, 1-0; Montijo - Oriental, 2-0; Almada - Campinense, 1-1; Águia Sport - Bucelense, 4-3; Atlético - Samora Correia, 0-0; Tires - Sintrense, 5-1; e Vialonga - Santa Clara, 3-2. Líder: Montijo, 32 pontos. **Série F:** Torralta -Vasco da Gama, 3-0; Alvorense -Beja, 1-2; Comércio e Indústria -Juventude, 0-0; Paio Pires - Seixal, 0-1; Vendas Novas - Lusitano V. Real, 2-0; Canaviais -Campinense, 1-1; Moitense -Quarteirese, 0-0; e Quimigal -Trafaria, 0-0. Líder: Torralta, 31 pontos.

Juvenil: Portugal-França

A selecção de Portugal venceu a França, por 1-0, em jogo disputado no Estádio de S. Luís (Faro), na jornada inaugural do 7.° Torneio Internacional de Futebol Juvenil do Algarve. O golo dos portugueses foi marcado por António Luís, aos 54 minutos.

Sob excelente arbitragem de Francisco Silva, as equipas alinharam:

PORTUGAL: José Carlos; Carlos Ribeiro, Albuquerque, Samuel e Fernando Mendes; Pacheco, Rui Manuel e Sampaio; Navalho (Guedes 35), António Luís, Lima (Lomba 35).

FRANÇA: Simon; Prunier, Rollain, Martinez e Potet; Borja, Baré e Etame; Asso, Lambert e Leclerc.

A jornada inaugural foi marcada pela ausência da selecção da Argélia, que havia confirmado a participação no torneio.

França e Bélgica empataram a um golo, em partida da 2.ª jornada os belgas inauguraram o marcador, aos 44 minutos, por intermédio de Bielen, em jogada individual.

A cinco minutos do termo, o francês Rolland igualou, num excelente remate de pontapé livre.

No encontro, dirigido por Rosa Santos e disputado no campo Dois Irmãos, no Alvor, as equipas alinharam:

França: Laurent; Prunier, Rolland, Martinez, Thenier, Bors, Dogon (Potet, 57 m) Etame (Metais, 36), Bare Lambert e Lobe.

Bélgica: Meynen; Schouttetens, D'Acchile, Lieen, Delen; Boes, Van Der Mijnnsbrugge (Karagiannis, 30) e Nilise Van der Eeckhout, Perdiens e Bielen.

O torneio termina amanhã, em Portimão, com o jogo Portugal-Bélgica.

Amanhã há futebol

Nesta 3.ª feira de Carnaval há futebol: Sporting - Vizela (Alvalade, 15 horas) para a Taça de Portugal; Quimigal - Belenenses e Barreirense - Benfica (no Barreiro, para o Torneio de Carnaval de Juniores) e o Tires - Santa Clara (Açores) a contar para o campeonato da 3.ª divisão.

Ainda outro jogo oficial: S. Romão-Sourense, para a 3.ª divisão.

Atenção, Benfica

O Liverpool, que defronta quarta-feirao Benfica, na 1.ª «mão» dos quartos-de-final da Taça dos Campeões Europeus de futebol, empatou (1-1) com o Everton em jogo do campeonato inglês. O golo do Liverpool foi marcado por Ian Rush (aos 18 minutos) e tendo o Everton empatando (aos 84 m) por Arbor. O Everton falhou a marcação de uma grande-penalidade, quando Grahan Shawe rematou de forma a permitir a defesa de Groebellar. O Liverpool alinhou com: Groebellar; Phil Neal, Hansen, Lawrenson, Kennedy; Nichole, Souness, Robinson; Johnston, Whelan, Ian Rush.

TOTOBOLA a chave

1. Benfica-Braga	1
2. Guimarães-FC Porto	2
3. Espinho-Sporting	2
4. Farense-Águeda	2
5. Penafiel-Estoril	1
6. Varzim-Rio Ave	1
7. Boavista-Setúbal	2
8 Salgueiros-Portim.	X
9. Fafe-Vizela	2
10. Torreense-Académico	X
11. Lusitano-Olhanense	2
12. O. Moscavide-Marítimo	1
13. E. Amadora-Belenenses	X

Previsões

O concurso do Totobola poderá ter apenas um totalista, segundo a previsão das Apostas Mútuas Desportivas. O prémio de 24 259 594 escudos tem previsto, no máximo, um totalista, enquanto com 12 resultados certos se calculem entre 5 e 10 apostas. Caso não haja totalista, os serviços de escrutínio calculam entre 130 e 150 apostas com 11 símbolos correctos.

TOTOBOLA jogue connosco

Concurso n.° 10

FC Porto-Benfica	1
Sporting-V. Guimarães	1
Sp. Braga-Farense	1
Águeda-Penafiel	1
Estoril-Varzim	1
Rio Ave-Boavista	x
V. Setúbal-Salgueiros	1
Portimonense-Espinho	1
Riopele-Sanjoanense	2
Gil Vicente-Chaves	x
U. Tomar-Alcobaça	x
B.C. Branco-Torriense	x
Sacavenense-Nacional	1

Guimarães, 0-Porto, 1

Um golo de se lhe tirar o chapéu

Quando tudo parecia indicar que a partida iria terminar tal como haiva começado (sem golos) Costa saiu do anonimato, entrou bem pelo flanco que lhe é familiar e endossou o esférico para a entrada da área, onde apareceu Vermelhinho a burlar um defesa contrório e a arrancar um «chapéu» sobre Jesus que, na circunstância, se havia adiantado a encurtar o ângulo de remate. Iam decorridos 83 minutos. Dir-se-ia que no «lavar dos cestos», os portistas fizeram vindima, mantendo-se na corrida para o título, em vésperas de receber em «casa» o guia e rival de longa data: o Benfica.

Foi um triunfo muito suado, este que o FC Porto obteve no Municipal de Guimarães, que registou grande afluência, sem contudo esgotar a lotação. Em causa esteve (do 1.° ao último minuto) a conquista de dois pontos que, para o conjunto «azul e branco», eram pecúlio imprescindível para o tal mano-a-mano com a turma da Luz, sob pena de no próximo domingo, as Antas virarem palco de jogo a feijões.

Mais tranquilo, o Vitória, que sonha com um lugar na Europa, não podia, como de resto se viu, oferecer de mão beijada os dois pontos, pelos quais lutou com grande determinação, sobretudo no dealbar da partida. Os primeiros 10 minutos do encontro revelaram exactamente essa predisposição dos vimaranenses que, mercê de um certo desacerto do «miolo» portista, estiveram na iminência de se adiantarem no marcador. Lembraremos, a propósito, um «tiro» de Eldon (com o pé esquerdo) do «meio da rua» que obrigou Zé Beto a extraordinário golpe de rins para salvar um golo certo. Mesmo assim, o esférico ainda esbarrou na junção do poste com a barra, saindo para canto.

Depois deste aviso sério dos minhotos, corroborado logo a seguir com dois «morteiros» de Nivaldo (na transformação de outros tantos livres na zona intermediária) o FC Porto recompôs-se e passou, então, a controlar a situação, graças à excelente coordenação de Jaime Pacheco, que voltou a rubricar mais uma exibição altamente positiva. Embora, por vezes, a passo de caracol (devido sobretudo aos «floreados» de Frasco) os portistas ganharam manifesto ascendente territorial, passando a equipa da casa para uma situação de subalternidade que, de certo, não estava nos planos de Stessl.

Rádio: mentir ou silenciar-se?

Nesse período de ascendência portista, foi evidente uma certa perturbação nas hostes vimaranenses, com os jogadores a enveredarem por processos menos ortodoxos e a deixarem marcas em Sousa, Vermelhinho e Frasco. Registarm-se, também, alguns lances dentro da área do Vitória em que os jogadores do Porto reclamaram grande penalidade: no primeiro (aos 11 minutos) por mão de um defesa que, francamente, não vislumbrámos; depois (aos 13) por derrube de Jacques. Neste caso, ficámos com algumas dúvidas, coisa que não sucedeu noutro lance (corrido aos 72 minutos) em que vimos claramente Tozé desviar uma bola com a mão para canto, quando Walsh (que rendera jaime Magalhães, aos 65 minutos) se preparava para finalizar. O chamar de atenção para estes erros do árbitro por alguns camaradas nossos da rádio, suscitou naturais (e lamentáveis) reacções por parte dos adptos minhotos que chegaram a esboçar várias tentativas para silenciar as estações em causa.

A entrada de Costa (aos 59 minutos) para o lugar de Eduardo Luís, desequilibrou manifestamente os pratos da Balança para o lado dos «azuis e brancos», que passaram a exercer uma certa presão sobre o extremo reduto vimaranense onde, por vzes, acorreu Eldon a por cobro a algumas situações de apuro. O Vitória forjou apenas dois ou três contra-ataques no período complementar, o que diz bem do predomínio portista nesse período, pese embora a qualidade do jogo ter baixado um puco. Por outro lado, será de salientar que, para o êxito dos «azuis e brancos» muito contribuiu a polivalência de Jaime Pacheco que, depois da saída de Eduardo Luís passou a «cobrir» o flanco esquerdo, quer a defender, quer a atacar, como se verificou no lance crucial, onde, depois de suster uma entrada de Fonseca, lançou Costa que ficou completamente isolado, para o «xequemate» que iria pôr cobro a um sofrimento de 83 minutos...

Não gostámos da arbitragem, quer no capítulo técnico, quer no disciplinar. O «amarelo» foi exibido fora de tempo, como tardiamente se deu conta que havia dois «setes» na equipa do Porto (Frasco e Jaime Magalhães), no início do 2.° período...

Manuel Neto

Árbitro: Marques Pires (Setúbal), mal auxiliado por Fernando Rebocho (Bancada) e Rui Santiago (Superior).

Guimarães: Jesus; f Gregório Freixo, Tozé, Murça I e Laureta; Fonseca, Nivaldo, Barrinha e Murça II (Dimas, aos 88 m); Eldon e Da Silva (Paquito, aos 68 m).

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Eduardo Luís (Costa, aos 59 m); Jaime Magalhães (Walsh, aos 65 m), Frasco, Sousa e Jaime Pacheco; Jacques e Vermelhinho.

Ao intervalo: 0-0. Marcador: Vermelhinho, aos 83 m. Cartão amarelo: Jaime Magalhães (16 m), Nivaldo (20 m), João Pinto (34 m), Eduardo Luís (53 m) e Jacques (74 m).

DESPORTO

Basquetebol: Queluz sintonizou título

O Queluz/Pioneer é o campeão nacional masculino da 1.ª divisão de basquetebol da época de 1983/84. O clube da linha de Sintra apostou forte (há três anos) no basquetebol e com as estruturas que possui, aliadas ao inestimável apoio financeiro daquela prestigiosa empresa (é justo e oportuno referi-lo) o Queluz conquistou a época passada a Taça de Portugal (após ter sido vice-campeão) corporizando agora o ambicionado título máximo.

Nesta hora de festa, em época de generalizadas festividades para o clube da linha de Sintra, será de recordar (também) o Barreirense e o FC Porto (ex-campeão) como dignos e temíveis competidores e, ainda, a participação do Sangalhos, o menos apetrechado dos quatro finalistas.

Desde que o Queluz levou para as suas fileiras os «internacionais» Baganha, Rui Pinheiro e Carlos Lisboa (após a histórica decisão do presidente do Sporting suspender a actividade da equipa de seniores que, ao tempo, era a titular nacional) sempre defendemos a ideia de que se constituíra a melhor equipa nacional. E era: só que, inicialmente, o comando técnico não «acertou». O primeiro treinador (José Alberto, antigo «internacional» benfiquista) não conseguiu pôr ordem num grupo de vedetas, sempre reforçado com um norte-americano de boa categoria e outro «águia» de tempos áureos (Armando Simões, sucessor daquele) não dispôs de tempo para trabalhar a equipa, aliás ao comando da qual apareceu numa emergência devido ao pedido de demissão do anterior treinador.

Queluz: um belo título basquetebolístico

No princípio da presente temporada, o professor Alfredo Almeida, apoiado pelo professor Carlos Barroca, desenvolveu uma actividade insana no sentido de «moldar» os seus comandados a um espírito de conjunto que antes não existia. Evidentemente que não foram atingidos objectivos imediatos, visto que os principais elementos do «cinco», nomeadamente os referidos «internacionais», estavam viciados num tipo de manobra somente «virado» para o ataque. Eis que o Queluz surge na fase de apuramento bastante irregular para, com o decorrer dos jogos, subir gradualmente e, depois, notoriamente mais equilibrado no aspecto defensivo-atacante. O talento individual foi posto ao «serviço» do conjunto, a organização defensiva melhorou radicalmente e eis que, na fase final, o Queluz subiu até níveis de aproveitamento quase totais, em consonância com o alto gabarito técnico dos jogadores que constituem o «cinco» base.

Como exemplo da manifesta melhoria defensivo-atacante, será de referir que o Queluz, usualmente a equipa que sofria mais pontos foi, nesta «poule» final, a menos batida e ficou apenas a um lance-livre do melhor ataque (Barreirense).

Refira-se, por último, o bom nível técnico dos jogos, quer em Aveiro quer na Tapadinha e a qualidade (excelente) das arbitragens, com evidência para o «internacional» Rui Valente, que enfileira no lote dos melhores árbitros da Europa.

Resultados da fase final, na Tapadinha: Queluz, 84-Porto, 82; Queluz-Barreirense-, 81-77; FC Porto-Sangalhos, 84-64; Barreirense-Sangalhos, 95-92 (86-86 no tempo regulamentar); Barreirense-FC Porto, 95-92 (86-86 no tempo regulamentar) e Queluz-Sangalhos, 107-92. Refira-se a curiosidade de dois jogos em que participou o Barreirense com o Sangalhos e o FC Porto, terem terminado com o mesmíssimo resultado, do tempo regulamentar e do prolongamento, de 5 minutos.

Classificação final: 1.º Queluz, 6 jogos e 11 pontos (526-465, a favor e contra); 2.º Barreirense, 6 jogos e 10 pontos (527-505); 3.º FC Porto, 6-9 (509-480) e 4.º Sangalhos, 6-6 (463-547). Jogadores normalmente utilizados pelo novo campeão: Rui Pinheiro (30 anos, 2 metros de altura, extremo), Augusto Baganha (32-1,75, base), Carlos Lisboa (24-1,88, extremo), João Cardoso (22-1,87, extremo), Ulísses Ferreira (brasileiro 24-2,07, poste), Carlos Santiago (29-1,87, extremo) e o norte-americano Gerald Johnson (23-2,02, poste). Melhores marcadores: Joao Seiça (Sangalhos) com 144 pontos, Mike Burwewl (FC Porto) 144 e Johson (Queluz) 142

Belenenses e Illiabum sobem à 1.ª divisão

O Belenenses e Illiabum (de Aveiro) foram os campeões das Zonas Sul e Norte, pelo que na próxima temporada sobem à 1 divisão nacional, ocupando os lugares do Luso do Barreiro e do Atlético, que foram despromovidos esta época. Na derradeira «ronda», ontem disputada, o Belenenses bateu o Scalipus por 121-56 e o Illiabum embora tenha perdido com a Académica de Coimbra (72-73) conseguiu a almejada promoção porque na 1.ª volta tinha vencido por dois pontos; um «inofensivo» lance-livre que valeu a promoção.

António Abel

Será que os seus nervos vão resistir?
Mistério! Crime! Suspense!

O
O ESCORPIÃO
DE
DUAS CAUDAS

ELVIRE AUDRAY
PAOLO MALCO
JOHN SAXSON
VAN JOHNSON
REAL.
CHRISTIAN PLUMMER

EASTMANCOLOR

ESTREIA AMANHÃ XENON

TRESPASSA-SE

Estabelecimento de material eléctrico em Carnaxide, renda barata.
Telef. 218 45 02.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 14 de Março de 1984, pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp-5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Benito Garcia, Ld.ª, com sede na R. da Madalena-46-2.º Lisboa, no processo executivo n.º 4954/83, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse do escritório sito na Rua da Madalena-46-2.º e o respectivo recheio composto por: Uma máquina de somar eléctrica Odner; duas máquinas de calcular eléctricas Galileu; Uma maquina de calcular manual Olivetti; Uma maquina de escrever eléctrica Hermes 808; Um armário estante, metálico com duas portas e vitrina ao centro Foc; três secretárias metálicas com tampo em termolaminado Handy; seis cadeiras metalicas rotativas Handy; uma máquina de fotocópias da marca Safir EF-204; dois cofres monoblocos com segredo de 4 combinações; seis telefones intercomunicadores, a que se atribui o valor total presumivel de 950 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 1 de Março de 1984

O JUIZ DE DIREITO
Manuel Luís Macaista Malheiros
O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
Carlos Manuel Almeida Alvelos

D.L. — 5/3/84 — 2.ª Pub.

Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa

1.º Juízo

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 14 de Março de 1984, pelas 15 horas neste Tribunal — Rua Braamcamp, 5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Tragel, Transportes Sousa Araújo, Lda., com sede na Estrada de Benfica, 682, à R. Particular C Lisboa, no processo executivo n.º 6474/81 e apensos, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao arrendamento e trespasse do prédio sito na Rua Particular C, composto por Barracão n.º 1 — constituído por uma divisão com 2 pavimentos e uma galeria com arrecadação e porta larga, ambos constituídos em alvenaria e cobertos de fibrocimento; barracão n.º 2, constituído por uma divisão e galeria com uma porta larga e quatro janelões, ao qual foi atribuído o valor de 13 000 000$00.

Verba n.º 2 — Um cofre monobloco com segredo de 4 combinações da marca Casa Tomas Cardoso, Porto, no valor de 20 000$00.

Verba n.º 3 — Uma mesa de reuniões com tampo em fórmica e pés de metal e forrados a napa preta no valor de 50 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 1 de Março de 1984

O JUIZ DE DIREITO
Manuel Luís Macaista Malheiros
O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
Carlos Manuel Almeida Alvelos

D.L. 5/3/84 — 2.ª pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 13 de Março de 1984, pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp-5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a Tragel Transportes Sousa Araújo, Ld.ª com sede na Rua Particular C à Estrada de Benfica Lisboa, no Processo Executivo n.º 2373/82, instaurado por dívida a Imposto Multas e Custas.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao arrendamento e trespasse do Barracão sito na Rua Maria Lalande à Estrada de Benfica — 682 Lisboa a que foi atribuído o valor de 2 000 000$00.

Verba n.º 2 — Uma máquina de montar e desmontar pneus da marca JSGL em bom estado de conservação no valor de 50 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 1 de Março de 1984.

O JUIZ DE DIREITO

Manuel Luís Macaista Malheiros

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO

Carlos Manuel Almeida Alvelos

D.L. — 5/3/84 — 2.ª PUB.

ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12 h. e das 14 às 18 h.
Av. Almirante Reis 175 1.º (mesmo IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

COMPRE A PREÇOS LOUCOS NOS MOVEIS PICA-PAU

NOVA GERÊNCIA

SALÕES DE EXPOSIÇÃO (Fábricas Porto e Leiria)
AMADORA — Av D Nuno Álvares Pereira, 5-B — Tel 945691
BAIXA DA BANHEIRA — R. P.ª António Vieira, 9 — Tel. 2041192
BARREIRO — Av. Miguel Bombarda, 158-A, 158-B Tel. 2072224
MEM MARTINS — Rua Chaby Pinheiro, 8 e 12 — Tel 9217294
LISBOA — Rua Luciano Cordeiro, 18-A — Tel. 41384
ALVERCA — 4+1000 — Rua Proj. à Rua Brig. F A de Oliveira, 5, r/c

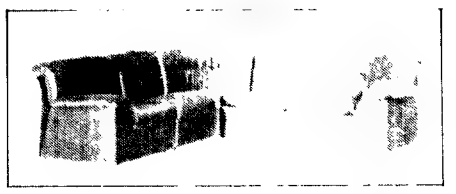
(AS NOSSAS LOJAS DA AMADORA E MEM MARTINS ESTÃO ABERTAS AOS SÁBADOS, ATÉ AS 19 HORAS)

LOJAS ASSOCIADAS

VILA FRANCA DE XIRA — R. Alves Redol, 80-B (Rua Principal)
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 - Codex 2800 Tel 2769001
ODIVELAS — Salão na Fábrica - R. Alfredo Ruas, 50 — Pedernais - Tel 9810711 (a Ponte da Bica) — Est Odivelas — Caneças
PAIVAS — Estrada Nacional, 10 - Lote 30 (mesmo no extremo dos Paivas c/ a Cruz de Pau)
CASTELO BRANCO — Av. Nuno Álvares Pereira, Bloco-B (Junto aos Bombeiros)
PORTO — Av. da Boavista, 1092 — Codex 4100 — Tel 697447
COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 60 — Tel. 26185

NOTE BEM: As lojas na Av.ª da Boavista 1092, no Porto e Av. Fernao de Magalhães, 60, em Coimbra, esto abertas das 9 30 as 21 horas, incluindo sabados

QUARTOS DE CASAL DESDE 14 500$00



JOGOS DE MAPLES DESDE 13 000$00

EM ALMADA, SECÇÕES DE SUPERSALDOS NO 1.º ANDAR

ESTANTES DE CANTO A PREÇOS LOUCOS

QUARTOS DE CRIANÇA DESDE 14 950$00

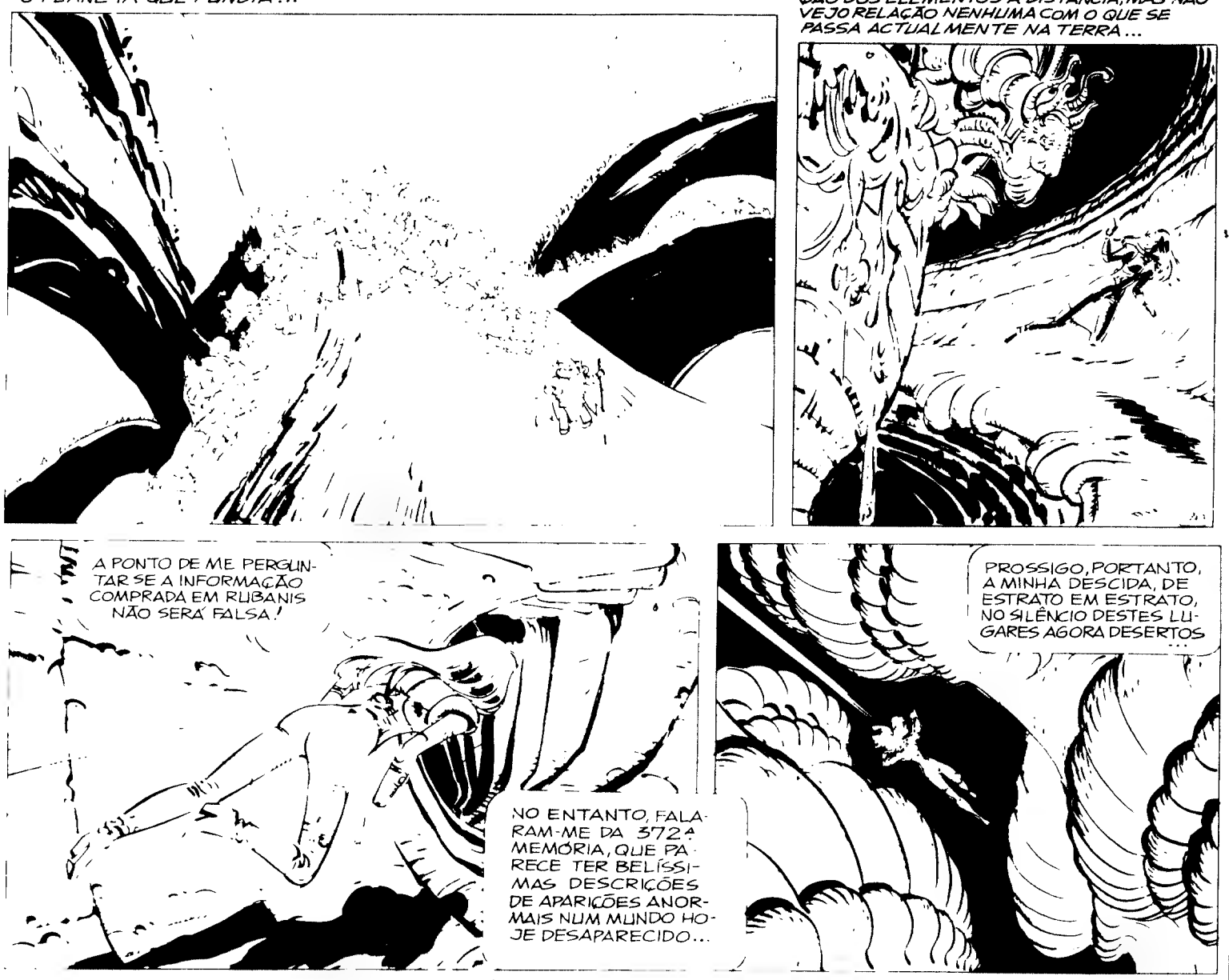
MÓVEIS DE TODOS OS MODELOS

Uma aventura de Valerian... e Laureline

METRO CHATELET, DIRECÇÃO CASSIOPEIA

Mezieres
Christin

21



Copyright Dargaud/Mensórica

CONTINUA

Dez anos depois, que significa para si o 25 de Abril?

Se completa, no máximo, 30 anos até ao próximo dia 25 de Abril você pode concorrer ao «Dez Anos Depois», escrevendo-nos, até ao fim de Março, uma resposta a esta pergunta. O «DL» atribui prémios de 25 000$00, 15 000$00 e 10 000$00 respectivamente ao primeiro, segundo e terceiro melhores textos. Leia nesta edição o regulamento do «Dez Anos Depois»!

Se os jovens pudessem...

MARIA HELENA BORGES
Aluna do 9.º ano, 18 anos

'Acho mal a classificação de um a cinco'

– *Está em férias?*
– Estou.
– *Agrada-lhe essa situação?*
– Lógico!
– *E o que é que faz durante este período?*
– Vou ao cinema, saio com os amigos, faço várias coisas.
– *As férias do Carnaval têm algum significado especial para si?*
– Para mim não, são férias como as outras.
– *Então o Carnaval não lhe diz nada?*
– Sim, acho que se brinca um pouco mais com as pessoas que não se conhecem. Divertimo-nos mais, passa-se melhor o tempo.
– *Porque é que se diverte mais?*
– Por isso mesmo, porque é Carnaval.
– *Gostava que fosse Carnaval o ano inteiro?*
– Não, isso não, se fosse assim era tudo igual, já não tinha interesse.
– *Vai a festas e a bailes nesta altura?*
Vou.
– *Gosta de dançar?*
– Gosto.
– *O que é que lhe agrada mais nessas festas?*
– E travar conhecimento com pessoas que não poderia conhecer de outro modo.
– *Parece-lhe que os jovens têm aquilo que precisam para ocupar os seus tempos livres de uma forma que lhes interesse?*
– Sim, penso que há muitos sítios para ir, depende das pessoas. Pelo menos eu não tenho problemas quanto a ocupação dos tempos livres, de resto não sei...
– *Correu-lhe bem este período lectivo?*
– Mais ou menos, estou na média
– *Está satisfeita com o sistema de avaliação de conhecimentos em vigor?*
– Estou de acordo com a avaliação contínua, mas acho que o sistema de classificação de 1 a 5 está mal. Oferece muito poucas possibilidade, devia ser de 1 a 20.
– *Costuma ler jornais, ou ver os telejornais da TV?*
– Não, não ligo muito a isso.
– *Nem sequer ouviu falar em assaltos nos últimos dias?*
– Parece-me que houve qualquer coisa em Vilamoura
– *Ouviu dizer que o Governo vai tomar medidas para combater a criminalidade?*
Não. Isso não me interessa

J.A.C.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Quatro momentos da cegada

Prioridades

Chefe
Tenho cargo de mandar
em tudo o que possa ser
e a quanto me obrigar
há-de ser como eu quiser.
Ora diz, rapaz, diz tudo.

Rapaz
Meu intuito
era fazer locução.

Chefe
Bom, para já não és mudo
o que, parecendo que não,
facilita as coisas muito.
Falas inglês?

Rapaz
Eu tenho o curso de Oxford,
mas também falo francês.

Chefe
Isso é melhor, é melhor.
E alemão?

Rapaz
Como as linhas desta mão.

Chefe
Suponho que castelhano.

Rapaz
Sem azares.

Chefe
Assim à Mário Soares?...
Já me esquecia, freguês:
e que tal de português?

Rapaz
Falo, isto é: gargarejo.
Às vezes até gaguejo
em acções de maior ânsia.

Chefe
Não estejas preocupado,
deixa lá o português.
Se falas bem o inglês
o mais não tem importância
Contratado.

A música é outra!

Produtor
Nosso musical TV
vai ser grande, se não erro.
Também quer entrar você?

Americano
Também querro.

Produtor
Como é a sua graça?

Americano
John Chiclet.

Produtor
How much?

Americano
Cem mil dólares.

Produtor
Está bem. E usted?

Espanhol
Dos milhones.

Produtor
Assim é.
Et vous, et vous, demoiselle?

Francesa
Je veux, em francs, cem mil.

Produtor
É gentil, é gentil.
Venha cá ó boniteza.
Combien? How much pilim?

Portuguesa
A mim.
pergunte-se: quanto?

Produtor
Então quanto?

Portuguesa
O mesmo que aos outros é.

Produtor
Tá xoné!
Tem de perder ilusões.
Não dou mais que dez tostões.

Portuguesa
Isso é um desacato!

Produtor
Vai queixar-te ao sindicato...

Fábula política

Um rouxinou afamado
concorre ao Telejornal
e um pato cuacuado
é, na função, sem rival.

Como tudo se passou?
Não se sabe, por recato.
Mas quem lá dentrou ficou
foi o cuá, o cuá do pato.

Porquê? Conclusão a esmo
não a tiro, declarada.
Tira-a, leitor, por ti mesmo
que de tolo não tens nada...

Monólogo ratão

Dizem que a Informação
na TV é muito ingrata.
Pois não há mais democrata
em qualquer Televisão.
Ela é correcta, ajustada,
verdadeira que é um espanto
e mui diversificada
vai de um canto a outro canto.
Há lugar proeminente
decerto para o presidente
pois é de maior afã.
Presidente, claramente
quero dizer Reagan.
Depois, num golpe teatral,
como podeis tomar nota,
viajo à África Austral
para ver e ouvir o Botha.
Vá mais um pulo na Terra
e toca a dar um abraço
à glória da Inglaterra,
a Thatcher, que é palha de aço.
O Shamir, o Gemayel
Governo de El Salvador
têm um grande papel
na Informação maior.
Entre nós, também não minto,
varia o telepoleiro:
é o Soares, o Mota Pinto,
o Ferraz e o Casqueiro,
Lucas Pires, barbidouto,
Gama, a gordura feliz,
mais o «laborol» do Couto
e o dr. (Abec)assis.
Só os Castrins maldizentes
por política, indecentes,
podem dizer que calamos
ou muito discriminamos.
Dessa acusação, provamos,
Nós estamos inocentes.
Agora, com muita pena,
finda o discurso tranquilo:
temos em directo a hiena,
o rato e o crocodilo...

Música de filmes

"Querelle" e "A Vida é um Romance" em disco

O mercado discográfico de bandas musicais de filmes anima-se, pelo menos a nível da oferta. Hoje damos conta de dois discos recentes – fundamentais em qualquer discoteca cinéfila que se preze.

QUERELLE

A proposta musical de **Querelle** de Fassbinder é a sedução envenenada de temas dolentes, enleantes e mortíferos, composta por Peer Raben (um membro habitual da «Tripulação» de Fassbinder) a sua tónica divide-se entre o doloroso apocalipse e o charme sensual de uma música que nos roça pelo corpo, insinuante.

Ouvir este disco é prolongar uma doença terrível e deliciosa, é vogarmos nas mágicas ondas de uma sonoridade íntima – decadência e força – se é que tal existe.

Duas canções na voz abandonada de Jeanne Moreau (com poemas de Oscar Wilde) são talvez os momentos perfeitos desta banda musical, com o tema encantatório do acordeão do marinheiro a constituir um fascínio de abismo inesgotável.

Pena que a distribuição deste disco tenha sido escassa (não é fácil encontrá-lo nas discotecas). Razão para que o leitor cinéfilo a busque – e deixe até, para segundo plano, a deficiente prensagem que a origem espanhola talvez explique mas não justifica.

FICHA: «Querelle – ein parkt mit dem Teufel», Belter 2-47 214, (1983)

A VIDA É UM ROMANCE

Quem viu o surpreendente filme de Alain Resnais sabe que **A vida é um romance** é, musicalmente uma inovadora proposta em que a música cantada, trabalhada nos limites do falado, funciona como um factor de distanciação. Enquanto isso toda a zona musical não cantada se destina a criar uma ambiência tão marcada quanto possível, como se a música definisse um espaço, uma época e sentimentos por si só.

O homem que aceitou trabalhar com Resnais nesta sua aventura é um velho andarilho da canção francesa (Piaf e Montand cantaram-no) mas o cinema não lhe tem oferecido grandes oportunidades: M Philippe Gérard. Este seu trabalho, onde se cruzam estilos diversos num desafio que é inédito em matéria de música de filmes, pode ouvir-se com um nunca diminuído fascínio a prolongar a contraditória memória do filme.

Para mais, passa por este disco a voz de Cathy Berberian, o que os melómanos não deixarão passar em claro.

FICHA: «Bande originale du film **La vie est um roman»**, VDC VT-33006, ed. portuguesa Vadeca (1983).

J.L.R.

«Querelle» de Fassbinder uma sedução [illegible] gora editada em disco em Portugal.

Hoje

A RTP-1 apresenta esta noite em «O Pão e o Vinho» o documentário intitulado «O Papel Simbólico do Pão e o Vinho na Liturgia da Páscoa»

15.10 **Rockline**
16.00 **Filme** – «Os Marx no Far-West». **Intérpretes:** Groucho, Harpo e Chico Marx. Realização: Edward Buzzell.
17.25 **Desenhos Animados**
17.45 **Os Fanáticos do Perigo**
18.40 **Documentário** – «Cavalos, Raças e Criação».
19.30 **O Pão e o Vinho** – o papel simbólico do pão e do vinho na liturgia da Páscoa.
20.00 **Telejornal**
20.30 **Telenovela** – «Pai Herói», episódio n.º 175.
21.25 **«Cinderelton»** – o clássico conto infantil, «Cinderela».
21.50 **Espectáculo** – «Um Fantasma Chamado Isabel». Intérpretes: Henrique Santos, M. Helena Matos, Carlos César, Isabel Ferrão, João Rodrigo, Fernando Oliveira, Luís Esparteiro, Cláudia Martins e Carlos Miguel. Realização: Victor Manuel.
23.50 **Últimas Notícias**

A actriz Anna Magnani, principal intérprete do filme «Roma, Cidade Aberta», que se exibe na RTP-2

19.32 **Desenhos Animados** – «Formiga Fenomeno».
20.00 **D'Hoje pr'Amanhã** – fauna marítima, o tubarão.
20.30 **Cine-Clube** – «Roma, Cidade Aberta». Intérpretes: Anna Magnani, Marcello Pagliero e Maria Michi Realizador: Roberto Rosselini.
22.15 **Telenovela** – «Gabriela», episódio 102
22.55 **Último Jornal**

Amanhã

11.00 Janela Mágica. **13.00** Jornal da Tarde **13.10** «Paraíso Havaiano»: **15.00** Reportagem do Exterior: **16.00** «Agulha no Palheiro», **17.30**: Desenhos Animados, **18.00** Os Fanáticos do Perigo. **19.00** Documentário. **19.30** Bem Dizer Bem Escrever. **20.00** Telejornal **20.30** «Pai Herói». **21.15** «Das Nove às Cinco»: **21.45** Circo de Pequim **23.15** Maria Betânia – especial **00.00** Ultimas Notícias

19.30 Desenhos Animados. **20.00** Adágio; **20.30** Palacios Portugueses **21.00** «A Família Bellamy». **22.00** «Gabriela». **22.30** Ultimo Jornal

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

«Um Fantasma Chamado Isabel» (21.50)

«Roma, Cidade Aberta» (20.30)

PAI HERÓI
Nuno pede a Garcia a mão de Ana em casamento. Garcia diz que não aceita e que se isso se concretizar eles podem esquecer que ele existe. César encontra Nuno no restaurante e diz-lhe que já tem provas para acusá-lo, pois descobriu o nome do homem que ele mandou contratar Titan. Odete fica apreensiva pois Walkiria saiu de casa sozinha e Reginaldo descobre que a arma não está na gaveta. Cesar entra em casa e é assassinado. Na boite, Carina diz a Tiago que desistiu de viajar com a Companhia por causa de seus filhos. André entra na boite e vê Carina dançando com Marcel e retira-se, sem ser visto. Hilario chega a casa, tarde, muito nervoso, e conta a Odete que vai resolver um negocio. André telefona para Ana, despedindo-se dela e dizendo que vai para Paço Alegre

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

Hoje e amanhã pelas 21 h 30 m, no Teatro da Academia Almadense, o **Grupo de Campolide** continua a apresentar a peça de Virgílio Martinho, «1383».

«A Mamã é fresca!... Está no frigorífico para ficar com as carnes mais rijinhas» é o sugestivo título da peça em cena no Café Teatro da Comuna. Dois actores, **Francisco Nicholson e António Feio,** interpretam treze personagens, numa séria tentativa de, segundo os próprios, «entrarmos para o Guiness obtendo o máximo mundial de gargalhadas por minuto». A não perder no casarão cor-de-rosa, à Praça de Espanha.

Colóquios

Hoje, pelas 18 horas, historiadores portugueses reunem-se na sede da Associação de Amizade Portugal-URSS, à R. de São Caetano, n.º 30, em Lisboa. Trata-se de um grupo de 18 historiadores do Porto, Coimbra e Lisboa que vão participar de 6 a 13 deste mês no **I Encontro de Historiadores Portugueses e Soviéticos.** O encontro, a ter lugar em Moscovo, será subordinado ao tema «Transição do Feudalismo para o Capitalismo: sociedade, economia, cultura», é organizado pela União dos Historiadores Soviéticos e pela Associação de Amizade Portugal-URSS, e integra-se no conjunto de iniciativas com que esta associação comemora o 10.º aniversário da sua existência. Participam no encontro os seguintes historiadores: Abílio Salgado, Amadeu Homem, Anastácio Salgado, António Ventura, Armando de Castro, Baquero Moreno, Eugénio Santos, Fernando Castroga, Hamilton Costa, Hernâni Resende, Ivo Carneiro, José Coelho Dias José Tengarrinha, Luís Miguel Duarte, Luís Torgal, Manuel Inácio Pestana, Maria Cruz Coelho, Maria Margarida Neto, Maria Tavares Ribeiro, Óscar Lopes, Tatiana Kuznstsova e Vera Carvalho.

Uma cena da peça «1383»

Exposições

No Módulo-Centro Difusor de Arte de Lisboa, continua patente ao público uma exposição de **Vítor Costa,** um dos artistas da nova geração de pintores nortenhos. Nesta sua primeira apresentação individual em Lisboa, Vítor Costa seleccionou um conjunto de pinturas de raiz abstracta de um acentuado grafismo enriquecido cromaticamente com uma forte tonalidade luminosa. A exposição estará aberta das 16 às 20 horas.

Tó Marques, Almerinda e Felicidade do Cacém expõem Máscaras e Fantasias n'A loja d'Almerinda (artesanato e comunicação), à Av. Óscar Monteiro Torres, 23-A.

Continua patente na sede do Instituto Italiano de Cultura, à R. do Salitre, em Lisboa, uma exposição de **Gisella Santi e Laura Cesana.**

Paulo Ossião tem patente ao público no espaço de «A Galeria» aguarelas. Uma nova galeria de arte que abre em Cascais, na R. Nova da Alfarrobeira, 70.

A «Nova Acrópole», à R. Serpa Pinto, n.º 5, 3.º, continua presente ao público uma exposição-venda de cerâmicas, moldes e reproduções pictográficas, que abrange culturas tão diferentes como a Grega, Americana e Egípcia.

Leonel Moura expõe no Espaço Inter-Médio «Cómicos», à R. Tenente Raul Cascais, 1 B (a S. Mamede) uma exposição intitulada «O Vento Sopra Onde Quer». Em desfile, algumas das preocupações mais «quentes» da actualidade: o medo da guerra, os conflitos humanos da sociedade contemporânea.

Um quadro de Victor Costa

No Palácio dos Coruchéus, à R. Alberto de Oliveira, **Any Nobre** expõe uma mostra de pintura.

Atítudes Litorais é o tema de uma mosta colectiva no âmbito da I Exposição de Artes Plásticas na Faculdade de Letras, patente ao público na sala de exposições temporárias daquela escola superior. Em exposição, trabalhos de Alberto Carneiro, Álvaro Lapa, António Pabolo, Eduardo Batarda, Ernesto de Sousa Caetan, Joaquim Bravo, Julião Sarmento, Maria José Aguiar, Pedro Cabrita Reis, Pedro Calapez e Zulmiro de Carvalho.

Em Algés, no Palácio Anjos, das 15 às 22 horas, está patente ao público uma **Exposição de pintura e estopas decorativas.**

Na Galeria de Arte do Casino do Estoril continua presente ao público uma mostra de artes plásticas a favor das **vítimas das cheias de Cascais.** Na exposição-venda cerca de 400 trabalhos de mais de centena e meia de artistas plásticos, entre os quais Lima de Freitas, Manuel Cargaleiro, Paulo Ossião.

Na Galeria Alfarroba, à Travessa Visconde da Luz, em Cascais, continua presente ao público uma mostra de pintura de **Fernando Araújo** intitulada «paisagens construtivas».

Barata Moura apresenta no Salão do Palácio do Turismo de Sintra, a sua exposição «Portugal de Norte a Sul». Semanalmente das 10 às 12 e das 14 às 18 horas.

Continua patente ao público nas salas da Cooperativa Árvore, no Porto, a I Exposição Retrospectiva de **Mário Botas,** uma organização da Cooperativa em colaboração com o Centro de Estudos Pessoanos.

Na Galeria Dois, à Av. da Boavista, 707, no Porto, está presente uma exposição de pintura de **Marques Cruz,** aberta todos os dias, excepto aos domingos, das 16 às 20 horas.

Na Galeria Municipal de Arte de Évora, continua presente ao público uma exposição de **Catherine Henke,** subordinada ao tema «Os Guerreiros».

JOSÉ RAPOSO DE OLIVEIRA GODINHO

FALECEU

Sua mulher, filho, nora, netas e mais família participam o seu falecimento e que o funeral se realiza em hora e data a determinar da igreja de Fátima para o Cemitério do Lumiar.

AGÊNCIA SALGADO
Rua da Beneficência – Tel. 77 13 49

rádio

Antena Um

16.00: Música portuguesa; **16.30**: Música espanhola e latino-americana; **17.00** ZGHIBZ; **18.30**. Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00** Folhetim – o espaço é seu; **21.00**: Toda a gente e pessoa, **21.30** Viva a noite, **23.30**. Ultimo jornal Noticiários intercalares às **16.00**. **17.00**. **18.00**. **21.00** e **22.00** horas

Programa 2

16.15 Pianistas, **17.00** Música sinfonica. **18.05** Musica sinfónica, **19.15**: Trio em re maior de Haydn **19.30** Terra viva planeta azul **20.10** Efemeride da morte de Sergio Prokofieff **20.32** Canções de Schumann **21.00** O canto e os seus interpretes. **22.00** Os caminhos do homem. **23.00** Missa em dó maior, op 86 de Beethoven **23.50** Musica de piano de Beethoven. **01.00** Fecho Noticiários de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinee; **17.00**: Rápido das cinco. **19.00** Programa do Sport Lisboa e Benfica. **20.00** Conta corrente; **21.00** Quando o telefone toca (2 edições), **22.00** Portugal e a CEE, **22.15**: Programas religiosos. **22.30**: Desporto, **23.00**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Ondas lusianas; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Country music; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Horizonte; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Ouvir e pensar; **22.00**: Hora de música; **23.00**: Diário 23; **23.40**: Bola branca (3.ª edição); **23.55**: Meditando.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; **22.57**: Boa noite; **23.00**: A cor do som; **01.00**: As superestrelas do FM

Rede Sul de FM

21.00 Paju, **21.30**: Pentagrama Noticiários a todas as horas

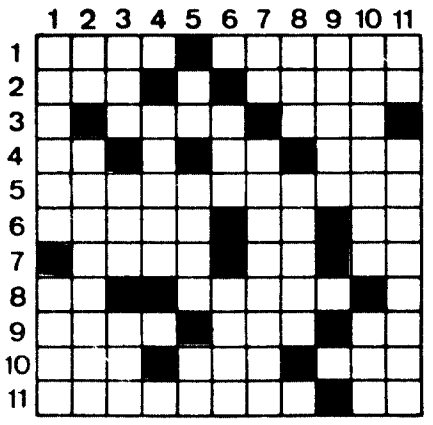
Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 977

HORIZONTAIS:

1 Chuva Chinó.
2 Oceano Conjunção Madeira.
3 Despacha Um dos Estados da América do Norte
4 Rádio (s.q) Clima. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia
5 Encantarias
6 Enxada pequena Utansílio doméstico Reis
7 Ratem Amónio (s q) Ouro (s q)
8 Sufixo que designa estado Gancho metálico farpado para pescar
9 Pronome indefinido Preposição e artigo Letra grega.
10 Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas Um milhar Claridade
11 Casaco com gola de peles (pl Arsenio (s q)



VERTICAIS:

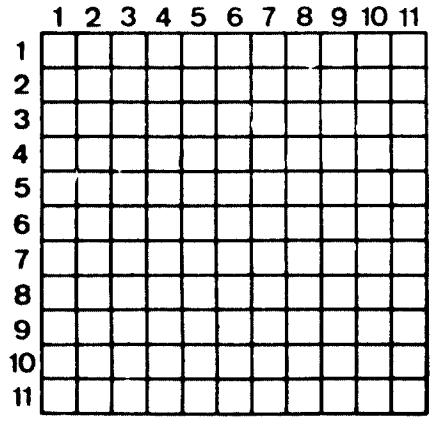
1 Poisas no mar (avião). Buraco (pl)
2 Gálio (s.q). Presa com amarras.
3 Larva das feridas dos animais. Repetição de som. Dote natural
4 Caminhe para cá
5 Isto é (abrev e inv) Uma das mais antigas divindades da India, deus da justiça e da morte Abreviatura da palavra inglesa mister
6 Ata o flanco (ant) Undécimo mês do calendário árabe
7 Artigo definido (ant) Rapaz já espigado
8 Criminoso Apelido
9 Besuntai
10 Estampara Piedosa
11 Autores Tomavas sobre ti

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9827

HORIZONTAIS:

1 Associação ou confraria cristã na Índia Ave galinácea africana Ósmio (s.q).
2 Cólera. Tanto. Acreditei
3 Nome de homem Mudança
4 O mesmo que aro. Gorgulho tropical.
5 Sufixo que designa estado. O lado do vento.
6 Ruim. Agradecida. Antes do meio-dia.
7 Baús. Nome de fruto seco.
8 Ofereceis. Patrões.
9 Cada uma das seis divisões de cada antiga tribo ateniense. Arara. Matéria (pop).
10 Estavas. Prendera.
11 Guarnecera de asas. Molestar.



VERTICAIS:

1 Árvore indiana de fibras têxteis. Querido.
2 Cercadura. Da arábia.
3 Ilha do Pequeno Belt. Remara para trás.
4 Várzeas. Clima.
5 Prendeu. Reis. Pega.
6 Sódio (s.q). Apelido. Doutor.
7 Pinga. Basta! Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho
8 Rebolava. Pronome pessoal.
9 Canto de muitas vozes reunidas. Sustens com estacas, ou ligas a estas as videiras.
10 Avalio. Torna louro.
11 Fecha as asas para descer mais depressa. Misturar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 976

HORIZONTAIS:

1 Rescaldos.
2 Arrumais. Me
3 Arena. TAL
4 Ansa Abarca.
5 Ló Oca
6 Discar Anos
7 Eva MMC
8 Aceso PAGA
9 Amornas
10 Abrasa Na
11 Lias Liaras

VERTICAIS:

1 Ramalde TAL.
2 ER Noiva Bi
3 Sras Sacara
4 CURA Emas
5 Ame Marsos
6 Lana Oral
7 Diabo
8 Os Acampara
9 Tranças
10 Mac Na.
11 Sela Siaras

Proverbio TAL PAGA TAL CURA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9826

HORIZONTAIS:

1 Qui. Usa Tia.
2 Urra. Crás.
3 Miscaro
4 Ocaso Botar
5 Tas. Lia. Aba
6 Os Adita As
7 Acto Anel
8 Asso Orou
9 Sabrosa
10 Adora Ladra
11 Lesar Asais

VERTICAIS:

1 Quioto. Aral.
2 Ur Casas. De.
3 Irmãs. Ossos
4 Ais Atoara
5 Soldo Bar.
6 Sic II Fr
7 Abata Olá
8 Cró. Anosas
9 Trota Erada
10 Ia Abalo Ri
11 Asaras Uras

COTAÇÕES

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	94$50	100$50
ALEMANHA FED (marco)	49$75	50$85
ÁUSTRIA (xelim)	6$95	7$15
BÉLGICA (franco)	2$263	2$463
BRASIL (cruzeiro)	$060	$110
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	102$85	104$85
(notas de 5 a 1000)	103$35	105$35
DINAMARCA (coroa)	13$55	13$95
ESPANHA (peseta)	$826	$946
EUA (dolar – notas de 1 a 2)	128$75	130$75
(notas de 5 a 1000)	129$25	131$25
FINLÂNDIA (marka)	22$95	23$55
FRANÇA (franco)	16$15	16$85
HOLANDA (florim)	44$05	45$05
INGLATERRA (libra)	191$60	195$60
IRLANDA (libra)	153$40	157$40
ITÁLIA (lira)	$072	$082
JAPÃO (iene)	$525	$560
NORUEGA (coroa)	17$15	17$65
SUÉCIA (coroa)	16$55	17$15
SUÍÇA (franco)	59$50	60$60
VENEZUELA (bolivar)	7$95	8$95

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O REGRESSO DO INSPECTOR MARTELADA

ÁVILA 539930
Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.30, 17. 19.10, 21.30 e 23.30
– M. 18 a.
FOME DE VIVER

AVIS 547153
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
A HISTÓRIA DE JOANA

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
WARGAMES, JOGOS DE GUERRA

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para todos
OS 101 DÁLMATAS
20.ª semana

CASTIL 530194
R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
FELIZ NATAL MR. LAWRENCE

CINE BLOCO 556824
R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
— N. ac. men. 18 anos
OFICIAL E CAVALHEIRO
64.ª semana
Às 24
O TRITURADOR

CINE CAMÕES 324194
R. do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– Para Todos
A HERANÇA DO SANGUE
Amanhã às 11 – Para Todos
OS ALEGRES PIRATAS DA ILHA DO TESOURO

CINE 222 579460
Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
ARMADILHA MORTAL
Às 24
OS SALTEADORES DA COBRA DE OURO

CINESTÚDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
STAYING ALIVE
c/ John Travolta

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2, Amadora

Às 15.30, 18.30 e 21.30
STAYING ALIVE
A FEBRE CONTINUA

CONDES 322573
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
O ÚLTIMO FÔLEGO
2.ª Semana

2000 2100055
Av. B. Voluntários, lts 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
FLASHDANCE

EDEN 320768
P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O REGRESSO DO INSPECTOR MARTELADA

ESTÚDIO 555134
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15, 17, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
80.ª semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O BOM CASAMENTO

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24
– M. 12 a.
OS ABISMOS DA MEIA-NOITE

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45
– M. 12 a.
SER OU NÃO SER

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
FÉRIAS QUENTES

LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M. 12 a.
48 HORAS

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O PELOTÃO CHANFRADO

Às 24
10 CONVITES PARA A NOITE

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30 19 e 21.30
– M. 16 anos
O HOMEM QUE FAZIA MILAGRES
c/Sting, Denholm Elliott, Jean Plowrigt e Susanna Hamilton

ODEON 328283/4
R. dos Condes, 12 a 20

Às 21.30 – N. ac. men. 18 a.
REGRESSO AO DESTE BRAVIO

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– M. 12 a.
AC/DC, ALTA TENSÃO

«Alemanha no Outono» – realização colectiva de Fassbinder, Böll, Kluge, Schlöndorf e outros, em exibição no Quarteto

POLITEAMA 326716
R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
POLÍCIAS E LADRÕES

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15
– M. 12 a.
GERAÇÃO ESTRAGADA
Às 00.45
A MULHER DO PADRE

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.15
– M. 18 a.
A MULHER EM CHAMAS
Às 00.45
AMERICAN GIGOLLO

SALA 3
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15
– M. 16 a.
ALEMANHA NO OUTONO
Às 00.45
EXTERMINADOR

SALA 4
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15
– M. 16 a.
FELIZ NATAL, MR. LAWRENCE
Às 00.45
DIFAMAÇÃO

QUINTETO 573407
R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
ANDROIDE
Às 24
O COWBOY DA NOITE

ROMA TEL. 727778
Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Maiores 12 anos
Bud Spencer em
POLÍCIAS E LADRÕES

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
DINAMITE JOHNSON
Colorido
2.ª Semana

SÃO JORGE 579144/579344
Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
GRANDE HOTEL EXCELSIOR
c/ Adriano Celentano
12.ª Semana

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.15
FOME DE VIVER
c/ Catherine Deneuve e David Bowie

SALA 3

Às 14, 16.30, 19.15 e 21.45
– M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
9.ª Semana

7.ª ARTE 730715
Av. República à E. Entre Campos junto ao n.º 63

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
– M. 6 a.
GRANDE HOTEL EXCELSIOR
c/ Adriano Celentano

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666
E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
OS ABISMOS DA MEIA-NOITE
Amanhã às 11
Manhã Infantil
FESTIVAL DE TOM E JERRY

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 875

As 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
SER OU NÃO SER

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
AMOR E DINHEIRO
As 23.45 – N. ac. men. 18 a.
A CORAGEM DE UM HOMEM
c/ Alain Delon

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Jovens Médicos Apaixonados». às 21.45 (12 anos)

ALFA-2 – «Nunca mais Digas Nunca», às 21.15 (12 anos)

ALFA-3 – «Jogos de Guerra». às 21.30 (12 anos)

ESTÚDIO ACS – «Feliz Natal, Mr. Lawrence», às 21.15 (12 anos)

MUNDIAL – «Jogos de Guerra». às 21.30 (12 anos)

CAPITÓLIO – «O Prazer Absoluto», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

TERMINAL – «Férias Quentes», às 21.30 (12 anos)

LONDRES – «O Último Fôlego», às 21.30 (16 anos)

APOLO 70 – «48 Hrs.», às 21.30 (12 anos)

CITY-CINE – «Feliz Natal, Mr Lawrence», às 21.30 (16 anos)

OLÍMPIA – «Uma Mulher para Todos», sessões permanentes (18 anos)

TIVOLI – «Jovens Médicos Apaixonados», às 21.30 (12 anos)

RESTELO – «Megaforce», às 21.30 (6 anos)

ALFA-CLUB – «Sem Sombra de Pecado» às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA – «O Varredor», as 21.30 (6 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL – Casino – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.15 (12 anos)

CASCAIS – Impala – «Malandrices Caseiras», às 21.30 (16 anos)

CASCAIS – Oxford – «O Regresso da 7.ª Companhia» às 21.30 (6 anos)

SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cineilndia – «N.º 1 do Serviço Secreto» às 21.15

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «O Varredor», às 21.15 (6 anos)

SETUBAL – Júpiter – «Parada de Estrelas», às 21.15 (6 anos)

ALMADA – Cine-Estúdio – «Os Marretas Contra-Atacam», às 21.30 (Todos)

COSTA DE CAPARICA – Silcine – «Cantinflas, o Senhor Doutor», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

ERICEIRA – Cinestúdio – «O Dia da Mãe», às 21.15 (18 anos)

Porto

COLISEU – «Jovens Apaixonados», às 21.30 (12 anos)

VALE FORMOSO – «Os Dois Missionários» e «O Grande Restaurante», às 21.30 (13 anos)

ÁGUIA – «O Regresso do Inspector Martelada», às 21.45 (13 anos)

TERÇO – «Foi-se o Tesouro, Ficou o Amigo», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT – «Classe», às 21.30 (16 anos)

PASSOS MANUEL – «Os Supergénios», às 21.30 (12 anos)

RIVOLI – «Por Favor, não Me Morda o Pescoço», às 21.30 (13 anos)

BATALHA – «João Broncas e os Malucos da Bola», às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA – «Febre Louca dos Anos 60» às 21.30 (12 anos)

TRINDADE – «No Limiar da Realidade» às 21.30 (12 anos)

SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro» as 21.30 (18 anos)

PEDRO CEM – «O Grito da Vitoria», às 21.30 (12 anos)

FOCO – «Jogos de Guerra» as 21.45 (12 anos)

LUMIÈRE-A – «Crimes a Sangue Frio» às 21.30 (12 anos)

LUMIERE-L – «No Limiar da Realidade», às 21.45 (12 anos)

SALA-BEBÉ – «Os Viajantes da Noite», às 21.45 (16 anos)

teatros

Lisboa

ACADEMIA ALMADENSE – Grupo de Campolide – «1383», as 21.30 (13 anos)

VARIEDADES – «Eu Desço na Próxima, e Você?» às 21.30 (13 anos)

COMUNA – Café-Teatro – «A Mama e Fresca» às 22.00 (13 anos)

COLISEU – Circo Carnavalesco, às 21.30 (6 anos)

MARIA VITÓRIA – «Quem Me Acaba o Resto?!» às 20.30 e 22.45 (16 anos)

VILLARET – «Super Silva», às 21.30 (12 anos)

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II – «A Sobrinha do Marquês», as 21.30 (6 anos)

TEATRO ABERTO – «A Boa Pessoa», às 21.30 (12 anos)

TEATRO DO BAIRRO ALTO – «A Missão» as 21.30

PORTO

CAMPO ALEGRE – Seiva Trupe – «Um Cálice de Porto» às 21.30 (13 anos)

ESBAP-EDERRA – «Os Comediantes», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Lisboa

BAIXA: Durão R. Garrett, 92 (T. 324166). **CAMPO D'OURIQUE: Condestável**, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 666206). **ESTEFÂNIA: Morgado Lourenço**, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808). **JOÃO XXI: Onilda** Av. João XXI, 13-A (T. 886848). **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332). **MARQUÊS DE POMBAL -METRO PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385) **OLIVAIS NORTE: Central do Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 79C (T. 315539). **PALHAVA: Aguiar** Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 764629) **SANTO AMARO: Correia Azevedo**, R. Luis de Camoes, 42-B (T. 638625). **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Costa Ferreira** R. Fernao de Magalhães, 33 (T. 849448) **BRANDOA -COLINA DO SOL - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos celula G lote 35 (T. 996540). **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 915446)

REFORÇO

AJUDA: Lídia Almeida C. da Ajuda 170 (T. 637318) **ALVALADE: Cartaxo** Av. dd Igreja, 21-C (T. 897958). **AVENIDAS NOVAS: Valle** Av. Marquês de Tomar 47 (T. 773043). **BENFICA -IGREJA: Marques**, E. de Benfica 648 (T. 700096); **CAMPOLIDE: Pátria**, C. dos Mestres 39-A (T. 680627). **HOSPITAL DE SÃO JOSÉ - DESTERRO: Silmar** R. de Sao Lazaro 128 (T. 542829). **PALÁCIO DE SÃO BENTO: Micael**, R. de Sao Bento, 380-382 (T. 662162). **PAMPULHA: Infante Santo**, R. Olival 290 (T. 661003). **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha** R. da Penha de França 58-60 (T. 899245). **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes MAF (T. 880703). **VALE FORMOSO -POÇO DO BISPO: Barros Gouveia** R. Vale Formoso de Cima 79-B (T. 382180). **BURACA - AMADORA: Vaz Martins** R. António Ferro, 6-A (T. 970660). **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores 11-A (T. 910305); **PONTINHA: Pontinha** E. Santo Eloi, 4 lote SE (T. 990220). **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939)

Outra banda

ALMADA: Magalhães R. Capitão Leitao 8-B (T. 2750242). Permanente **COVA DA PIEDADE: Cerqueira** L. 5 de Outubro 18 (T. 2750254). Ate as 22 horas. **LARANJEIRO: Moderna** R. Dr. Antonio Elvas 8-A (T. 2290305). Ate as 22 horas. **COSTA DE CAPARICA: Higienica** Av. da Republica 23 (T. 2400020). Ate as 19 horas. **SESIMBRA: Lopes** R. Cândido dos Reis 21 (T. 2233028). **LAVRADIO: Parreira** R. D. Silva Cristino 15-A (T. 2042016). Ate as 19 horas. **BARREIRO: Moderna** R. D. Henriqueta Gomes Araujo 12 (T. 2073443). Permanente. **BAIXA DA BANEIRA: Texeira** Bairro de Moçambique 84-B (T. 204946). Ate as 19 horas. **CORROIOS: Universo** E. Nacional 10 (T. 2290084). Ate as 19 horas.

AMORA: Matos Lopes R. 1.º de Maio 401 (T. 2216355). Ate as 22 horas. **SEIXAL: Godinho** L. da Igreja 51 (T. 2213580). Ate as 22 horas. **MONTIJO: Higiene** R. Jose Joaquim Marques 142 (T. 2310370). Ate as 22 horas. **MOITA: União Moitense** Av. Dr. Teofilo Braga (T. 239025). Ate as 19 horas. **ALHOS VEDROS: Portugal** Av. da Bela Rosa 8 (T. 204250). Até às 19 horas. **ALCOCHETE: Nunes** L. Coronel Ramos da Costa 10 (T. 234137). Ate as 19 horas. **SETUBAL: Brasil** P. do Brasil 15 (T. 24788). Permanente. **Costa** R. Misericordia 48 (T. 22760). Permanente. **Isabel** R. General Gomes Freire (T. 22042). Ate às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Almeida Nifo Av. Combatentes da Grande Guerra 64 (T. 2112070). Permanente. **LINDA-A-VELHA: Moderna** Av. 25 de Abril 30-C (T. 2191235). Ate as 19 horas. **TIRES: Guimarães** L. Duarte Lopes 4 r/c (T. 2441616). Ate as 22 horas. **ALCABIDECHE: Carvalho** Bairro Padre P. Correia 4-B (T. 2690363). Ate as 22 horas. **PORTO SALVO: Ferreira Bastos** R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Ate as 22 horas. **MALVEIRA DA SERRA: Luz** E. Nacional (T. 2850635). Ate as 22 horas. **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás** R. Costa Pinto 184 (T. 2432034). Ate as 22 horas. **OEIRAS: Godinho** R. Cândido dos Reis 98 (T. 2430090). Permanente. **CARCAVELOS: Vilar** Av. Maria da Conceiçao lote 8 (T. 2470777). Permanente. **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira** Av. Sabóia 29-B (T. 260085). Ate as 22 horas. **PAREDE: Brandão** Av. da Republica 77-C (T. 2471054). Permanente. **SASSOEIROS: Amaral Semblano** Quinta das Encostas (T. 2461312). Ate as 22 horas. **BIRRE: Imani** Ate as 22 horas. **MADORNA; Madeira** R. A. (T. 2476326). Ate as 22 horas. **AMOREIRA: Abrantes** Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Ate as 22 horas. **ESTORIL: Parque** Arcadas do Parque 3 (T. 260191). Ate as 22 horas. **CASCAIS: Misericórdia** R. Regimento 19 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Cavaca R. Elias Garcia 209 (T. 930019). Permanente. **Nova** R. Elias Garcia 10 (T. 972530). Ate as 22 horas. **DAMAIA: Damaia** P. Alexandre Gusmao 9-A (T. 970523). Ate as 22 horas. **QUELUZ: Pereira Dias** Monte Abraao (T. 965566). Ate as 22 horas. **CAMARATE: Mendonça** Apelação. Ate às 19 horas. **CACEM: Garcia** Av. dos Missionarios 2 (T. 9242181). Permanente. **MEM MARTINS: Miranda Garcia** E. de Mem Martins 173 (T. 9214103). Permanente. **MERCÊS: Claro Russo** R. Abade Faria 2-A (T. 9215275). Ate as 22 horas. **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço** da Rinchoa 38 (T. 926006). Ate as 22 horas. **SINTRA: Marrazes** Estefânia (T. 9230058). Permanente. **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Santa Bárbara R. Francisco M. Beato 75-A (T. 2518918). Ate as 22 horas. **SACAVEM. Cortes** Av. Maria Luisa Braancamp 2-A (T. 2519420). Permanente. **LOURES: Sálvia** Av. da Republica 29 (T. 2531240). Ate as 22 horas.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

NACIONAL R. Senhora da Luz 156 Foz. **COUTO** L. de Sao Domingos, 106. **FERREIRA DA SILVA** R. dos Martires da Liberdade 150. **GOMES FERREIRA** R. de Faria Guimaraes 449 **MELO TAVEIRA** R. Alcaide de Faria 77

DE DIA E TODA A NOITE

VITALIA P. da Liberdade 34 **CONFIANÇA** R. Santa Catarina 960. **NAU VITÓRIA** R. de Nau Vitoria 723 ao Semide **MENEZES DE LIMA** P. Dr. Teotonio Pereira 227 **COSTA LIMA** Av. da Boavista 855

Coimbra

SANTA ISABEL, Av. Sa da Bandeira 28 (T. 24916) **NAZARE** Av. João das Regras, 132, Santa Clara (T. 23033)

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

4.41	4,0 m	10.15	1,0 m
16.55	3,9 m	22.26	1,0 m
Dia 6			
5.09	3,9 m	10.45	1,1 m
17.21	3,8 m	22.58	1,1 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	6º
BRAGANÇA	–1º
VILA REAL	–1º
PORTO	7º
COIMBRA	5º
CABO CARVOEIRO	–
PORTALEGRE	6º
LISBOA	7º
ÉVORA	5º
BEJA	6º
FARO	13º
SAGRES	–
PONTA DELGADA	13º
FUNCHAL	16º

Comissão Sindical da PSP vai lançar "O Crachat Prateado"

A Comissão Pró-Associação Sindical da PSP, apesar do desterro em Bragança do seu principal dinamizador, o primeiro-comissário Joaquim Santinhos, prossegue a sua actividade anunciando para breve a publicação de um jornal, a que dará o nome sugestivo de «O Crachat Prateado» e a elaboração e aprovação do Código Deontológico da PSP, «profundamente inspirado na I Declaração sobre a Polícia», da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa.

Os pró-sindicalistas consideram de grande oportunidade, na altura em que se preparam para comemorar o 2.º aniversário da sua existência, a aprovação do referido Código Deontológico, numa ocasião em que foi constituída a Alta Autoridade contra a Corrupção e em que se realizam simposios e conferências e reuniões sobre: «A Polícia e os direitos humanos relativos à protecção da vida privada», «a Polícia e a protecção dos indivíduos contra a tortura e as penas e tratamentos cruéis, desumanos e degradantes, previstos na Declaração Universal dos Direitos do Homem e no Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos» e «o papel dos direitos humanos na motivação, contratação, selecção, capacidade e organização da Polícia no Estado e na Sociedade».

A propósito deste tema a Comissão Pró-Associação Sindical da PSP recorda também a Declaração sobre a Protecção de Todas as Pessoas contra a Tortura e Outros Tratamentos ou Penas Cruéis, aprovada pela Assembleia Geral da Resolução 3452 de 9 de Dezembro de 1975.

Morreu Pedro Homem de Melo

O poeta Pedro Homem de Melo morreu esta manhã, cerca das nove horas, no Porto. A morte sobreveio a alguns meses de doença que sofrera um agravamento nos últimos dias. Um colapso cardíaco terá sido decisivo no corpo debilitado do poeta, que contava 79 anos.

O corpo de Pedro Homem de Melo ficará ainda hoje depositado na Igreja do Carvalhido, devendo o funeral seguir amanhã para o cemitério de Afife, de onde era natural.

Diário de Lisboa

Amanhã, 6 de Março, dia de Carnaval, é feriado nacional, não se publicando o «Diário de Lisboa», encontrando-se, por isso, encerrados todos os nossos serviços.

Voltamos ao contacto com o público leitor, na próxima quarta-feira, dia 7.

Carnaval no Rio de Janeiro

Quando caem as máscaras e voam os complexos

Apenas vestida com um minúsculo bikini de «strass» rendado, ela dança há seis horas no seu metro quadrado de sobrado da escola de samba. As suas pernas vergam e os seios erguem-se para o céu, num vaivém sem fim, como num imaginário movimento de halterofilo em que o ferro tivesse substituído pelos preconceitos atirados por ares e ventos.

NESTA primeira noite de carnaval do Rio — que já causou 17 mortos, e grande desfile das melhores escolas de samba, ainda ia começar domingo à tarde — Marta (seu nome de Carnaval) é o protótipo de dezenas de milhares de cariocas, da mesma formam pouquíssimo vestidas apenas preocupadas com botar fora, as preocupações no meio do ritmo infernal, dos congras e dos tamboris nos quatro cantos dos inúmeros clubes de dança da cidade.

São três horas da manhã, mas Marta ainda ali estará três horas depois, feliz no seu pedacinho de sobrado. «Óptimo, gosto disto — limita-se ela a replicar na fornalha reinante em resposta aqueles que oseu rebolar aquece ainda mais. E a mesma cena repete-se nos quatro cantos da sala imensa tomada de assalto pelo equivalente a 100 dólares, duas vezes o salário mínimo brasileiro.

E cai o último véu da sua intimidade

Um comentador da televisão, apesar de habituado ao Carnaval, parece surpreendido com as audácias destas mulheres que se cferecem à fria objectividade das câmaras. «Psicanalistas já tentaram explicar este exibicionismo das cariocas» diz ele ao microfone, antes de perder também toda a contenção e pedir a uma dançarina que deixasse cair o último véu da sua intimidade.

Como ela, como milhares de outras, Marta já só está vestida com um minúsculo tapa sexo de pérolas falsas vibrando ao ritmo das ondulações do seu corpo único vestigio do seu pudor esquecido, a marca mais clara do seu bronzeado deixada pela parte de cima do biquini desaparecida naquele tumultuar de corpos escaldantes como a máscara de lantejoulas e o disfarce aparatoso como que entrou na função. Um dançarino que apenas traz vestida uma camisola folgada de futebolista, segura-a pelas ancas a escorrer suor como se fossem uma ânfora onde tenta e consegue por vezes matar a sede.

A cada grande plano de câmara, o cenário muda para maior regalo dos que brincam o Carnaval a vê-lo na Televisão A sambista desenfreada até então um pouco arisca com o seu cavaleiro intrépido, ondeia agora imitando os movimentos do amor, acabando por deixar cair as pérolas que lhe tapam o sexo. E Marta prendeu no cordel que as segurava os seus saltos altos e baila agora descalça, livre de todas as peias e de todos os preconceitos...

Iris Lettieri

Toda descascadinha, a sua última intimidade mal escondida pelo encosto duma poltrona, Iris Lettieri, apresentadora vedeta da TV Brasileira, apareceu assim aos telespectadores da cadeia «Manchete» sábado à noite, no termo dum «strip tease» suspense de dez dias, original fórmula de publicidade duma marca de óleo.

Esta contagem decrescente erótica da abertura do Carnaval do Rio alcançou grande êxito entre os telespectadores, embora alguns pais tivessem temido pela pureza das suas criancinhas e reagissem contra: «até quando é que meu filho vai ter que suportar este espectáculo», telefonou indignado o pai dum menino de 5 aos. Nesse momento, Iris, que no início surgiu envergando um discreto fato de saia e casaco, com um lenço à volta do pescoço e uns óculos severos encavalitados no nariz, já só tinha em cima de pele uma camisa de fino tecido largamente decotada. Sábado à noite, a apresentadora, uma encantadora morena, com uns lábios qual cerejas, mostrou-se finalmente em todo o esplendor da sua nudez, apenas com o encosto duma poltrona a esconder-lhe um pequeno pormenor. «Nos dias seguintes, as pessoas não paravam de me fazer deter na rua para me perguntarem qual ia ser o próximo episódio do meu descaramento» contou, divertida, Iris, ao diário «Jornal do Brasil».

Apresentadora da Televisão desde os 17 anos, Iris era conhecida pelo seu temperamento frio. «Toda a gente sabia quem eu era, mas de repente senti à minha volta uma espécie de ebulição. Será assim tão importante uma pessoa despir-se?» – interroga ela com ar cândido.

Depois dos seus primeiros passos como locutora da TV Continental tornou-se manequim profissional, reaparecendo mais tarde na TV Excelsior, onde veio a ser a primeira mulher a apresentar o telejornal. O seu «strip-tease» do Carnaval 84, não a perturba.

«Esta publicidade era picante, mas feita com bom gosto, e rendeu-me mais do que meses de apresentação das informações», disse ela, assegurando porém que rejeitou propostas de magazines brejeiros.

Iris correu o risco de não voltar a aparecer na televisão devido a uma paralisia facial em 1980. «A alegria de viver é o meu segredo e graças a uma dolorosa reeducação e a cirúrgia plástica recuperei um rosto simétrico e a minha dicção», revelou ela.

Se não a voltarem a ver toda descascadinha, os brasileiros poderão pelo menos deleitar-se com a sua voz grave e sensual nos aeroportos do país: é ela quem anuncia a partida dos aviões numa fita magnética.

Vinte mil dançarinos inauguram carnaval

O maior espectáculo do Carnaval do Rio começou sábado à noite na presença de milhares de espectadores de escolas de samba que decorreu no novo «sambódromo» da cidade.

Estes dançarinos exibir-se-ão até hoje de manhã, sendo rendidos à noite pelos das outras sete escolas neste 'sambódromo' com 700 metros de comprimento, construido em 120 dias para o Carnaval, por decisão do governador social democrata do Rio, Leonel Brizola.

O edifício, construído pelo arquitecto brasileiro Óscar Niemeyer, o autor das principais construções de Brasília, foi inaugurado na última sexta-feira. Custou à volta dos 15 milhões de cruzeiros.

As escolas de samba são compostas na sua maioria por habitantes das favelas, os bairros da lata que rodeiam o Rio, mas também por intelectuais, artistas, futebolistas célebres e certos membros da alta sociedade da cidade.

Cada escola desfila com a sua própria orquestra, composta essencialmente por tambores e instrumentos de origem africana. Criada em 1926 numa favela do Rio, a primeira escola de samba organizava o seu primeiro desfile doze anos mais tarde.

Há hoje mais de 40 escolas recenseadas na cidade mas só catorze ditas de primeira categoria são autorizadas a disputar todos os anos o concurso que consagra a melhor dentre elas quando do Carnaval.

Intermediários ganham mais com a importada

Mercado de venda da batata regularizado só em Março

As dez mil toneladas de batata que na quarta-feira começam a ser distribuídas e cuja importação foi autorizada pelo Governo deverão proporcionar aos vários agentes que intervirão no processo, até à sua aquisição pelo consumidor, um lucro na ordem dos 110 mil contos. Isto, se o seu preço de venda ao público for, de facto, como a tabela impõe: 35 escudos o quilo.

É que não será fácil fiscalizar batata importada e batata comprada ao produtor nacional. A importada não poderá (se a fiscalização actuar devidamente) ser vendida a mais de 35$00/kg, ao passo que a nacional tem sido comprada pelo consumidor a preços que variam entre os 52 e os 57$50, preços jamais vistos e praticados em Portugal.

Haverá, neste complexo circuito de distribuição da batata, uma «praga» a que poucos parecem interessados em darem luta: quem se tenta aproveitar da dúvida quanto ao tubérculo ser de origem nacional ou estrangeira. No entanto, o secretário de Estado do Comércio promete que a fiscalização será feita e que os postos da Junta Nacional de Frutas venderão a batata de acordo com as margens autorizadas.

Mas Carlos Filipe Antunes também advertiu que esses preços só serão mantidos «se forem respeitadas as margens que estão autorizadas ao importador, ao grossista e ao retalhista». E se não forem?

A regularização do mercado da batata deverá processar-se apenas em Abril, depois de terem sido importadas mais vinte mil toneladas, ainda este mês. As dez mil toneladas já chegadas e as vinte mil toneladas a importar responderão às necessidades nacionais durante o mês de Março e parte de Abril, mês em que começará também a aparecer batata nova em força, se o circuito da sua distribuição se portar bem.

O Governo justifica entretanto a subida em flecha do preço da batata nacional, pelo facto da produção ter sido insuficiente, menos 15 por cento em relação à produção do ano anterior. Essa subida verificou-se, após dois anos de regime de preços máximos, pela sua vigência «ser irrealista em relação aos custos do produtor», disse Carlos Filipe Antunes.

Administração do Estoril-Sol refuta acusação de "escravatura"

O porta-voz da administração do Hotel Estoril-Sol, José Tomás, declarou ao fim da manhã ao «DL» que as acusações que são feitas aos gestores daquela unidade hoteleira pelos trabalhadores «não têm nexo» e que «não cabe na cabeça de ninguém que uma empresa com esta dimensão, tente impor seja o que for ao seu pessoal». Concretamente, e segundo um elemento da CT, a administração é acusada de ter obrigado alguns trabalhadores a assinar uma declaração em que abdicam de todos os seus direitos e se comprometem a executar todas as tarefas que lhes sejam ordenadas, para além das que lhes cabem no âmbito da sua categoria profissional. Sobre este ponto, José Tomás afirmou que foram contactados 30 trabalhadores, mas que «nada lhes foi imposto». Disse ainda que a administração pretendeu apenas, com a medida, suprir **certas falhas,** provocadas por faltas, por doença, férias, etc. Revelou igualmente que a administração vai reunir-se na quarta-feira com os ORT's e representantes sindicais, «para que a situação seja clarificada». **(ler mais noticiário na pág. 9)**

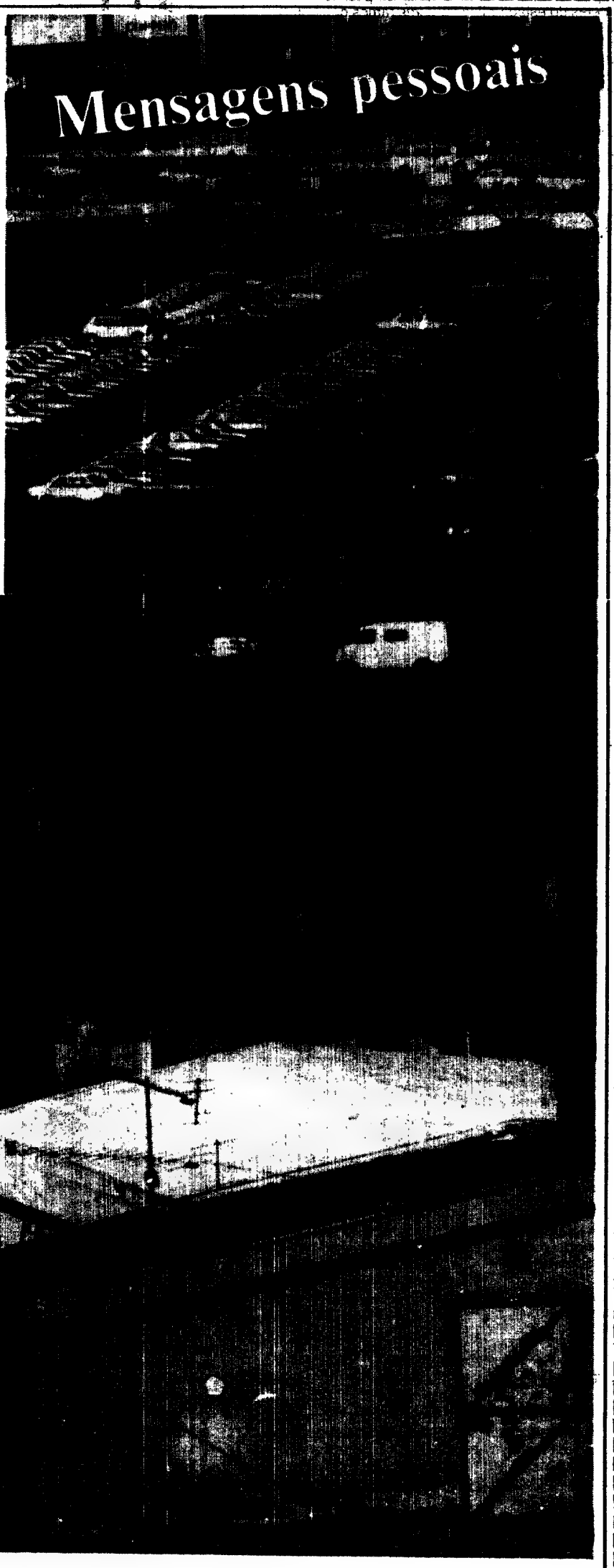
91.º aniversário da Sociedade Cooperativa Piedense

Fundada por um grupo de operários no mês de Março de 1893, a Sociedade Cooperativa Piedense, a maior cooperativa do país, comemorou ontem, com uma sessão solene, o seu 91.º aniversário. Enfrentando dificuldades, mas com um impressionante potencial de consolidação e de desenvolvimento há todas as razões para esperar que o esforço de modernização dos serviços que está a ser realizado pela actual equipa directiva, venha a ser coroado de êxito e que a colectividade que já foi a mais importante cooperativa da Península Ibérica volte a ser uma referência para todo o movimento cooperativista.

Presidiu à sessão comemorativa do 91.º aniversário da Sociedade Cooperativa Piedense, Fausto Lucas Martins, presidente da Assembleia Geral, o qual evocou o passado da cooperativa e os seus problemas actuais. Na mesa tomaram lugar o representante da Federação das Cooperativas, os presidentes da Direcção e do Conselho Fiscal da Piedente, a representante da autarquia. O director adjunto do «Diário de Lisboa», Fernando Piteira Santos, proferiu uma palestra sobre «António Sérgio – o cooperativista e o Reformador Social».

António Sérgio manifestou um grande interesse pela vida e actividades da Sociedade Cooperativa Piedense e foi, em 1963, proclamado seu sócio honorário.

Sete Ponto Sete



Crise de habitação?

No telhado está a virtude

Pág. 6

Responsável de edição, João Mendes.
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Vivemos uns tempos tão cinzentos e agitados que, se qualquer coisa mexe, ai dela se não for preta. Corre o risco, como sempre aconteceu, de não ser notada.

Hard-Screen

Manuel Cintra

HAVIA o «rock», o primeiro, quando eu aos seis ou sete anos, senti entrar pelos ouvidos, sem saber bem de que se tratava, pois aos seis ou sete, nessa época ainda não se rockava. Só se perdia a chucha. Depois houve tudo o que se seguiu, e que não é para aqui chamado, pois os senhores musicólogos não param, recentemente, de o mastigar em todos os sentidos, o que não é, digamos a verdade, senão louvável. (Beatles, Stones, Crosby Stills Nash and Young, Joe Cocker e por aí adiante até aqui chegar. E repare-se que só falei de vivos, pois John Lennon parece está-lo cada vez mais).

Agora há mais. Há o re-rock. O re-rock deles, o re-rock nosso (que, segundo consta, está moribundo...) Como sempre, há os que vão passando evaporando, e os que ficam. Há Bowie. E há os Police. E há ao longe, no Japão, que nestas coisas gosta pouco de se aproximar, um tal Ryuichi Sakamoto, que nos era desconhecido até agora. E o rock entra-nos pelos ouvidos, talvez com tanta força ou mais que antes, porque agora se intensificou. E cheira a relógio de quartzo, e cheira a computador, e cheira previamente a teledisco, e cheira, logo à tarde, a nostalgia. E tem tanta força que os nossos ouvidos, sem rock não seriam os mesmos. E não pretendo afirmar, de todo, que seriam melhores.

Paralelamente a tudo isso, há o cinema. E se o rock nos entra pelos ouvidos, o cinema, esse, não pára, felizmente, de nos entrar pelos ouvidos dos olhos. E o cinema, que é fecundo, acaba de aterrar em Lisboa, grávido de três estrelas do rock. Reflexos tão fortes uns como os outros, esse cinema e essas estrelas, dos tempos cinzentos que eu referi acima. E reflexos e bem pretos. Que mexem, e que felizmente, apesar do risco, estão a ser notados, e muito. São eles David Bowie e Ryuchi Sakamoto no filme de Oshima «Feliz Natal Mr. Lawrence» e Sting no filme de Richard Loncraine «O homem que fazia milagres». Do espantoso filme de Oshima já tanto se disse que do fundo da minha comoção e dos ouvidos dos meus olhos me limito a calar-me, pois há decerto quem fale do assunto melhor do que eu. Apenas reparei, como tanta gente, que ao transbordar para o cinema, o rock ofereceu-lhe nesse caso um excelente actor, Bowie (excelentemente dirigido, diga-se de passagem, pois já tem feito, em cinema, bastante pior) e um até agora de nós desconhecido Sakamoto que, sem o termos ouvido cantar, nos assegura que em termos de representação é excelente, e excelentemente oriental.

Resta Sting. Tão absorvente para os Police como Mick Jagger sempre foi para os Stones (ou mais). Sting salta para a tela e decide abafá-la igualmente.

De facto, o filme agora no «ecrán»de uma sala de Lisboa, onde chegou já premiado (ah! que bonitos são os prémios internacionais! que garantia de qualidade!) parece ser quase integralmente abafado por Sting, que além de ter o papel principal (o quase único papel, diria eu) domina-o com a quase perícia de quem conhecesse a tela há anos. Move-se com a descontracço de um «habitué» daquelas zonas e coloca a voz, subtilmente fraca, tão bem que nem uma palavra nos escapa, mesmo se estiver mal legendada. Frágil ainda, um pouco inseguro, mas num papel que vai ao encontro de tudo isso, Sting promete. Promete e oferece, pois trata-se, apesar de premiado, de um bom filme, com outros excelentes actores, um argumento tão bom como ardiloso, não fosse o final, que, a meu humilde ver, vem pura e simplesmente estragar tudo, como se costuma dizer.

E se Sting salta facilmente do palco para a tela, é porque a tela é um dos principais palcos de hoje, onde não estranha que um cantor rock se sinta à vontade. Onde, pelos vistos, é reflexo um cantor rock se sentir à vontade.

E no entanto, outros tentaram o cinema. Os Beatles. E lá ao fundo, desastroso, Elvis. Quase sempre falhou. Não em termos de público, mas de qualidade.

Seriam os anos sessenta e setanta menos violentos do que estes? Será que a violência crescente está ligada a tudo isto? Será um violento saltar do palco para a tela? Rasgar-nos os olhos com força? Criar actores na incubadora quente dos projectores, dos aplausos, dos gritos do público, da violenta viagem da guitarra e do forte desabar da bateria sobre os nossos corpos ávidos de ritmo, ou previamente ritmados para o comer?

Quem se segue? Jackson?

(Serão estes tempos assim tão cinzentos?)... ■

ELE É PROFESSOR NO COLLÈGE DE FRANCE

Guerra e Paz vistas por René-Jean Dupuy

O professor René-Jean Dupuy inaugurou há três anos a cadeira de direito internacional no Collège de France. Secretário-geral da Academia de Direito Internacional de Haia e presidente da Academia da Paz, está a dar uma série de lições sobre a comunidade internacional, a guerra e a paz.

Ricardo Fraile

A comunidade internacional está no centro da sua reflexão. Quais as implicações de uma tal noção?

— A comunidade internacional é a obrigação de viver em conjunto. A comunidade existe na medida em que é suportada. As nações são condenadas a viver em comunidade porque o mundo é demasiado pequeno. Essa realidade torna-nos responsáveis a todos nós, pelo o que lá se passa. Como poderíamos hoje justificar o interesse dos países ricos por essa imensa maioria de infelizes do Terceiro Mundo se não houvesse uma comunidade internacional? É preciso que a interdependência, a solidariedade, que existem objectivamente, possam traduzir-se, não só por uma fraternidade, o que implicaria sentimentos, mas por serviços prestados aos pobres pelos ricos. Encargo que o direito deve assegurar.

O direito do desenvolvimento encontra o seu fundamento no direito ao desenvolvimento. Ora esse direito ao desenvolvimento baseia-se, por sua vez, no conceito de comunidade internacional.

A injustiça que ocorre aqui ou além interessa todos os outros. Isso tende a transformar substancialmente muitas noções do direito internacional clássico, que, pelo contrário, se baseavam num mundo onde cada um podia bastar-se a si próprio. Por outras palavras, somos nós, por nós mas com os outros. Queremos ser vistos como nos vemos a nós próprios. Isto é próprio da reivindicação à identidade, identidade cultural e nacional.

— A noção de comunidade internacional surge muitas vezes como uma mistificação...

— Claro que sim. Vivemos uma época de enorme individualismo entre os Estados. A comunidade internacional é uma mistificação, se se pensar que ela significa reconciliação entre os povos. Ela também é mistificação se se pensar que, através dessa noção se faz referência a um sistema de cooperação espontânea entre os Estados. Mistificação, enfim, porque ela tenta ocultar o conflito.

— O conflito, que implica uma comunicação, não marcará a existência da comunidade internacional?

— Na medida em que há comunidade, há conflito. Desde que há coabitação, os riscos de conflito multiplicam-se. A comunidade internacional quer fazer da guerra uma paz. Ela tenta passar do estádio da comunidade para o estádio da sociedade. A sociedade é a organização internacional. A comunidade é um fenómeno espontâneo, natural. Ela implica uma vontade de igualar, de organizar. Há pois três estádios: o estádio da natureza, da comunidade e da sociedade. O estado de natureza é a natureza sem a graça. A comunidade utópica é a graça sem a natureza, a comunidade histórica, a que está em conflito, é a graça que trabalha no interior da natureza.

Em linguagem laicizada, é o espírito de paz que trabalha na História. Desde a Antiguidade, passando pelo abade de Saint-Pierre, Kant, Victor Hugo e muitos outros apercebemo-nos de que há, em todo o caso, um espírito de paz em acção no mundo. É a utopia com o seu duplo sentido. Num sentido pejorativo é o trabalho daquele que faz mecânica, que estabelece uma república como Platão, um sistema como Campanella, ou uma construção completamente fictícia e maçadora. Tudo foi previsto mas o sistema não pode funcionar. A outra forma da utopia é a ideia em trabalho, em movimento, que aviva as consciências , mantém uma contestação permanente. Essa forma é muito rica, é a utopia no sentido mais elevado da palavra.

A vontade de paz é profunda

— O discurso político não contém nenhuma nova reflexão sobre a legitimidade do desejo de paz que actualmente se exprime.

— Como as mesmas palavras têm significações diferentes é preciso anunciar de todas as vezes o glossário do próprio discurso. O sonho de paz, o pacifismo são muitas vezes considerados uma utopia no sentido pejorativo. Os pacifistas seriam utopistas. Isto é falso. O desejo de paz no mundo é extremamente profundo. Ele sempre existiu e tem hoje razões especiais para se exprimir. Pensemos na acumulação fantástica de armas, no perigo prodigioso que a humanidade corre e também na extraordinária miséria que reina na maior parte do mundo.

Valéry dizia: **«Nós civilizações, sabemos agora que somos mortais.»** Santo Agostinho sempre o soube. Se as civilizações morressem, outras nasceriam. Hoje, porém, já não é uma civilização mas sim a humanidade que é incitada a tomar consciência da sua mortalidade. Quando em 1914 se dizia, **«partimos para a última das guerras»**, era na última guerra antes da paz perpétua que se pensava. Agora os povos têm o sentimento profundo de que seria a última guerra antes da morte. Daí a ideia de apocalipse, visto o apocalipse ser o que se dá pela primeira e pela última vez.

Uma definição de agressão

— Que elo existe entre os problemas de paz, de guerra, e a cadeira de direito internacional?

— Não creio na paz através do direito, grande sonho dos conferencistas de Haia de antes de 1914. O direito não poderia fazer a paz, embora os problemas jurídicos tenham decerto algum interesse. No entanto, se o direito se mantem impotente para fazer a paz, toda e qualquer violação do direito pode constituir um factor de beligerância. Isto encontra-se na tradição milenar das relações internacionais, quando o Estado decide fazer a guerra em nome do seu direito violado, direito este de que é o único intérprete e executante. É este o tipo de raciocínio clássico que conduz ao conflito.

O direito, uma vez manifestado o desejo de paz, pode mostrar-se extremamente útil para a concretizar em boas condições. Institucionalizado, o direito internacional tem um papel importante criando foruns de encontro. As práticas das Nações Unidas são bastante subtis e flexíveis. Assim, em 1974, pôde dar-se uma definição da agressão, conclusão dos esforços que vêm da Sociedade das Nações. Agora que a agressão está definida, o Conselho de Segurança não tem vontade de a aplicar. Ele prefere recorrer à expressão «ruptura da paz» em vez de constatar uma agressão, crime supremo em direito internacional.

— Tratando-se do desarmamento, não se pode pensar que os Estados estão condenados a ouvir-se nos anos próximos, se não quiserem assistir a um relançamento durável da corrida aos armamentos?

— Aterroriza-nos o carácter ilimitado das descobertas, quando as faculdades políticas do homem são, pelo contrário, limitadas. Com efeito, podemos perguntar se de um momento para o outro não se deve impor uma noção de limiar. No entanto, o futuro da paz não resulta unicamente de terapêuticas deste género. Trata-se de uma questão a solucionar em bases mais profundas e a não ver de passagem, sem grande atenção.

A paz é um estado de estratégia. O estado de paz é precisamente o sonho, a utopia no sentido nobre da palavra. É o que está nas Escrituras: a criança brincará com a serpente e a cabra dormirá entre as patas do leão. É o estado de paz que os poetas descreveram. Se o estado de paz não é acessível, a paz continua a ser uma estratégia de diversas facetas. A noção de indivisibilidade da paz não se deve perder de vista.

— A estratégia supõe a existência de uma relação entre os diferentes espaços de intervenção...

— Sim, há um elo, uma dialéctica, uma triade: paz, desenvolvimento, direitos do homem. A paz, sem a qual o desenvolvimento é impossível; o desenvolvimento, sem o qual os direitos do homem são ilusórios; os direitos do homem, sem os quais a paz é violência. Com estes três termos temos uma base de partida para reflectir sobre uma estratégia da paz. Os direitos do homem ocupam, claro está, um lugar particular. Quando o presidente Carter baseava a sua política internacional nos direitos do homem, era censurado por correr o risco de criar uma crise internacional. Invoca-se um princípio de direito internacional bem conhecido, o da não-intervenção dos Estados nos assuntos internos dos outros Estados, que é a maneira mais segura de correr uma cortina opaca sobre o que se passa no interior das fronteiras. Os Estados tentam impor a ideia de que, ao abordar questões delicadas há sempre o risco de pôr mais problemas do que de os resolver.

— Para além da ética, essa demissão não surgirá como geradora de tensões futuras?

— Claro que sim. Por isso penso que se deve falar nisso, principalmente no quadro da organização internacional. Quando a Comissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas trata dos direitos do homem, isso reveste um carácter sistemático. Há uma instituição que fez uma obra enorme a favor dos direitos do homem, a Organização Internacional do Trabalho. A UNESCO também tem um processo que é notável, muito discreto mas eficaz. O homem situado é mais facilmente compreendido. Os seus direitos são mais fáceis de proteger do que os do homem abstracto. Quando se afirmava a transcendência de Deus em relação às nações, Deus fez uma grande carreira. Todos queriam ter Deus consigo, cada um dos exércitos atribuía a presença de Deus junto de si. Ora Deus existe ou não existe. Se existe, não é só eterno mas universal. É de todos. ■

Veneza volta a si... no Carnaval

Patrick Georgeon

Veneza recomeçou no passado dia 25 de Fevereiro a festa que fazia dela, no século XIX, a cidade dos prazeres. Passada a espontaneidade do renascimento do Carnaval (1978), os responsáveis — o teatro Fenice, a câmara municipal e a Bienal — prepararam para este ano uma organização muito sofisticada que propõe mais de 300 bailes e espectáculos. A «música no teatro» e «o estrangeiro na lagoa» serão os dois temas privilegiados da faustosa festa que deverá contar com 100 mil pessoas por dia.

Tão longe quanto se queria recuar no tempo Veneza sempre teve os seus barcos. Os seus simples mercadores são conquistadores de arquipélagos e os seus «doges» são os senhores do mundo. Face ao prestígio da República, a história transforma-se instantâneamente em lenda e em Carnaval, porque a brisa do largo anima a vida do espírito... Hoje, a «Serenissima» recorda-se e o seu grande Carnaval está de volta.

Mas o que é que faz os «pierrots» descerem da lua para dançarem todos os anos neste pântano sublime? Eles acorrem a um baile diferente de todos os outros, quer-se ressuscitar a vida fácil do século dezoito. Era um tempo de festa onde as pessoas não se preocupavam senão com a alegria, de tal maneira a existência se media pelas suas volupias. Cavalgadas trepidantes, festins reais, bailes endiabrados e de máscaras. A comédia envolvia o século.

Desde «ontem feérico», o carnaval de hoje é um eco. Um eco que se inspira nele. Estamos no tempo mítico, no tempo da máscara. Ontem, era mascarada que se tratava dos negócios, que se comprava peixe ou que se faziam visitas. Mascarado pode-se imitar ou ridicularizar os outros.

O costume manda que se ponha a famosa *baouta*, máscara severa, branca ou negra, que permite comer ou fumar sem se ser reconhecido. Melhor do que isso pode-se usar a máscara de Polichinelo, de Scaramouche, de Pantalon, de Tartaglia. Estas velhas figuras da *Comedia dell'arte* que alimentam a festa.

Hoje, as máscaras são em número infinito, mas elas escondem sempre o embaraço e incitam à aventura. Mascarado, ousa-se tudo, diz-se tudo; por vezes já não se sabe quem é quem! Homem ou mulher? A memória baralha-se. Para que o logro seja total, o traje veio enriquecer a máscara. Arlequins, monstros, animais, personagens inventados... os fantasmas humanos estão lá a olhar-nos. Vestido de imaginário, cada qual tem que representar o seu papel.

Uma noite fria, no campo del Giglio, quando um pequeno grupo de foliões dispersava, viu-se um transeunte tornar-se de repente um cantador de rua. Este encantador da noite acordou a festa e uma guitarra pôs-se a tocar. Quando subitamente ela perdeu uma corda, viu-se Pattucini desgrenhado e desesperado avançar em direcção ao *rio*, encarvar-se até aos joelhos e ameaçar que se afogava de verdade, a não ser que o baile recomeçasse.

No século dezoito, o carnaval durava seis meses, reavivava-se ao menor pretexto e nem sequer se detinha por ocasião da morte de um «doge». Era uma maneira de pensar, de ritmar a vida. Hoje em dia, a folia provém de um excesso de melancolia. Veneza exorcisa o diabo que a habita e o seu odor de morte. No Carnaval os demónios estão vestidos a preceito e são perfeitamente inofensivos. A regra é a inversão das regras, o que é falso é verdadeiro; aliás, aqui ouve-se a mais bela das mentiras, porque Veneza em pé é uma farra absoluta.

Ela é na verdade, uma sumptuosa farsa e também um teatro, a partir do momento em que reina no noso imaginário e que a comédia se multiplica para se tornar Carnaval (tetro cénico, commedia dell'arte e comédia individual). Ainda hoje, nos palcos da comédia, as pessoas atropelam-se umas às outras, deitam as línguas de fora, estropiam as palavras. Estas representações dão à festa os seus equívocos e as suas mímicas. Mas esta comédia é um repisar desta fantasia pura onde o actor era poeta e onde a peça se improvisava ali mesmo. Pantalone, Arlequino, Volpone eram personagens históricos que se inspiravam no momento que viviam, num pormenor do azul do céu. Mesmo assim, hoje ri-se muito destas palhaçadas, desta singeleza de alma.

Mas olhem para este homem franzino, conversando educadamente sob as arcadas e admiravelmente natural! É Joldoni! Ele renovou a comédia do século dezoito, modificou os cenários, forneceu os textos e transformou as máscaras em «caracteres». Pôs em cena a vida quotidiana, segundo ele mais rica que a fantasia, e o seu teatro é um fabuloso espelho da época. O seu lugar no Carnaval é absolutamente natural.

E Carlo Gozzi! O outro grande nome veneziano do teatro italiano tem uma silhueta curiosa e recurvada; ele é inimigo de toda a gente e prague ja sempre contra alguém. Um homem bizarro, e no entanto! Reparem, ali, na Piazza San Marco, esta pequena fada vivificada pelo frio da noite, agita-se e movimenta a sua varinha mágica. Ela sai de um pequeno conto de Gozzi. A ele, a realidade desconcerta-o, ele diverte enquanto que Goldoni moraliza.

Durante uma semana o Carnaval revive, exalta-se no Campo San-Apolo, no grande baile do amor e da morte, insinua-se pelas ruas, entra no teatro da Fenice — este ano o reportório é de Strauss. Depois parte de novo, enternece-se frente a dois amantes; dir-se-iam dois pequenos palhaços abandonados ao pé de uma casa fatigada. Mas é tarde, a esta hora o coração toca-

No extremo da noite, eis Casanova que atravessa o Rialto. Que procura ele ainda? Uma mulher ou um golpe de espada? Sim, o perigo diverte-o. Ele é desavegonhado de todo, imensamente orgulhoso dos seus escândalos. Ele ousa tudo.

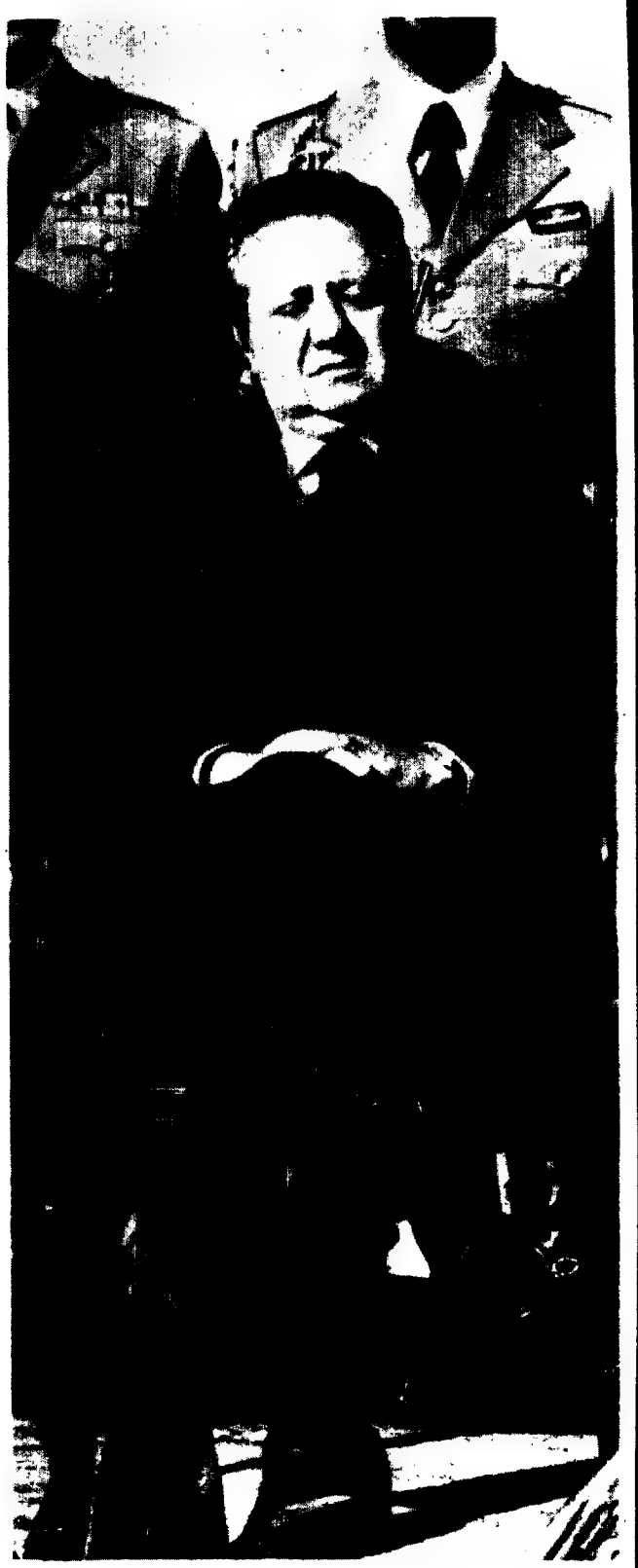
Esconderijos, cantinhos, pequenas pontes clandestinas. Que cidade para a aventura! Ontem, era o século do grande Carnaval; o último sorriso da República, quando chegou Bonaparte... Foi preciso partir de novo, voltar a subir o *Canal Grande*, fazer uma última pirueta, um último cumprimento.

Ainda hoje, o Carnaval traz transgressões e esquecimento, ele é espaço de festa e lugar de requinte. O homem que usa a máscara torna-se aquilo que representa, uma avestruz, um bispo, um palhaço.

Em Veneza há uma poça de água que se julga o mar... ■

Os costumes mandam usar a **baúta**, uma mascara severa, branca ou negra, que permite comer e fumar sem se ser reconhecido.

Só entre nós



O esmagamento psicológico das oposições

Ele vai pessoalmente a Moscovo pela morte de Andropov e decreta três dias de luto nacional para esmagar o PC... Ele vai pessoalmente a Washington falar com Reagan para esmagar Eanes e aqueles para quem os homens dos americanos estão só em Belém... Ele vai pessoalmente ao Vaticano falar com o Papa, para esmagar os bispos, ofendidos com a sua passividade perante a liberalização do aborto... Só lhe falta convidar o coro do Exército Vermelho para vir cantar a «Grândola» e os «Barqueiros do Volga» à parada multinacional do 25 de Abril, e trazer uns militares turcos para que, também eles, desçam a Avenida das Liberdades...

Mensagens pessoais

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

Humor com humor se paga.

Não me faça rir

«De uma austera, apagada e vil tristeza...» Já na época do Camões era assim. Tristonho, lágrima fácil, levando tudo muito a sério, existimos. Desafiámos mares, conquistámos terras, fizemos filhos pelo mundo, sempre assim mergulhados numa profunda e inexplicável tristeza. Sina nossa. Há porém quem contradiga esta teoria sobre os portugueses. Que não: temos humor, somos um povo com a sabedoria do riso. Antes de tudo conviria, talvez, definir o humor (o que é?) e depois cada um que conclua o que quiser.

Lourdes Féria

HUMOR — humor não teremos. Mas na anedota somos ágeis. dados mais à chalaça, à galhofa, que ao humor e ao riso, exprimimo-nos, normalmente, de uma maneira um tanto grosseira. E quando, numa esfera mais elevada, que implique um exercício de inteligência ou acto de subsersão vimonos, em palpos de aranha, para conseguir a ironia. Caímos com frequência no chato porque o truque — é disso que se trata — não resulta.

Sucede que, por vezes, provocam muito mais vontade de rir os casos de humor involuntário do que os propositados. Digam lá: os discursos de Américo Tomás, as posições daquele deputado do CDS... um tal Morgado, as entrevistas do escritor Lobo Antunes não são hilariantes? Dentro de seis meses, afirmou o ministro das Finanças constataremos que a recuperação económica, levada a efeito pelo Governo, está a ser um êxito. Claro, somos obrigados a rir.

Bem humorados os portugueses? Houve tempo em que pareciam comedidos, tensos, demasiado formais. Hoje penso-os como pessoas sonsas que riam mais para dentro do que para fora. Dissimuladores — é o que eles são. Vamos ver o que opinam os chamados profissionais do humor sobre tão apaixonante questão. Apelo para José Duarte que escreve humor, quando calha, na insípida e parda imprensa que temos.

Eis a sua receita: *«O humor é a técnica de fazer rir e como técnica obtem-se. Depois há os que dominam a técnica e fazem rir e os que não a dominam e fazem chorar. O humor é de inspiração divina. Ou se nasce com apetência para o humor ou não. Quase sempre os que fazem humor são pessoas inteligentes e sensíveis...»*

E os portugueses? Teriam nascido com o traseiro virado para a lua, com fastio de viver? *«Para mim Portugal é um País triste e da (des)graça pesada. Somos um bocado alarves. Passamos muitas anedotas uns aos outros (sabes aquela?) e é sempre a mesma. No fundo, são poucos a inventá-las. Quando se começa a fazer um inventário dos humoristas coinclui-se que se reduzem a meia dúzia para um largo espaço de história. Reportando-me aos mais recentes mencionaria um Mário Henrique Leiria e um Manuel de Lima...»*

Surrealistas

Pois, os surrealistas. Portadores de escândalo e de insubmissão foram-se. Apagaram-se. A manstude em que se recolhem é constrangedora, quando não, deprimente. *«Também encontro piada ao Palla e Carmo que assina sob o pseudónimo de João Sezinando... Ele trabalha a palavra, a ortografia, a sonoridade na linha do que nós fazíamos no programa radiofónico Pão Com Manteiga. Seguimos o exemplo do camarada Mao: é da prática que vêm as ideias justas. De início era um projecto e, depois, passou a ser outro. Foi-se corrigindo ao longo do seu percurso. Como fenómeno radiofónico não tenho dúvidas em dizer que se revelou um dos programas mais interessantes dos últimos anos. Quanto à revista... trouxemos uma cambada de discípulos atrás de nós, nomeadamente o Olho e o Bisnau.»*

Enquanto José Duarte busca o *«non sense»*, numa tentativa de insurreição contra tudo o que é óbvio, uma grande fatia do Paris ri com os *«Parodiantes de Lisboa»*. Há uma data de anos, como se não nascessem criancinhas e as gerações não se renovassem. *«Esse é o humor barato... eu prefiro o humor da média burguesia com alguma erudição e que tem raízes no cinema italiano dos anos 50 (Totó, Filippo, Sordi)... nos surrealistas e no Mad. Neste tipo de humor a palavra é aceite com um sentido desdobrado, o que permite subverter-lhe os sentidos ao combiná-los uns com os outros...»*

No próximo 18 de Março, os «Parodiantes de Lisboa» vão acender 38 velinhas no seu bolo de aniversário, o que é sinal de entrada na meia idade. *«Graça com Todos»* acompanha as donas de casa à hora do almoço, oferecendo-se como brincadeira inofensiva. Entre uma certa crítica (pela rama) e o chocarreiro. Como à possível manter uma audiência, sem quebra, ao fim destes anos todos?

«Evidentemente que tem havido desgaste e não podia ser de outra forma. Mas procuramos renovar-se dentro das características do programa. Escrevemos para o grande público, para a maioria e... a rir dizemos coisas muito sérias. O que é o humor? Talvez a única coisa que neste País não sofreu aumentos. Temos humor, o povo português sabe rir. Se na Assembleia da República os políticos utilizassem uma linguagem mais engraçada talvez tudo caminhasse melhor e, talvez, o povo acreditasse nos seus discursos». (Rui Andrade, responsável pelos parodiantes).

Os *«parodiantes»* apoiam-se nas piadas dos seus 12 colaboradores literários e na voz dos seus 20 intérpretes. Movem-se num tempo de antena folgado que se transformou num hábito para os seus incondicionais ouvintes. Às sete da manhã, para levantar a moral à rapaziada, serve *«Piadinhas e Torradinhas»*, o que seria uma delícia se viessem quentes. De novo, no ar, às 13 horas, com *«Graça com Todos»* e por fim, a meio da tarde (quase na hora do chá), apresentam *«Teatro Trágico»*, um gozo às telenovelas. E para que a malta do Porto não fique a chuchar no dedo mandam-lhe com aquele humor fino e subtil *«Graça à moda do Porto»*. Com isto tudo, Rui Andrade escreve mais de seis horas por dia. E diz que anda bem disposto. *«Rir dá saúde... vou rindo a ver se duro mais tempo.»*

Ainda não entendi porque razão as revistas de humor não duram. No século passado aguentavam-se com vigor. Quem mudou? os que produzem humor ou os que o consomem? Provavelmente todos. Temos o exemplo do «Bisnau» trinta e sete números e finou-se sem estardalhaço. Apesar de tudo, nada mau. Outras publicações houve que duraram muitíssimo menos. Porquê? *«Foi uma experiência agradável para quem nela trabalhou. Porque não resultou não sei. Não se vendia o bastante para se tornar auto-suficiente e como, a curto prazo, não se via hipótese de inverter a situação, resolvemos pôr-lhe fim. No entanto é uma iniciativa a repensar, a pegar um dia mais tarde...»* (Afonso Praça).

Caceteiro

Cingiram-se demasiado à actualidade política, via com que o público não se impressionou. Acenaram-lhe com um estilo de humor talvez inadequado à sua sensibilidade de momento. *«Tentámos dirigir o 'Bisnau' a um público próximo do 'Jornal', do 'Sete', do 'Expresso' e do 'Diário de Lisboa'. O objectivo que pretendíamos também era difícil de atingir. Não buscávamos um humor intemporal mas sim voltado para a actualidade. Caímos, realmente, num campo onde era fácil fazer humor. Contudo, houve reacções interessantes. Desde o Maldonado Gonelha que mandou encaixilhar o carton sobre o electricista do Ministério da Saúde até a tipos que, sem ponta de humor, nos escreveram cartas muito irritadas...»*

Um humor liso, sem picos, que não aleija torna-se sensaborão. E não me parece que seja o género dos portugueses. Nós gostamos de espetar farpas, da contundência. *«Gozar com conceitos que, geralmente, se consideram superiores, como religião, Pátria... chocava as pessoas. Aliás, verificámo-lo no estudo de mercado que mandámos fazer. Aqui, em Portugal, não se aceita ainda o humor como forma de cultura. Gosta-se da anedota, da piada sobre sexo, do fácil. Para além do mais, o humor nem sempre significa fazer rir... ou então teríamos de considerar que as cócegas são uma forma de humor, na medida em que provocam o riso. Quem não aprecia o humor são os ditadores, esses odeiam-no...»*

Queria o «Bisnau» ser um continuador da linha tradicional portuguesa (de humor caceteiro) à moda de Bordalo Pinheiro ou de Eça de Queiroz. Uma espécie de «Paródia» ou «António Maria», em acerto de passo com a época em que vivemos. Rir das situações ridículas, rir de si próprio, rir dos que não se apercebem da maneira estúpida como estão na vida é saudável. *«Mário Soares era um leitor do Bisnau, não falhava uma quinta-feira. Uma vez até utilizou, em público, uma piada nossa a propósito de José Augusto Seabra. Aquela da semiótica (meia óptica — foi você que disse isso?)... Também nos meios teatrais o jornal foi recebido com simpatia.»*

Sucumbiu o «Bisnau», embora se pense na sua reedição. Num regresso mais programado, com uma artilharia mais segura e uma agenda melhor elaborada. De resto, ficaram ideias na gaveta. A de sentar um colaborador do jornal na Assembleia da República, no meio dos deputados, e depois, jogando com uma fotografia de conjunto, pôr em dúvida se os outros também seriam deputados como ele, tinha imensa graça.

E se o jornal, em vez de *«Bisnau»* se tivesse chamado *«Ângelo»*, como de início os seus responsáveis chegaram a admitir, tinha pilhas.

Para Júlio Pinto, colaborador do *«Bisnau»*, o humor em Portugal tem agá(h) aspirado mas podia ser bem pior. Isto quer dizer: temos um humor perro, cediço, velho. Daquele que já não se usa. Que não estimula nem seduz. Que não consegue desenvencilhar-se das teias de aranha nem das sentenças à conselheiro Acácio. *«Temos a pesada herança do humor republicano, ou proto-isso, e republicanos históricos são todos os nossos dirigentes políticos. Os de esquerda, os de direita, os de esquerda-direita, um, dois. Tirando os republicanos históricos que, normalmente, são monárquicos. Humor, na imprensa, não existe, salvo nos editoriais de Nuno Rocha e de Miguel Urbano Rodrigues (João Gomes está na Mesericórdia) e o discurso de poder q.b. do 'Jornal de Letras'.»*

Nem transgressor, nem novo, o *«Bisnau» fez alguma faísca nestes dias ainda ocupados de sermões, terços e ladainhas. Não se aventurou em tropelias mas... «foi incómodo, embora o velho humor padreca também lá estivesse e, às vezes, de que maneira»*. Esboçou um gesto de voo mas caiu redondo como um tordo. *«... Só que os pássaros também se abatem. Quem tem humor? Por exemplo o Miguel Esteves Cardoso quando se esquece de fazer rábulas provincianas e o meu amigo Afonso Praça que, apesar de ter sido seminarista, ainda é dos gajos, com mais de quarenta, não instalados na vidinha. Em síntese e para lembrar um surrealista de fundo: o humor é sair para a rua e disparar, ao acaso, sobre a multidão com o cuidado de não acertar nos filhos próprios e em alguns dos alheios.»*

Porque o *Esteves* tem um pai achámos por bem ouvi-lo. Porque o *Esteves* obtêve a unanimidade dos portugueses, com raras excepções, no riso, não podemos deixar de o referir. Entre os que não riram apontamos o João Rocha e os que nunca, em que circunstância for, se identificam com maiorias, sejam elas silenciosas ou palradoras. *«Os últimos programas do Tal Canal foram feitos em dois dias, a quatro semanas do final. Dentro da merda que é a televisão as coisas saíram muito boas, não obstante as improvisações.»*

António Teles, define o filho como um indivíduo subserviente, quando necessário, e arrogante quando pode. Um português espertinho com pronúncia do Porto.

«Penso que o Herman José foi feliz ao desenhá-lo na televisão». Mas o português, com os seus complexos e a sua «ratice», terá realmente humor? *«Quanto a mim, o caso de João Rocha denota a falta de humor, enquanto forma de comunicação no quotidiano. É paradigmático de que não possuímos humor.. A nível profissional também somos muito maus em humor... até mesmo em certas situações do Tal Canal... As pessoas, aqui, têm medo do ridículo. Levam-se muito a sério. São como o cinema francês.»*

Cartoon

Arrostando com a tarefa de desenhar humor, Fernando Relvas fê-lo em revistas e jornais da especialidade. O seu traço manifestou-se em publicações de curta duração como *Gorgulho, Estripador, Fungagá* e *Gazeta da Semana*. Estabili-

O favor com que mais se acende o engenh

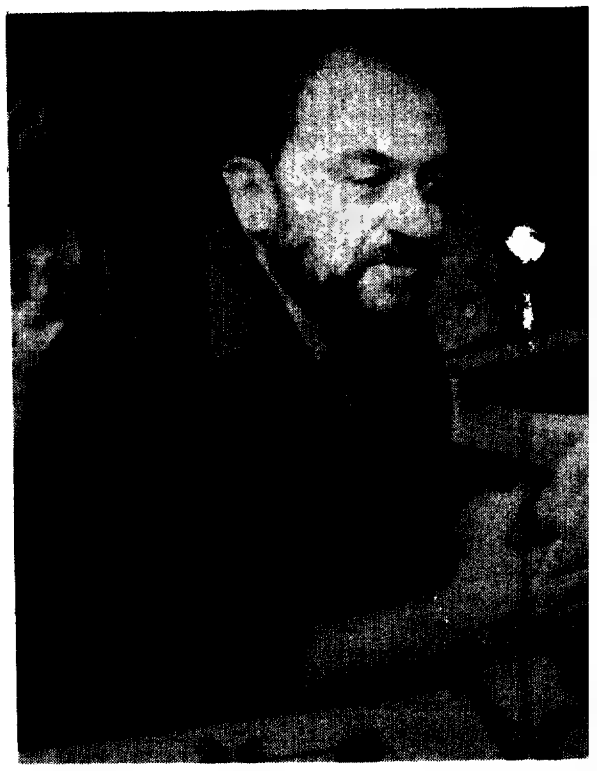
De uma austera apagada e vil tristeza.

Car

zou,
onde
gran
com
diab
mas
venc
da C
uma
pate

O
laps
jorn
algo
não
eu ri
hum
se n
assi
para
muit
acor
acer
Hum
tem
hum
Já e
lent

N
lom



José Duarte à procura do «non sense»

Artur Portela: «modestamente enfileiro-me nesta linha de s

t Ó R I O S

nho Não mo dá a Pátria, não, que está metida no gosto da cobiça e na rudeza

Camões, Canto X dos «Lusíadas»

zou, depois, durante algum tempo, no *Tim-Tim* onde criou o espião Acácio, um tipinho de orelhas grandes e um pouco estúpido. Poderia ser tido como um reaccionário mas era, mais, um pobre diabo. *«Tinha as características de um herói duro mas não passava de um desgraçado. Estava convencido de que tudo o que lhe acontecia era obra da Carbonária. Tinha dois irmãos monárquicos, uma namorada chamada Marciana e um amigo, paternalista, que era um cientista muito louco...»*

O personagem ainda vive. Sobreviveu ao colapso que vitimou o *Tim-Tim*, indo alojar-se no jornal *«O Sete»*. Humor, para Fernando Relvas, é algo intraduzível. *«Julgo que as minhas coisas não fazem rir. Quando muito fazem sorrir. Mas eu rio-me, às gargalhadas. Nesta altura faço um humor cáustico, azedo e talvez forçado. Quando se não tem segurança económica o humor sai assim. Os portugueses não são tristes se os compararmos com outros povos. Na Alemanha são muito mais tristes, autênticos 'robots'. Aqui acontece uma desgraça e logo se fazem anedotas acerca dela. Mas cá está: é a tradição oral. Humor escrito sai uma estopada. Não me perguntem porquê. Mesmo na área dos cartonistas o humor também é pobre e não me estou a excluir. Já em Espanha é diferente. Fazem-se coisas excelentes sobretudo na banda desenhada.»*

No desenho exprime-se, igualmente, Jorge Colombo, jovem estudante das Belas-Artes que encara o humor *«como uma espécie de óculos escuros»*. Reconhece, todavia, que na sua terra natal, prolifera a sisudez. *«Detesto o humor intencional. Recuso-me a ver filmes chamados de humor... O humor é extrair os vários aspectos das coisas. Imaginemos uns óculos cubistas que dão para abarcar várias faces. Agora, quando as pessoas estão preocupadas em inventar uma fachada nunca serão capazes de fazer nem de entender o humor. Em Portugal? Não sei se conheço Portugal. Conheço um determinado meio geográfico e social... o meio onde me mexo. Um meio lisboeta oscilante entre o pequeno burguês e uma certa inteligência. Depois conheço gente que faz parte da malta dos suspensórios, com medo que lhe caiam as calças. Gente incapaz de admitir o ridículo...»*

Rir do absurdo, rir do desagradável — é loucura? *«Podemos rir para exorcizar os males. É um humor de ataque. Em Portugal não se ri dessa maneira. Na faixa que conheço ou reina uma terrível sisudez ou a tendência para o consumo alarve do ridículo. No campo do desenho gosto do humor subtil. Chateia-me desenhar narizes em batata, calcanhares recuados e mãos roliças... por isso não gosto do Asterix. Tal como não gosto dos desenhos estilizados e esteriotipados. O humor, em banda desenhada, não funciona ao nível da caricatura visual mas, sim, da 'charge' sobre o real que é o eixo de todo o humor gráfico. Há a banda desenhada de enredo e longa-metragem e o 'cartoon', ou seja o 'gag' curto. Prefiro este embora seja mais difícil de sintetizar...»*

Que tal, Robert Crumb? *«Retrata um extracto social muito definido, aqueles 'hippies' todos dos anos sessenta... Margerin é o seu correspondente francês. Escarnece da malta de blusão de cabedal e botas em bico. Goza com os neopintas e neopipis, tipos como eu. É o escárnio da classe... muito anos oitenta. Dos portugueses fazem-me rir o Augusto Cid, primeiro pelo humor da situação e, depois, pelo humor do contexto em que se move, no «Diabo», um jornal de direita. Em termos de escárnio social há que destacar o Fernando Relvas com as suas autocrónicas onde goza consigo e com os seus...»*

Relvas à espera que a inspiração venha

a de sátira...»

O espião Acácio de Fernando Relvas

Fragmentos de humor encontram-se na escultura de Vergílio Domingues. Um humor de cariz político, explícito no avantajado das formas, no grotesco das figuras. Tem uma escultura intitulada *«Paisagem»*, alusiva à repressão na Reforma Agrária, que representa um indivíduo enorme, anafado, com figuras sinistras atrás de si que se identificam com a GNR e os cães. O escultor ofereceu esta peça a uma cooperativa envolvida num projecto de museu. *«Não sou do Alentejo mas gostava de ser na medida em que aprecio a sua paisagem e a sua gente, dotada de um humor fino e inteligente.»*

Para o Museu de Mirandela doou Vergílio Domingues uma outra escultura, inspirada no Alentejo. O tema: uma mesa redonda com vários tipos gordos, sentados à volta, entretidos a marcar reservas num mapa de Portugal, em que o Alentejo surge pintado a vermelho. *«Aquilo lá em cima é capaz de bulir com as ideias políticas mas não faz nada mal que vá para o Norte uma nota do Alentejo.»* Esperemos que em Mirandela, os pê-pêdês e os cedê-esses tenham humor.

Literatura

Em tempos, Artur Portela devotou-se ao humor. Hoje há quem diga que perdeu essa veia. O certo é que desapareceu (retirou-se?) da praça. Limita-se a aparições esporádicas, numa atitude tão séria, tão séria, que até provoca bocejos. Actualmente parece ser um senhor grave e respeitoso. Será? *«Não... estou a pensar em levar para a frente um projecto televisivo chamado 'Feira das Vaidades' que será uma crónica sobre a sociedade portuguesa e internacional. Tratará da relação entre nós e o resto do mundo...»*

Entre as alas deprimidas e acabrunhadas da nossa literatura, o humor imiscui-se pouco, no entender de Artur Portela. Da ironia inglesa, à Swift, distanciada e imperturbável, não temos memória. *«Talvez exista um riso a roçar a sátira pessoal, na linha da caricatura. Há casos como Ramalho e Gil Vicente... e também a prática da ironia e do riso entre os jornalistas e escritores contemporâneos. Lembro-me da ironia amarga de Márim Cesariny ou da ironia agressiva do Castrim. Hoje em dia, o nosso tipo de humor talvez seja mais óbvio e transparente.»*

Que mecanismo provoca o riso? O que o faz, desmandado e incontido, desprender-se, ainda que o tentemos suster? *«Julgo que provém da tensão estabelecida, da expectativa. Uma conclusão inesperada pode provocar o riso. Por exemplo no Tal Canal, brilhante exercício de riso, não de humor, eu ria-me mais com o Casca do que com o Esteves porque este era mais previsível. A caricatura do Casca era bastante mais sangrenta no aspecto social e, a meu ver, mais eficaz, mais desmistificadora no sentido do discurso cultural e político.»*

No teatro, Artur Portela divertiu-se com Dário Fo, na versão de Luís Miguel Cintra; no cinema português não ri. Já riu com a comédia dos anos quarenta. *«Continua a achar os filmes maus mas havia neles talentosos actores e alguns 'gags' excelentes»*. Na imprensa, diz, *«é trágico mas ri-se mais à direita que à esquerda»*. Se os temas não escasseiam por que não ri a esquerda? *«Antes do 25 de Abril a censura obrigava-nos a recorrer à imaginação, à fábula, ao ardil. Foi uma escola de ardil, de código. Agora...»* Será que a esquerda tem um humor, tão negro, que só ri com a censura? Provavelmente atravessamos uma fase transitória e breve. Ainda não aprendemos a despir-nos dos conceitos morais, ditados por velhos modelos históricos ou estaremos acomodados, sem energia?».

Entre os profissionais do humor actuais, Arur Portela cita o nome de Miguel Esteves Cardoso como um caso *«notável de frescura»*. Dos mais antigos mas, ainda em acção, menciona Jorge Listopad, *«o paradigma do humor»*. E você? *«Eu... fui marcado, no aspecto literário, na minha adolescência, por Dickens e Gogol, e mais tarde pelo Eça e o Ramalho. À medida que ia penetrando na literatura, descobri que a sátira era a coluna vertebral ou um dos traços essenciais da nossa criação. Modestamente, enfileiro-me nesta linha de sátira...»*

Dentadura

Seria imperdoável, nesta pesquisa (ui, que pomposo!) de humor português, a omissão da antologia publicada, em 1969, pelo Fernando Ribeiro de Melo, com prefácio de Ernesto Sampaio que também seleccionou os textos e elaborou as notas em colaboração com Vergílio Martinho. A capa é de Sena da Silva e ostenta, num fundo laranja, uma enorme dentadura. Calhamaço grossíssimo que continha humor, desde o século XIII até à data de publicação do livro. Muito boa gente, porém, não foi sensível àquele humor, assim, por atacado. Defeito seu ou da antologia? *«... Nada mais longe da atitude humorística do que esta vida adiada, na medida em que o universo do humor não é o dos formalismos estéreis, mas sim o do desejo a um certo grau inalienável de furor, de revolta muito concreta e angustiante contra as circunstâncias da vida que o mutilam e desviam do seu objecto, mutilando o homem e as relações humanas na sua totalidade.»* (Ernesto Sapaio).

Ao fim de toda esta canseira, ouvindo este aquele, não apurei nada que apagasse as minhas suspeitas. Aníbal Fernandes, tradutor e homem de muitas leituras, confirma-as. *«Uma vez li duzentas páginas que lutavam contra a ineficácia de todas as definições do humor. Era móvel e escorregadio, o tal humor, e sem mais disciplina do que uma superior impassibilidade. Mas se não é fácil encarcerá-lo, sai ao menos de barómetros que o registam: refiro a celeridade muito sua que vence os destroços da hecatombe, uma subversão de teoremas, uma pulverização de ideias petrificadas, o desespero que se oculta e transfigura, às vezes, nas aparências de uma amenidade, também sei dos seus efeitos: os risos — o riso de quem lhe sofre o ataque.»*

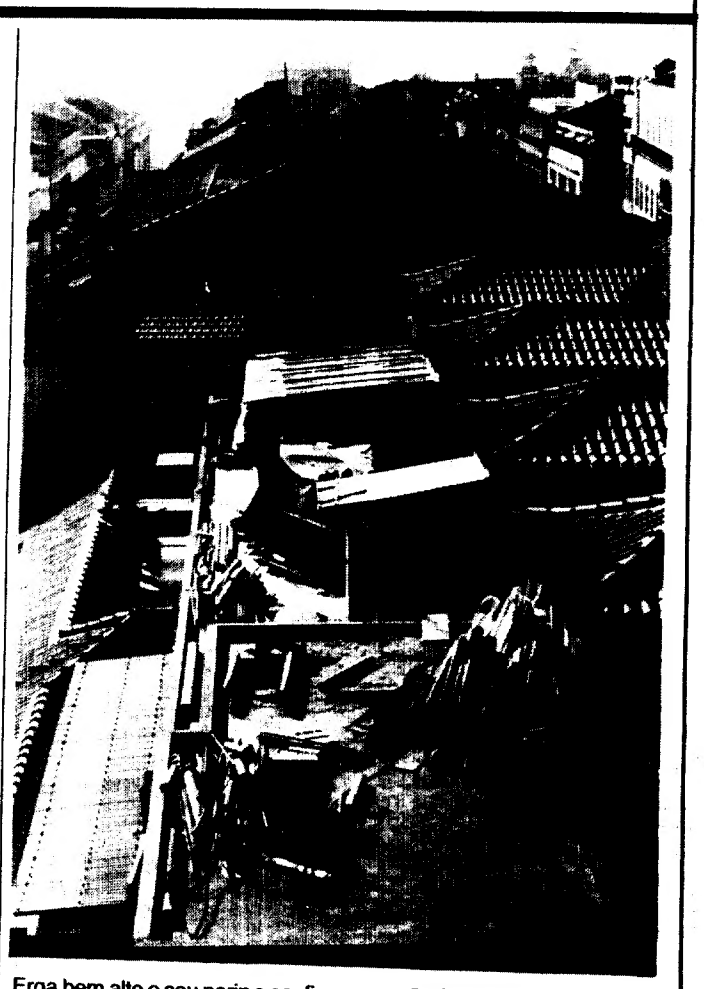
E na literatura? *«Portugal, país da graçola, ri-se muito com ela mas é raro ter humor. Na literatura — que é onde me pedem que esteja — vai-se-nos o esforço num resultado magro de onde se extraem quatro, cinco, arrisco oito, casos de aceitável exemplaridade. Há quinze anos, a editora Afrodite queria dizer-nos o contrário. Os portugueses tinham um humor de 1004 páginas, com a cor e o formato e o peso de um tijolo bem cozido. Quem ria era a dentadura da capa e da frente de um eléctrico. Pois sim! Houve uma época de quatro a que me obriga a chamar fértil, e tem lá dentro o Fialho, o Camilo, o Eça, por simpatia o Ramalho; e muitos anos de mau humor foram precisos para ressurgirem, inesperados, os 'Príncipes' do Aquilino; e depois houve os momentos de Luiz Pacheco e os outros de Portela, no tempo em que era Filho; e houve as centelhas do O'Neil. Estarei a esquecer-me de alguém? Quanto a humor, será que o nosso destino, tac!, vai mudar?»*

Pronto. Inclino-me a pensar como Aníbal Fernandes. Somos desprovidos de humor, com excepções que confirmam a regra. Mas, graças a Deus, ainda vamos rindo com as anedotas que engendramos. Pobrezinhos mas contentes. ■

eriria não morrer estúpido

P A R A Í S O S

Um passeio de coração ao alto pela capital sugerir-lhe-á o tipo de solução que lhe convém. A variedade das versões achadas pelos pioneiros convencê-lo-á de que, no telhado, apenas «the sky is the limit», como costumam dizer as companhias de aviação.



Erga bem alto o seu nariz e confirme que não é o primeiro a pensar nisso.

A propósito de lugares ao sol

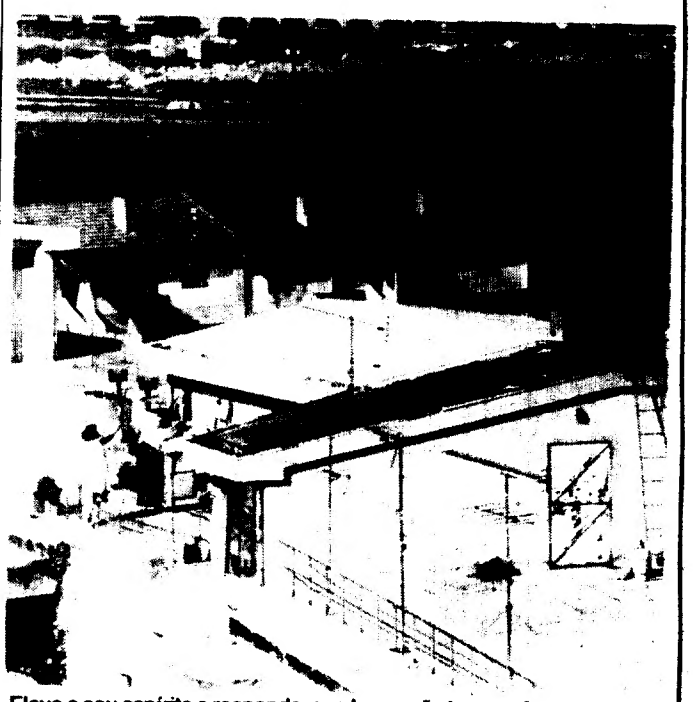
Só você é que ainda não pensou em fazer ninho no telhado

Vivenda bem esgalhada por arquitecto maldosamente reciclado, casa de porteiro subalugável às cavalitas de um décimo andar, prefabricada montável enquanto o dianho esfrega o olho, marquise de alumínio convertível em uma assoalhada sem Kitchnette (adapta-se-lhe uma levando para lá um campimg-gás), pequeno-barraco-para-arrecadar-apenas-alfaias-agrícolas num terraço das avenidas novas, discreto refúgio de montanha por detrás de uma água-furtada na Lapa... O que falta ao lisboeta é imaginação niuiorquina. A solução está lá no alto: construa, alugue, adapte, amplie, transforme, compre... no telhado!

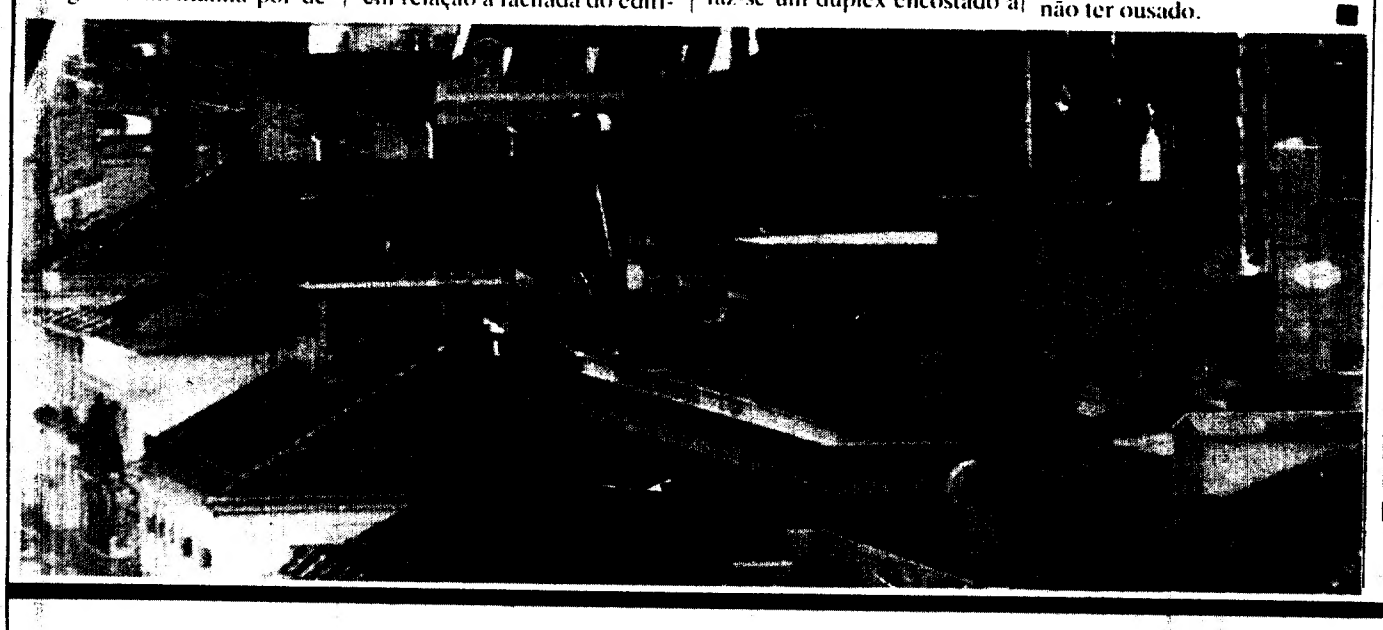
Acabou a fome de terra (vulgo falta de terreno), a parte-de-casa, a família enlatada, acabaram os quinhentos contos pela chave, os mil contos de entrada, o crédito sobre a sua vida, a renda ilimitada. Faça você mesmo, mas faça lá em cima! Lá onde sobra o espaço. Lá para onde ninguém olha (como dizia Baden-Powell: esconda-se no cimo da árvore, porque o homem não olha para cima quando anda, com medo de partir o queixo em algum obstáculo baixo). Faça você mesmo, de preferência ligeiramente recuado em relação à fachada do edifício, porque é mais discreto ainda e porque assim terá, de bónus, um solário, uma varanda recatada, um miradouro sobre a cidade.

Português Suave Filtro

Nem sequer é original: um armazém da Baixa já assim fez um salão de chá, um mecânico de automóveis já assim fez um estúdio de gravação pirata, mil e um senhorios já assim acrescentaram um andarzito ao seu imóvel... Vistas as coisas mais de perto, só você é que ainda não fez nada no telhado, caramba. E no telhado faz-se tudo: empresas, negócios com divisas, rádio-amadora, filhos... porque não uma casita, hã? Num terraço fazem-se oito assoalhadas com piscina, faz-se um casebre disfarçado de caixa do elevador, faz-se um duplex encostado à chaminé do prédio, e às vezes, escavando um pouco, faz-se um jardim! Comece, você também, a mudar a face de Lisboa! Já pensou no que parecerá a Avenida dos Estados Unidos quando, no alto dos prédios de apartamentos, nascerem verdadeiras aldeias minhotas? Já pensou nos cimos lisos da Portela, quando se encherem de pequenos aglomerados serranos, com as suas chaminezinhas fumegantes de onde se voltará a desprender o fedorzinho a canja? A cidade e as serras outra vez, em harmonia... Veja — mas de cima, com olho crítico — a Infante Santo, a encosta das Olaias, Miratejo... e prepare os tijolos. Que diabo, homem: não guarde cá para baixo o que pode fazer lá em cima e não seja, mais uma vez, o único a não ter ousado. ■



Eleve o seu espírito e responda: que boa razão tem você para não fazer como eles fizeram?



A autoconstrução nos pincaros é a única que o fará subir na vida Encha os pulmões de ar puro: prefira por cima do vigésimo andar.

Sete Ponto Sete

L I M B O S

Stop Secret

Pensou-se que os métodos de codificação invulneráveis tinham sido encontrados. Mas eis que chegam os «decifradores»...

Maurice Arvonny

A criptografia, arte de cifrar mensagens, é uma ciência muito antiga que só interessava até há pouco um reduzido número de especialistas. Desde há alguns anos conhece, porém, um redobrado interesse. O desenvolvimento da informática e a necessidade de fazer transitar de computador em computador mensagens contendo informações frequentemente confidenciais, relançaram as pesquisas. Novos processos de cifragem apareceram, com aspectos que pareciam promissores. Mas a técnica de decifração de códigos também tem feito rápidos progressos, e os métodos que pareciam muito seguros, talvez o sejam menos do que se julgava.

Em 1976, dois investigadores da Universidade de Stanford, Whitfield Diffie e Martin Hellman, lançaram uma pedrada no charco dos sistemas de criptografia. Em primeiro lugar, explicaram que um computador especialmente concebido com essa finalidade, poderia desmontar o Data Encryption System (DES), um método de cifragem informática elaborado pela IBM e cuja adopção pelos organismos de normalização estava em curso. Depois, propuseram um novo sistema de codificação, dito de «chave pública»:

A ideia de base é que existem funções matemáticas praticamente não «inversíveis»: aplicar uma tal função às informações que se pretende codificar, pode ser feito simples e rapidamente; realizar a operação inversa, isto é, descodificar a mensagem, exige um tempo astronómico, salvo no caso de se dispor de uma informação específica, uma chave, que não aquela utilizada na operação de codificação. O destinatário das mensagens pode, assim, difundir sem precauções particulares o modo como é necessário codificar as mensagens; só ele sabe como descodificá-las. A chave dessa operação é pública, mas a da descodificação continua a ser apenas conhecida por ele. Com os códigos clássicos de chave partilhada — o DES é um deles — a mesma chave serve para as duas operações de codificação e descodificação; o destinatário deve, portanto, entender-se com o ou os expedidores no que se refere a esta chave. Se os expedidores forem numerosos, o risco de «fuga» torna-se importante.

Outros investigadores propuseram realizações práticas de tais sistemas. Uma delas baseia-se na decomposição dos números em factores-primos. É uma operação praticamente impossível para números de algumas dezenas de algarismos, embora seja relativamente fácil saber se o número é ou não primo, isto é, se tem ou não divisores. O destinatário das mensagens escolhe dois grandes números-primos, faz o seu produto e torna-os públicos. Para codificar, só é necessário o conhecimento do produto. Para descodificar, é necessário conhecer os dois factores, mas é muito difícil deduzi-los apenas a partir do conhecimento do seu produto.

Um outro método tem a ver com o problema do «saco às costas»: como encher um saco que se leva às costas com pedras de pesos dados à partida, para obter um total que nos é imposto?

De um modo geral, não existe outro método conhecido que não seja tentar sucessivas combinações possíveis. Mas o problema é fácil se o peso das pedras satisfazer uma certa desigualdade[1]. A técnica de codificação está, grosso modo, a partir de «pedras» cujos pesos satisfazem a desigualdade atrás citada, «deduzir» outras cujos pesos não obedeçam a esse critério, e de utilizar estas últimas na codificação. A descodificação só é simples, neste caso, para quem souber fazer a dedução inversa e voltar ao jogo de «pedras» inicial.

Qual é a dificuldade exacta de decifrar as mensagens assim codificadas? Julgava-se que ela fosse pavorosa. Mas em Abril passado, o matemático israelita Adi Shamir — um dos inventores do processo baseado no produto dos números primos — provou que a cifragem pelo método do «saco às costas» era vulnerável. É exacto que se se tomar um qualquer conjunto de pedras, o enchimento do saco — noutros termos, a decifração da mensagem — exige um tempo proibitivo. Mas, precisamente, o conjunto utilizado para a cifragem não é qualquer um. Ele é deduzido mediante um certo tratamento matemático, de um conjunto que permite a rápida descodificação. Adi Shamir mostrou como se podia inverter este tratamento matemático e, portanto, decifrar o código. A operação de inversão é longa, mas materialmente realizável. Falha para certas variedades do código do «saco às costas», mas nada garante que esse fracasso seja definitivo.

Recentemente, um outro tipo de código de chave pública — segundo parece, foram ensaiadas pelo menos oito tipos de funções praticamente não «inversíveis» — foi igualmente tornado inoperante por Donald Coppersmith, um investigador do laboratório nova-iorquino da IBM[2]. Os processos de codificação informática manipulam algarismos binários 0 e 1. As regras da aritmética binária são simples: O mais 0 igual a 0,0 mais 1 igual a 1,1 mais 1 igual a 0 «e sobra 1». Nesta aritmética, não se sabe de facto inverter a função utilizada. Mas se utilizarmos uma aritmética diferente, em que 1 mais 1 igual a 0, sem resto, a inversão é fácil e não exige mais do que alguns minutos ao computador. Apanhar o código e decifrar a mensagem, já não é mais difícil do que cifrá-la.

Como foram feitos nos últimos anos grandes progressos nas técnicas de factorização de números, poderia suceder também que o código baseado num produto de factores-primos fosse vulnerável, e que nenhum código de chave pública fosse realmente seguro. Em princípio, podem-se reforçar os códigos utilizando números maiores — por exemplo, duzentos algarismos em vez de cem. Mas o trabalho necessário à cifragem da mensagem aumenta consideravelmente. Sucede que um processo de cifragem, além de dever ser seguro, tem também que ser prático.

Os códigos de chave pública são de utilização bastante menos simples do que o DES. São principalmente utilizados para comunicar chaves partilhadas do DES. O emissor da mensagem cifra-a seguindo o processo DES, utilizando uma chave que ele próprio escolhe, e dá a conhecer esta chave ao destinatário, utilizando um código de chave pública que só este último pode decifrar. Isso permite mudar frequentemente a chave do DES. Que ela seja acidentalmente conhecida por um terceiro, não é grave: este último só a poderá utilizar até à próxima alteração. Em última análise, pode alterar-se a chave em cada mensagem.

Que os códigos de chave pública sejam falíveis, é circunstância que se repercute sobre a segurança das transmissões informáticas que utilizam o DES. Além disso, descobriu-se recentemente que este comportava alguns defeitos. Trata os números binários, os «bits», por grupos de 64; mistura os «bits» de cada grupo seguindo as indicações fornecidas por uma chave de 56 «bits». Mas acontece que algumas chaves são «fracas»: a mistura que fornecem... não fica especialmente bem misturada. Reencontrar o texto inicial não é uma tarefa impossível. Conhecem-se diversas categorias de chaves fracas, mas não uma lei geral. Por outras palavras, nada pode garantir que uma dada chave não seja fraca.

O matemático que demonstrasse que uma técnica de cifragem era inatacável, quaisquer que fossem os meios utilizados, seria acolhido como o Messias por todos os que se preocupam actualmente com a criptografia. Mas este matemático não existe. E poderia acontecer que o teorema fosse diferente e enunciasse que, fosse qual fosse o procedimento de cifragem, era impossível provar a sua intocabilidade. Os matemáticos já têm às costas numerosos teoremas da impossibilidade. Se demonstrarem um relativamente à criptografia, os decifradores estarão condenados a procurar eternamente técnicas mais seguras, sem todavia saberem jamais se elas o serão realmente.

[1] O peso de cada pedra deve ser superior à soma dos pesos de todas as pedras mais leves. Para encher o saco, basta começar pela mais pesada, e seguir a ordem dos pesos: se a pedra entra no saco, consideramo-la; se sai fora, é rejeitada. As caixas de pesos que são utilizadas com balanças satisfazem esta desigualdade, e é por isso que se podem encontrar sem dificuldade os pesos que equilibrem o objecto a pesar.

[2] «Science», 16 de Dezembro de 1983. ■

Henry Fonda explica a Yul Brunner, «Trânsfuga» do seu país, um código da CIA, em «A Serpente», de Henri Verneuil (1972)

Mensagens pessoais

«Abat-Jours»

Todos os tipos. Vendo. Bons preços. Fabrico. Restauro.
Desconto aos Leitores deste jornal.
Av. do Brasil, 182, traseiras.
Telefone 881937 — 1700 LISBOA

Correspondência

Troco correspondência e postais para fins de desenvolvimento sociocultural e de amizade.
António Allen 24 anos
Rua Vicente Esteves, 6-1.º Dt.º 2700 AMADORA

Célula

Vendo célula Ortofon VMS-30 4500.00
Telef. 276 61 50 (almoço ou jantar)

Selos

Vendo seguintes colecções selos todos diferentes, muitos clássicos, 5 000$00 cada colecção:
Estados Unidos: c/516 selos. *Inglaterra:* c/436 selos, sendo 101 novos, 5 blocos. *Luxemburgo:* Álbum Eládio c/315 selos, sendo 263 novos. Quem ficar c/os 3 álbuns, leva gratuitamente capa encadernada, ferragens, caixa protectora. Facilita-se pagamento.
Escrever: ALC. Rua Diogo Bernardes, 6-1.º-D
1700 LISBOA

Sente-se só?

Escreva-nos. Somos um grupo de pessoas de ambos os sexos que organiza iniciativas culturais e de convívio. Venha conhecer pessoas interessantes. Temos já uma excursão no início de Março e outras iniciativas programadas. Há sempre alguém à sua espera com quem gostará de conviver.
Responda a C. Costa, Apartado 1332
1009 LISBOA CODEX

Onde estão?

Desejo contactar Maria de Fátima Benarguedes Abragão, Alcina ALvarez da Silva, José Antunes Magalhães e esposa. Escrever para: Ana Maria Santana, Rua S. João Baptista de Ajudá n.º 37-1.º Esquerdo 2830 BARREIRO

Andar Caparica

Vendo r/c em acabamentos para comércio, ou habitação área 100 m² frente a parque de campismo, na Costa de Caparica, paragem da Rodoviária à porta, óptimo local.
Resposta ao telefone 76 35 78 ou 290 33 36.

Simca 1100

Vende-se Simca 1100. Fins de 1973. 5 portas. Faróis antinevoeiro. Bom estado.
Telefonar depois das 18 horas 99 45 41.

Escritas

Se pretender montar, actualizar ou simplesmente colaboração na vossa escrita, seja em que sistema for, não hesite, contacte já com Fernando Cesário — Rua de Pedrouços, 63-R/C Esq.º — 1400 LISBOA Telef. 61 15 13.

Carta do Brasil

Desejo trocar revistas desportivas (principalmente sobre futebol), postais e outros temas de interesse. Respondo imediatamente. Jailton Pereira Lopes, Rua João Pinto Coelho, 83, 28470 — Santo António de Pádua, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Colecção Argonauta

VENDO números antes do 100 a bom preço. Telefone: 321154, das 10h às 19h. Paulo Mesquita

Atrelado Combi-Camp

Vendo, modelo 1900, em estado impecável, com panos e dobradiças novos, e colchão de espuma, forrado, por 80 000$00. Contactar Armando Silva, pelos telefones 65 80 31 ou 68 17 46 (este último depois das 21 horas).

Vida Soviética

Desejo comprar ou trocar os seguintes números da revista «Vida Soviética»: n.º 1 Maio 1975, n.º 3 Julho 1975, n.º 4 Agosto 1975, n.º 6/7 Outubro/Novembro 1975, n.º 20 Janeiro 1977 e n.º 21 Fevereiro 1977. Preciso para encadernar. Condições a combinar agradeço contacto. Francisco João Borracha. Rua Cristóvão Figueiredo 10-r/c-Dt.º 2900 SETÚBAL.

Instrumentos musicais

Vendo cabeça P.A. 125 w. c/2 colunas. Viola eléctrica seis cordas Ibanez. Facilidades de pagamento. Telef. 89 52 97 (Tony) só de manhã.

Reformado procura casa

Reformado do Estado, casado, com a idade de 76 anos e minha mulher com 75, procuro casa em Sintra ou Caxias, com uma renda acessível e humana. Como sei ser muito difícil nos tempos que correm dou indemnização. Creio haver em Portugal ainda gente de bem. Cristóvão da Costa Gonçalves — Praceta Alves Redol, 5-r/c Dt.º 2780 Caxias.

doces crónicas

Flores de estufa

«Torres Couto anda perdido».

Constantino Vicente
«o País», 1.3.84

«Posso garantir que não irá faltar aos portugueses nem trabalho nem salários».

Mário Soares
«o País», 1.3.84

«Para as empresas públicas vamos buscar os melhores e não os filiados em partidos».

António Campos
«o País», 1.3.84

É absurdo que alguns dirigentes do PSD entendam ser melhor a candidatuira de Mário Soares do que a de Mota Amaral».

José Vitorino
«a Tarde», 1.3.84

«O celibato é uma das grandes glórias e um dos maiores valores da Igreja Católica».

Adelino Alves
«o Dia», 2.3.84

«Nesta telenovela aparece um jovem, tipo pãozinho sem sal fazer de «padre» Romão. O rapaz poderia ter sido escolhido para moço de balcão ou para criado de mesa,. até porque tem um aspecto asseado. Mas para fazer figura de um padre, santo Deus!».

Idem

«Parece que a autora daquela parvoiçada (da telenovela) faleceu há dias, no Brasil. S. Pedro talvez já lhe haja dado lição sobre o que, por que existe e para que serve o celibato».

Idem

«A burguesia é manhosa».

Mário Tomé
«D.P!», 27.2.84

«O Sporting e o Benfica, os dois grandes esteios da sociedade portuguesa».

Veiga Simão
«A Bola», 27.2.84

«A vitória de Mota Pinto, há-de permitir o aparecimento de um novo élan. De outra forma não valia a pena que tivesse ganho as «primárias» do seu Partido».

Nuno Rocha
«Tempo», 1.3.84

«Ao ganhar o congresso, como tudo indica, Mota Pinto adquire a estatura de um grande leader político, português».

Idem

Clip

● Em pleno Carnaval, mal pareceria não falar dele. Assim sendo, avisamo-lo que nos bares lisboetas se prevê para hoje uma inflação (ainda maior que a habitual) de música brasileira. Se prefere sons africanos então passe pela Nova Opinião onde, a partir das 22.30, Carlos Barroco e José Fabião apresentam «Batukada» (o carnaval em S. Vicente e Cabo Verde). No Porto, a noite é de Carlos Mendes. Às 21.30, no Pavilhão Académico. Na quarta-feira, chamada de cinzas, e quem sabe em plena ressaca, não abrande o ritmo e vá até ao Café Teatro da Comuna. Aí, a partir das 21.30, estará em reposição o espectáculo Boa Noite, Lua Nova com Clara Pinto Correia, Rosa Simões, João Lucas, Maria João Moreno e Pedro Salgado. Quinta-feira é tempo de jazz para os que estão nas Caldas da Rainha. O Quinteto de Maria João toca na Casa da Cultura a partir das 21.30.

● Quem não gosta do Carnaval tem hoje oportunidades de o ver passar ao lado. A primeira é ficar em casa e ligar às 20.30 a Televisão. Na RTP-2 vai para o ar a essa hora «Roma, Cidade Aberta» de Rossellini.

A segunda é-lhe dada pelo Quinteto, onde às 24 horas passa «O Cowboy da Meia-Noite» de Schlesinger e que conta com uma das maiores interpretações de Dustin Hoffman. «Difamação» um «senhor» filme de Hitchcock espera também por si, mas só até quinta-feira. Às 23.30, no Quarteto. No mesmo cinema e a igual hora, um filme de ficção científica soviético «Solaris», realizado por Andrei Tarkovoki e baseado no livro homólogo do polaco Stanislaw Lem. Na sexta-feira.

● Mas sexta-feira é dia de bailado. No Grande Auditório da Gulbenkian, o Ballet com o nome da fundação volta a apresentar quatro bailados coreografados por dois portugueses: Olga Roriz e Vasco Wellenkamp. São eles «Encontros», «Percursos», «Livro dos Seres Imaginários» e «Lágrimas». Realce para os dois últimos que têm por base, respectivamente, um conto de Jorge Luís Borges e a música de Nina Hagen.

● Se procura pretexto para uma volta a Cascais, eis aqui um: a peça «Chorar para Rir» de Marcel Sabourin e levada à cena pelo Teatro Experimental de Cascais. Terça-feira às 17.30; sábado às 15.30 e 21.45 e domingo às 15.30 e 17.30. Francisco Nicholson e António Feio estão, por seu turno, no Café Teatro da Comuna. Às quintas e domingos com um espectáculo cujo extenso nome é o seguinte: A Mamã é Fresca!... Está no frigorífico para ficar com as carnes mais fresquinhas. ■